



UFRJ
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ
Centro de Filosofia e Ciências Humanas -CFCH
Instituto de Filosofia e Ciências Sociais – IFCS
Programa de Pós-Graduação em Filosofia - PPGF

Tese de Doutorado em Filosofia

Por **Ana Lúcia da Silva Raia**

**ESCREVIVÊNCIAS E QUARTO DE DESPEJO:
Quem irá contar essa história?**

Orientador: **Prof.º Dr. Wallace dos Santos de Moraes**

Rio de Janeiro
2024

ANA LÚCIA DA SILVA RAIA

**ESCREVIVÊNCIAS E QUARTO DE DESPEJO:
Quem irá contar essa história?**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Filosofia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais
da Universidade Federal do Rio de Janeiro – PPGF
do IFCS/UFRJ – como requisito para a obtenção do
grau de Doutora em Filosofia.

Orientador: Prof.º Dr. Wallace dos Santos de Moraes

Rio de Janeiro
2024

CIP - Catalogação na Publicação

R149e Raia, Ana Lúcia da Silva
Escrevivências e Quarto de Despejo: Quem irá
contar essa história? / Ana Lúcia da Silva Raia. --
Rio de Janeiro, 2024.
176 f.

Orientador: Wallace dos Santos de Moraes.
Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio
de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências
Sociais, Programa de Pós-Graduação em Filosofia,
2024.

1. Escrevivências. 2. Processo de cura. 3.
Quarto de Despejo. 4. Colonialidade. 5. Mulheres
negras. I. Moraes, Wallace dos Santos de , orient.
II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

ANA LÚCIA DA SILVA RAIA

**ESCREVIVÊNCIAS E QUARTO DE DESPEJO:
Quem irá contar essa história?**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro – PPGF do IFCS/UFRJ – como requisito para a obtenção do grau de Doutora em Filosofia.

Data da Aprovação
09/12/2024

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Wallace dos Santos de Moraes – Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof.^a. Dr.^a Helena Teodoro - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof.^a. Dr.^a Maria Clara Dias - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof.^a. Dr.^a Mariana Gino - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Flávio Gomes - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Rafael H. Lobo - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Ivanir dos Santos - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Laroyê!
Atirando uma pedra hoje, mata um pássaro ontem.
Okiri de Exu

**As batalhas de hoje já começaram há muito tempo e
que Exu está em cada uma dessas lutas desde muito antes até
muito depois. O combate de agora não é de agora que se luta.**
Escrito popular

ADVERTÊNCIA

Todas as citações de Carolina Maria de Jesus transcritas neste trabalho respeitam rigorosamente o padrão ortográfico da autora, a gramática do cotidiano, tal como impresso na primeira edição de seus livros publicados.

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho a todos/as Ancestrais, que me inspiraram a construir essa tese.

À Maria Rita, Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo, mulheres negras que, com sua força e coragem, tornaram esse trabalho possível.

AGRADECIMENTOS

À Espiritualidade e aos Ancestrais, sem esses elementos existenciais não teria sido possível produzir um texto que falasse sobre a cura através das Escrevivências.

A todas as mulheres negras da minha Família que vieram antes de mim! Eu não estaria aqui se não fossem as mulheres e homens negros trabalhadores e sobreviventes, que vieram antes de mim.

À Maria Rita, mulher forte, minha mãe, inspiração para enfrentar os caminhos dessa Pesquisa.

À Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo, mulheres que, através de seus escritos, me ensinaram a importância de estarmos em rede, no afeto e na dor.

Ao Severino (In memoriam), meu pai, um homem que brilhava mais do que o Sol, e me fez acreditar que sonhos não envelhecem...

À minha família: Ana Cristina, Antonio Gabriel, Antonio Robson, Karina e Nisma por acreditarem e vibrarem por essa conquista.

Ao orientador, professor dr. Wallace dos Santos de Moraes, pela compreensão e gentileza nos apontamentos críticos. Por toda a liberdade dadas a mim, durante o processo de produção desta tese, cujas palavras, provocações, desafios, companheirismo e colaboração, transformaram meu olhar. Gratidão pelo seu abraço!

À Banca de avaliação de Qualificação e Defesa, nas pessoas ilustres da Prof.^a dr.^a Helena Teodoro, Prof.^a dr.^a Maria Clara Dias, Prof.^a dr.^a Mariana Gino, Prof. dr. Flávio Gomes, Prof. dr. Rafael H. Lobo e Prof. dr. Ivanir dos Santos. Gratidão por permitirem enriquecer o debate com tamanha relevância acadêmica e sabedoria ancestral.

Ao Coletivo de Pesquisa Quilombo da UFRJ, que por tantos momentos me apoiaram nessa caminhada e discussões para uma construção de uma tese com o rigor e estrutura acadêmica, mas envolta num ambiente de acolhimento e cuidado com o outro.

Ao Programa de Pós-graduação em Filosofia - PPGF, pela formação e pela relevância do Programa sem o qual nada disso seria possível.

Aos amigos e amigas, que nesse período, foram lugar de acolhimento e de abraços, em especial, as amigas Carla Regina dos Santos Rocha e Isadora Gonçalves França..

À Fundação Paulo Freire, pela concessão da Bolsa de Estudos. Esse Projeto visa contemplar professores/as da Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, que ingressam

no Curso de Mestrado e Doutorado, em que os temas de pesquisa tenham relevância para contribuir com os debates e as práticas escolares.

RESUMO

RAIA, Ana Lúcia da Silva. **Escrevivências e Quarto de Despejo: quem irá contar essa história?** 2024. 176 f. Tese. (PPGF – Programa de Pós-graduação em Filosofia), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

Apresento a tese “Escrevivências e Quarto de Despejo: quem irá contar essa história?” baseada nas obras de Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo. Escritos que se justificam por ser mais um instrumento para demonstrar que um texto que respeite o rigor acadêmico pode ser atravessado por Escrevivências. Objetivo analisar a escrita das supracitadas autoras, identificando as múltiplas violências a que os corpos negros são submetidos, apoiados na perspectiva metodológica da própria Escrevivência, respaldada no estudo descritivo da pesquisa qualitativa proposta por Minayo. As hipóteses que cogito comprovar partem do pressuposto de que os escritos de Carolina e Conceição são apresentados como um processo de cura sendo impregnados por conceitos das teorias libertária e decolonial, tais como: ajuda mútua, horizontalidade, autogoverno, liberdade, respeito ao outro, colonialidade do ser, do saber e do poder, racismo institucional, racismo literário, Necrofilia Colonialista Outrocida e historicídio. O referencial teórico está baseado em teóricos: a) decoloniais, como Aníbal Quijano, Grosfoguel, Maldonado Torres, Enrique Dussel e Maria Lugones; b) Teóricas do feminismo negro, como Sueli Carneiro, Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento e as estadunidenses, bell hooks, Patrícia Hill Collins e Angela Davis; c) Teóricos libertários, como Kom’boa, Kropotkin e Moraes. Utilizaremos Quarto de Despejo como um conceito, que é atravessado por lugares e corpos descartáveis, sujos, que servem como depósitos dos restos que não são utilizados pela sociedade, um quarto de despejo que ultrapassa a esfera física e perpassa pelo despejo que os corpos negros observam nos olhares, gestos, falas racistas, enfim, que está explícito e implícito em seu cotidiano. Utilizarei a cura como um conceito, baseado na ideia do amor como cura, de bell hooks. Cura como sentido de volta ao passado, de restabelecimento, de superação, de celebração dos/as nossos/as mais velhos/as, sendo apresentado de forma implícita e explícita no bojo do texto. Uma cura que transcende o eu e perpassa pela ancestralidade, pois, ao curar-se, todos os ancestrais são curados. Por fim, a título de conclusão, no bojo das escrevivências trazidas por Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo, ressalto a escrita como um processo de cura.

Palavras-chave: Escrevivências, Processo de cura, Quarto de Despejo, Colonialidade, Mulheres negras.

ABSTRACT

RAIA, Ana Lúcia da Silva. *Escrevivências and Quarto de Despejo: who will tell this story?* 2024. 176 p. Thesis. (PPGF – Postgraduate Program in Philosophy), Federal University of Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

I present the thesis “*Escrevivências and Quarto de Despejo: quem vai contar essa história?*” based on the works of Carolina Maria de Jesus and Conceição Evaristo. These writings are justified by being yet another instrument to demonstrate that a text that respects academic rigor can be permeated by *Escrevivências*. The objective is to analyze the writings of the aforementioned authors, identifying the multiple forms of violence to which black bodies are subjected, supported by the methodological perspective of *Escrevivência* itself, supported by the descriptive study of the qualitative research proposed by Minayo. The hypotheses that I intend to prove are based on the assumption that the writings of Carolina and Conceição are presented as a healing process, being impregnated by concepts from libertarian and decolonial theories, such as: mutual aid, horizontality, self-government, freedom, respect for the other, coloniality of being, knowledge and power, institutional racism, literary racism, Colonialist Necrophilia Othercide and historicicide. The theoretical framework is based on theorists: a) decolonial, such as Aníbal Quijano, Grosfoguel, Maldonado Torres, Enrique Dussel and Maria Lugones; b) black feminist theorists, such as Sueli Carneiro, Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento and the Americans, bell hooks, Patrícia Hill Collins and Angela Davis; c) libertarian theorists, such as Kom’boa, Kropotkin and Moraes. We will use *Quarto de Despejo* as a concept, which is traversed by disposable, dirty places and bodies, which serve as deposits for the remains that are not used by society, a dumping room that goes beyond the physical sphere and permeates the dumping that black bodies observe in racist looks, gestures, speeches, in short, which is explicit and implicit in their daily lives. I will use healing as a concept, based on bell hooks’ idea of love as healing. Healing as a sense of returning to the past, of reestablishment, of overcoming, of celebrating our elders, is presented implicitly and explicitly in the text. A healing that transcends the self and permeates ancestry, because, when one heals oneself, all ancestors are healed. Finally, as a conclusion, in the context of the writings brought by Carolina Maria de Jesus and Conceição Evaristo, I emphasize writing as a healing process.

Keywords: Writings, Healing process, *Quarto de Despejo*, Coloniality, Black women.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	4
1. A PELE NEGRA NOS FAZ CONDENADOS DO PRESENTE?	22
1.1 Colonialidade de gênero: feminismo decolonial e resistência	26
1.2 As subjetividades femininas e seus reflexos como resistência	28
1.3 Descolonizar é optar pela vida	36
1.4 Um mergulho nas Escrevivências	40
1.5 As subjetividades de um corpo negro	42
1.6 Entre dores e danos: precisamos prosseguir	49
1.7 Colonialismo e a não existência do outro	53
1.8 O enegrecimento do Feminismo no Brasil	55
1.9 A senioridade e a ancestralidade: um encontro entre Carolina Maria de Jesus e Oyèrónkẹ Oyěwùmí	65
1.9.1 Senioridade e Ancestralidade	69
2 CAROLINA, UMA MULHER QUE SE NEGOU A SER DESPEJO	80
2.1 O cotidiano através de um romance	90
2.2 Carolina, andariça de um tempo	92
2.3 O que há por trás dessa história em que Carolina e seus cadernos descobrem Audálio Dantas?	98
2.4 O prêmio Carolina Maria de Jesus – Carolina seria premiada?	102
2.5 Racismo editorial e literário: até quando?	105
2.6 Conselho editorial: um coletivo que reverencia Carolina	119
3 OUTSIDER WITHIN: A RECUSA DA POSSIBILIDADE DE SER OUTRA	126
3.1 A escrita do cotidiano: uma escrita que retrata a cura	131
3.2 As dores que sentimos calada	139
3.3 A escrita da diferença: um olhar sobre as opressões	142
3.4 Favela é lugar de gente que se quer bem	146
3.5 Para Conceição Evaristo a escrita é um lugar de cura ou não?	150
CONSIDERAÇÕES FINAIS	154
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	162

INTRODUÇÃO

Conceição Evaristo¹,

Que as palavras consigam demonstrar toda a gratidão por hoje poder entender a potência do amor de minha mãe, Maria Rita, por mim... Antes de ler seus escritos não conseguia entender o amor de uma mulher negra. Descobri que esse amor passa pela dor, medo, incertezas, mas passa também pelo cuidado, luta e alimento. Demorei a entender o quanto nós, mulheres negras, demonstramos nosso amor cuidando dos nossos. Foi assim com nossos ancestrais e ainda é.

Sinto que você já conhece Maria Rita... Ela poderia perfeitamente ser uma das protagonistas dos seus contos. Mulher negra, moradora de favela, criou quatro filhas em Cidade de Deus, ambiente de dor, morte e fome. Seu trabalho como faxineira era a esperança de poder fazer a vida de suas filhas ser diferente e foi! Para ela o estudo era a chave para uma vida com mais esperança. Através de seu trabalho alimentou e cuidou de cada uma de nós. Protegia suas crias de longe pois, se o fizesse de perto, não traria o alimento para a casa. Precisava acreditar no quilombo que tinha vivenciado com os seus ancestrais e que, agora, vivenciara com suas filhas... Tinha muito medo de não acertar, pois como toda mulher preta, temos que provar o tempo todo que somos fortes!

Em Olhos d'água relembrei um passado de dor... Maria Rita, ao contrário da personagem desse conto, não chorava. Engolia a dor, pois chorar era demonstrar fraqueza e ela tinha que ser forte o tempo todo para que suas filhas não sentissem medo.

Descobri, em Insubmissas lágrimas de mulheres, a potência da força de Maria Rita e, de tão emocionada com essa descoberta, consegui dizer que a amava! Sim! Eu disse que a amava e o quanto admirava a mulher que me tornei, a partir do olhar dela. Uma emoção de descobrir, através das histórias, que a vida de Maria Rita era a de todas aquelas personagens e que só me tornei quem sou por ela ser essa mulher que nos cuidou e nos amou mais que o próprio amor. Um amor que nós, mulheres negras, achamos que não conseguimos expressar, pois temos que nos proteger e aos nossos! E ela soube como fazer. Foram tantos os cuidados que pensei que não fosse amor. Protegeu suas crias, engoliu seus medos e dores para se mostrar forte e acreditamos! Nos tornamos mulheres fortes a partir dela...

Maria Rita desistiu dela para nos cuidar. Agora entendo que essa foi sua grande tarefa nessa vida... Durante muito tempo pensei que meu pai fosse o Sol, mas ela mostrou, quando ele não estava mais aqui entre nós, que pelas suas filhas, uma mãe negra se impõe.

Penso que só descobri sua força através das histórias de outras mulheres negras. Aprendi a reverenciar as histórias de nossos ancestrais através dos seus escritos e de Carolina Maria de Jesus, escritoras negras que descrevem suas personagens e ressurgem em cada uma de nós que pensa ser mulher comum... Não há uma vida negra que seja comum, pois o amor para nós, cura.

¹ Texto publicado no Livro “Cartas para Esperança”, com as 50 melhores cartas escritas para uma mulher que inspirou você a ser quem é. Tive o prazer de ser uma das contempladas com a escrita da carta para a escritora Conceição Evaristo. Homenagem pelos 10 anos da Flup, publicado em 06/09/2021, pela Editora Malê.

Desde cedo aprendemos que chorar é demonstrar fraqueza e que o alimento é essencial e tem o valor de um abraço. O amor de uma mãe preta está na proteção, no cuidado e ela sempre soube que era esse o caminho!

Conceição, obrigada por nos emocionar com os seus escritos e nos mostrar que muitas vezes o amor é potencializado pela proteção. Nós, mulheres negras, amamos através do cuidado, do amparo, do alimento... Amamos na perpetuação da nossa identidade e da nossa existência! Estar presente é amor e isso Maria Rita soube fazer como ninguém...

Ana Lúcia Raia
Rio de Janeiro/RJ

Abro a tese com essa carta para Conceição Evaristo, pois ela diz muito sobre o tema que irei pesquisar. A temática *Escrevivências e Quarto de Despejo: quem irá contar essa história?* atende a uma política de resgate da ancestralidade, cultura afro-brasileira e diáspora. É uma forma de trazer para a superfície histórias de vida de mulheres negras, que com suas lutas transformaram suas vidas e a de outros/as. Uma reflexão sobre a memória afro-brasileira, silenciada e embranquecida durante o processo forçado da diáspora, que se perpetua até os dias atuais, por isso, a importância da memória que visa atualizar informações do passado e reconstruir nossa história.

Trazar para essa tese *Escrevivências* é trazer milhares de outras mulheres negras que poderiam, facilmente com suas histórias de vida e de luta, ocuparem esse lugar, mas trazer um tema que versa sobre *Escrevivências* sem iniciar esse texto falando sobre mim é embranquecer.

Entendo que minha história está intrinsecamente ligada a história de vida de meus ancestrais e, dessa forma, falar de mim é trazer a memória dos ancestrais que abriram o caminho para eu estar ocupando esse espaço.

Nós, mulheres negras, fomos forçadas a acreditarmos que nossas histórias, nossas vivências não eram importantes e não deveriam ter destaque, ainda mais quando pensamos num texto acadêmico. Falo de um lugar de mulher negra, filha de Maria Rita e Severino, professora da educação básica e amante de textos que tratem da luta antirracista e que destaquem autoras negras e suas *Escrevivências*, pois pensar em uma temática a partir das nossas *Escrevivências* é um ato libertário, numa visão decolonial de se produzir no espaço eurocentrado da academia.

Penso a *Escrevivência*, intrinsecamente ligada às vivências dos meus ancestrais. Falar sobre si é reverenciar e impregnar as suas memórias com as memórias dos/as outros/as mais velhos/as. Neste sentido, as *Escrevivências* trazem o resgate das dores

vividas, mas também dos gozos. Por isso sua importância para que os/as nossos/as mais novos/as possam entender nossas lutas e traçarem, a partir das nossas memórias orais e escritas, outras formas de luta e resistência. Para Evaristo:

A Escrivência é uma escrita que não se contempla nas águas de Narciso, pois o espelho de Narciso não reflete o nosso rosto. E nem ouvimos o eco de nossa fala, pois Narciso é surdo às nossas vozes. O nosso espelho é de Oxum e de Iemanjá. Nos apropriamos dos abebês das narrativas míticas africanas para construirmos os nossos aparatos teóricos para uma compreensão mais profunda de nossos textos. (EVARISTO, p. 38, 2020)

Escrivência é uma palavra criada por Conceição Evaristo em 1995, a partir de sua dissertação de mestrado, na PUC Rio. Para a autora era um jogo entre as palavras "escrever", "viver" e "se ver", culminando na palavra Escrivência. "Quando falei da Escrivência, em momento algum estava pensando em criar um conceito" (EVARISTO, p. 59, 2020).

Evaristo não considera Escrivência um conceito. O termo aponta para duas dimensões: é a vida que se escreve na vivência de cada pessoa, assim como cada um exerce o mundo que enfrenta. A autora afirma que sua literatura é atravessada por sua condição de mulher negra, escrevendo a partir do que viu, ouviu e viveu. Já declarou, em várias entrevistas, que não escreveu sua autobiografia pois sabe que não conseguirá escrevê-la sem inventar alguma parte. Apoiar-se na afirmação de Fernando Pessoa de que "o poeta é um fingidor", escrevendo sua "mentira" a partir da "verdade". Para a autora, a Escrivência não é uma escrita narcísica.

Escrivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita de mulheres negras, como uma ação que pretende barrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e dos nossos ancestrais. (EVARISTO, p. 30, 2020)

O título dessa tese traz *Escrivências e Quarto de Despejo* a partir das histórias de vida, escritos e trajetórias das autoras Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Geni Guimarães e outras autoras negras que discutiram e discutem essa temática.

Carolina Maria de Jesus, no livro *Quarto de Despejo* (1960) apresenta apenas uma escrita plural, por falar da favela, de política, da falta de infraestrutura para se viver, da invisibilidade dos que ocupam aquele espaço. Neste sentido é um texto-denúncia, um

grito de socorro e de luta pela invisibilidade que as pessoas que moram nesses espaços precisam conviver.

Geni Guimarães, no livro *Leite de Peito* (2001) traz sua história de vida também atravessada por denúncias de dores e possibilidades de reconstrução. Neste sentido, é um texto que relata sua história, mas também a história de seu povo, do seu entorno. A escritora relata sua infância pobre, permeada de preconceitos e formas de sobrevivência.

Conceição Evaristo destaca a memória como forma de recuperar a ancestralidade. "A literatura negra é um lugar de memória" (2008, p. 30). Um lugar onde se faz reverência ao que se viveu, ao sentido, ao sofrido, aos gozos e as dores, ensinamentos passados de geração em geração. As personagens evaristianas, em seus contos e romances, resgatam e ressignificam seu passado resgatando a si próprio.

A imagem fundante do termo é a figura da mãe preta, aquela que vivia a sua condição de escravizada dentro da casa grande. Essa mulher tinha como trabalho escravo a função forçada de cuidar da prole da família colonizadora. (...) E havia o momento em que esse corpo escravizado, cerceado em suas vontades, em sua liberdade de calar, silenciar ou gritar, devia estar em estado de obediência para cumprir mais uma tarefa, a de "contar histórias para adormecer os da casa-grande". Foi nesse gesto perene de resgate dessa imagem, que subjaz no fundo da minha memória e história, que encontrei a força motriz para conceber, pensar, falar e desejar ampliar a semântica do termo. (EVARISTO, 2020, p. 30)

A Escrivência surge para borrar essa prática, pois, se houve momentos em que mulheres negras eram forçadas a adormecerem os filhos da casa-grande, hoje o texto e a voz pretendem acordá-los de seus sonos injustos. Por isso, a importância de curar as dores e expressar os gozos através do eco da nossa voz e da nossa escrita. Escrever e falar sobre as nossas dores e gozos é um potente ato de cura. Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Geni Guimarães e tantas outras mulheres negras nos ensinaram que falar e escrever sobre nossas dores é uma das formas de cura.

E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem, pois, nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais. Potência de voz, de criação, de engenhosidade que a casa-grande soube escravizar para o deleite de seus filhos. (EVARISTO, 2020, p.30)

Uma escrita mergulhada em vivência, dessa experiência que o corpo negro tem como escrita. Uma experiência que passa pela sua ancestralidade que, passando de geração a geração nos mostra a importância de lutar, sermos teimosos na esperança de conquistarmos nosso lugar e estarmos onde desejarmos estar. Uma luta constante, incansável, sem tréguas contra um racismo que mata nossos corpos e tudo que nos representa.

Tem mais? Essa palavra “tem mais” fica oscilando dentro do cérebro de uma mãe que olha a panela e não tem mais.

Carolina Maria de Jesus

Essa tese se justifica por ser mais um instrumento para ecoar vozes que possibilitem alcançar mais corpos negros que ocupam diversos lugares de poder, dentre eles a academia e conscientizarem-se que é possível um texto escrito com o rigor acadêmico também ser atravessado por Escrevivências.

Afirmo a importância de corpos negros apresentarem seus estudos a partir das suas histórias, justificando o motivo pelo qual ocupam esses espaços e decidiram pesquisar seus temas. Invisibilizar esse viés metodológico é curvar-se ao olhar eurocentrado e colonial de uma academia engessada e que tende a recusar-se a implementar novas metodologias de escrita.

Após 10 anos da Lei n.º 12.711², lei de cotas, a academia foi composta por uma pluralidade de corpos e ideias que, muitas vezes, nasceram do cotidiano prático das vivências. Corpos negros, em sua maioria, oriundos de favelas e periferias, têm um olhar de pesquisador/a que passa pelas suas vivências e, neste sentido, é fundamental que esses escritos tenham a marca ancestral, diferenciando-se dos corpos que ocuparam e ocupam esses lugares desde os tempos da diáspora. Escrever sobre o tema escolhido, seja na área das humanas ou não, atravessados por sua história de vida é um ato de insubordinação.

Há, historicamente, uma resistência em qualificar trabalhos que ousam ser atravessados por suas histórias de vida como não científicos, desqualificando-os e rechaçando essa forma de escrita. Ouso dizer que essa forma de escrita só é possível, atualmente, nos espaços da academia e em razão do percentual de corpos negros que ocupam esses espaços de poder, pois o conceito de Escrevivência (2014) aparece em várias teses, servindo de referência para embasar nossa pesquisa e ressaltar questões já pesquisadas sobre o tema.

² A Lei n.º 12.711/2012, também conhecida como Lei de Cotas, determina que metade das vagas de instituições de ensino superior públicas devem ser destinadas a candidatos/as que estudaram os três anos do ensino médio na rede pública. Em 2022, a Lei completou 10 anos. A Lei de Cotas estabelece também que, dentro do percentual de vagas reservadas a aluno/as da rede pública, metade deve ser para estudantes com renda familiar mensal por pessoa igual ou menor a 1,5 salário-mínimo e a outra metade com renda maior que esse valor. Dentro de cada faixa de renda devem ser reservadas vagas a candidatos/as autodeclarados/as Pretos/s, Pardos/as e Indígenas (PPI). Essas oportunidades entram na categoria de cotas raciais. <https://vestibular.brasilecola.uol.com.br/cotas/lei-das-cotas.htm> Acesso em 12/07/2022.

Pretendo utilizar Escrevivência como um conceito, apesar de Evaristo utilizá-lo como um termo que traz a junção de escrever e viver, não significando para a autora apenas uma aglutinação de palavras, mas como uma escrita que não se esgota no próprio sujeito, carregando a vivência da coletividade. O termo Escrevivência atualmente é maior do que Evaristo dimensionou, pois tornou-se um conceito a partir da sua utilização por pesquisadores que justificaram suas pesquisas para além de uma academia. Uma pesquisa que transborda em si e atravessa sua história de vida e de seus/as mais velhos/as.

O uso de Escrevivências como conceito ou como parte de metodologia acadêmica

A única coisa que separa as mulheres negras de qualquer outra é a oportunidade.

Viola Davis

Realizei um levantamento no banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), com o objetivo de mapear as pesquisas acadêmicas relacionadas à palavra-chave Escrevivência. Destacamos, registrados no acervo digital da CAPES, os seguintes quantitativos:

Escrevivência – Mestrado, num total de 185 e no Doutorado um total de 47, totalizando 232 dissertações e teses.

Pesquisei teses a partir da palavra-chave e destacamos os resultados mais relevantes:

Fabiana Rodrigues Carrijo, Universidade Federal de Uberlândia (2013), Programa de pós-graduação em Letras. A autora faz uma análise teórico-metodológica, investigando singularidades da escrita de si nos diários íntimos de Carolina Maria de Jesus, a partir de Quarto de Despejo (1960). Analisa a escrita de si, destacando a escrita de outrem, a dos ébrios, indígenas, mulheres, entre outros corpos.

Gabriela Leandro Pereira (2015), Universidade Federal da Bahia, Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo. A autora apresenta a narrativa da escritora Carolina Maria de Jesus e suas obras, tensionando os lugares de disputa, conflito e criação que atravessam e reproduzem na cidade, entendendo que, secularmente, se operam processos direcionados para a desconstrução de sujeitos, da criminalização de suas vidas, corpos e territórios, demonstrando uma narrativa imprevista, de um lugar improvável, disputando a narrativa da cidade, destacando as Escrevivências de Carolina Maria de Jesus.

Eliane da Conceição Silva (2016), Faculdade de Ciências Sociais, Programa de Pós-graduação e Ciências Sociais, UNESP. A autora discute a violência social brasileira através da obra publicada de Carolina Maria de Jesus (1914-1977), com o objetivo de compreender a violência social a partir da caracterização do imaginário da sociedade brasileira do século XX e como Carolina questionava ou reproduzia ideias sobre os problemas seculares ligados às desigualdades racial, social e de gênero.

Márcia Maria Oliveira Silva (2017), Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-graduação em Letras. A autora analisa, nessa tese, doze obras de Kincaid, Brand e Evaristo identificando noções de identidade, memória, diáspora e pós-colonialidade, estabelecendo novos paradigmas. As narrativas analisadas apontam, nessas relações, uma consciência patriarcal que interfere diretamente nas relações sociais, revelando as faces da colonialidade do poder e da subalternidade. Destaca que ao analisar os contos de Evaristo as personagens contam suas histórias como forma de libertar-se do passado, em cada caso o ato de lembrar-se é uma forma de cura.

Willian Pereira Penna, (2019), Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós-graduação em Psicologia. O autor traz as Escrevivências da vida e obra da psiquiatra e psicanalista negra Neusa Santos Souza (1948-2008). O autor também reflete sobre as condições de produção do seu relativo esquecimento nas práticas psi's, com entrevistas com algumas pessoas que a conheceram em vida e realizou um evento em sua homenagem intitulado Psicologia, Racismo e o Legado de Neusa Santos Souza.

Gabriela Barreto de Sá (2020), Universidade de Brasília, Programa de Pós-graduação em Direito. A autora trata o conceito de Escrevivência como uma categoria, politizando as experiências, pois aborda o direito a memória e ancestralidade dos escravizados, defendendo formas de reparação e justiça histórica. A autora humaniza a história do direito com o destaque à Esperança Garcia, que em 1770 escreveu uma petição ao governador do Piauí denunciando maus-tratos sofridos por ela e seus iguais e reivindicando direitos.

Eliza de Souza Silva Araújo (2021), Universidade Federal da Paraíba, Pós-graduação em Letras. A autora, em sua tese, faz uma análise comparativa entre três narrativas: *O olho mais azul* (Toni Morrison), *Eu sei que o pássaro canta na gaiola* (Maya Angelou) e *Becos da Memória* (Conceição Evaristo), destacando a narrativa de mulheres negras nos Estados Unidos e Brasil e suas inovações nas escritas narrativas que apresentam outras perspectivas no campo político e artístico, questionando os apagamentos históricos das histórias e memórias dos corpos negros. A autora destaca que

a escrita dessas três escritoras tem a autoridade de contar suas próprias histórias e que suas narrativas têm raiz e força ancestrais.

Analisando as teses destacadas observei que o conceito de Escrivência aparece na quase totalidade, surpreendendo na pluralidade dos cursos que foram encontrados desde o curso de Letras até o curso de Arquitetura, Urbanismo e Direito.

O conceito de Escrivência foi apresentado pelos autores em suas teses em diversos formatos: uns os utilizaram como um caminho metodológico, outros como um instrumento teórico, outros como uma forma de análise comparativa, outros como categoria e outros apenas como uma narrativa.

A contribuição desse/as autores/as foi importante para entendermos que o conceito de Escrivência não se limita apenas à área das ciências humanas. Entendo ser um conceito amplo utilizado para além de demonstrar narrativas subjetivas. Houve a comprovação de que esse conceito pode ser utilizado como mais uma ferramenta de construção da escrita atravessados por corpos que potencializam esses temas.

É possível afirmar que o conceito, em anos anteriores, não foi encontrado como forma de utilização metodológica, teórica e comparativa nas teses pesquisadas. Entendemos que o conceito começou a ser utilizado em áreas diversas a partir da implementação da Lei n.º 12.711/2012, Lei de Cotas. Apesar do conceito de Escrivência ter sido criado por Evaristo em 2014, a pulverização dessa ideia já existia nos cursos de Ciências Humanas para referendar relatos de experiências.

Com uma maior pluralidade de corpos negros nos espaços da academia houve uma maior utilização desses conceitos em outras áreas científicas, como se comprova através da revisão bibliográfica. Não há como afirmar que os/as pesquisadores/as apresentados/as são negros/as, mas há como afirmar que pesquisas nas áreas de Arquitetura, Direito e Urbanismo utilizaram o conceito de Escrivência para embasarem suas escritas. Importante ressaltar que os nomes das autoras Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo aparecem no corpo dessas pesquisas.

Em contrapartida, nas teses na área de Ciências Humanas observadas nessa revisão bibliográfica, em apenas uma delas foi expressamente observado que a escrita configura um processo de cura. Os/as autores/as destacaram a importância dos conceitos para iniciarem suas teses. Em sua maioria apresentaram suas histórias de vida e o que suas trajetórias têm em comum com os temas de suas pesquisas. Em algumas teses os/as autores/as fazem uma costura de suas histórias no decorrer dos capítulos, referenciando suas Escrivências ou de seus ancestrais.

Consideramos uma lacuna nesses textos a falta de informação, mesmo que implícita, a ideia da escrita como um processo de cura, principalmente nas teses da área de Ciências Humanas, como pretendemos demonstrar ao desenvolver essa tese.

Outra lacuna encontrada é que essas teses estão impregnadas dos conceitos libertários de ajuda mútua, horizontalidade, autogoverno, liberdade, respeito, Necrofilia Colonialista Outrocida, historicídio, mas não foram expressamente apresentados, não havendo uma análise pelo viés libertário. Entendemos que os conceitos libertários atravessam os escritos das autoras Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo como irei demonstrar.

Houve um destaque nessas teses para os conceitos decoloniais, tais como uma desconstrução da ideia da colonialidade do ser, do saber e do poder expressamente apresentados, demonstrando que há um maior conhecimento de autores decoloniais do que de autores libertários.

Hipóteses

Nos livros *Quarto de Despejo* (1960), *Diário de Bitita* (1982) e *Casa de Alvenaria* (1961; 2021) Carolina curava suas dores quando escrevia. Situação equivalente aconteceu quando as personagens apresentadas nos contos e romances de Conceição Evaristo. Identifiquei trechos que demonstram a cura dessas personagens através de seus escritos, como o romance *Becos da Memória* (2017), *Insubmissas lágrimas de Mulheres* (2011) e *Ponciá Vicêncio* (2017). Com efeito, partimos das hipóteses segundo as quais os escritos das autoras Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo são apresentados como um processo de cura.

Demonstrarei também que os escritos das supracitadas autoras estão impregnados dos conceitos que embasam a teoria libertária, tais como ajuda mútua, horizontalidade, autogoverno, liberdade e respeito quanto as que embasam a teoria decolonial, desconstruindo a ideia da colonialidade do ser, do saber, do poder, racismo institucional, universidade ocidentalizada e outros.

Para comprovar nossas hipóteses, utilizarei as lentes teóricas decolonial e libertária. Acredito que ambas nos ajudarão nas análises das narrativas pessoais (Escrevivência) e subjetivas de Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo nas quais estão inseridas, atravessadas pela raça, classe e gênero.

Para desenvolver as hipóteses apresentadas pretendo alcançar os seguintes objetivos:

Objetivo Geral

Analisar a escrita como um processo de cura nos textos de Carolina Maria de Jesus e de Conceição Evaristo e o atravessamento desses textos pelo paradigma decolonial e libertário.

Objetivos específicos

- a) Identificar as múltiplas violências a que os corpos negros são submetidos cotidianamente, apontando as lacunas percebidas sobre o tema.
- b) Apresentar conceitos decoloniais e libertários, atravessados pela minha Escrivivência.
- c) Problematizar o racismo editorial apresentados nas obras de Carolina Maria de Jesus referente a manutenção ou não de uma grafia alternativa como expressão literária ou como erros gramaticais. Pretendo delimitar o objeto da pesquisa utilizando o marco temporal inicial com a publicação do livro *Quarto de Despejo*, em 1960 e o marco temporal final com os contos de Conceição Evaristo, em 2017.
- d) Mostrar que há limitações social e geográfica para destacar corpos negros, que em sua grande maioria vivem nos espaços dos morros, favelas e periferias, invisibilizados por políticas públicas do Estado.
- e) Assinalar que há uma delimitação legal, pois, buscaremos respaldar os discursos apresentados com a Constituição Federal, artigo 5.º e parágrafos, Lei n.º 12.711/2012³, Lei n.º 10.639/2003⁴ e Lei n.º 11.645/08⁵.

Aspectos Metodológicos

As fontes utilizadas nessa pesquisa serão secundárias, tais como os livros das autoras Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo e as leis.

O corpus escolhido para a pesquisa é composto pelo livro *Diário de Bitita*, *Quarto de Despejo* e *Casa de Alvenaria* e escolhemos também os contos e romances de

³ Lei n.º 12.711/2012 - Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências.

⁴ Lei n.º 10.639/2003 - Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.

⁵ Lei n.º 11.645/08 - Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena".

Conceição Evaristo, tais como *Ponciá Vicêncio*, *Becos da Memória* e *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Pretendo analisar essas obras, buscando uma possibilidade de diálogo entre a memória individual das autoras e a memória coletiva de um povo em diáspora.

O paradigma interpretativo metodológico decolonial e libertário de inversão da ordem hegemônica, indicando a subalternidade como sujeito do conhecimento e não como objeto, atende ao critério analítico proposto.

Utilizaremos a Escrivência como metodologia que perpassa por toda a tese, analisando os textos destacados. Esta leitura atenta dos textos a serem analisados busca romper com hierarquias, revelando as relações de poder existentes e exaltando práticas decoloniais e libertárias presentes nestes textos, identificando linguagens, Escrivências, protagonismos, realizando uma crítica analítica, desconstruindo paradigmas, emergindo no discurso eurocentrado as vozes dos/as invisibilizados/as.

Essa pesquisa é um estudo descritivo de abordagem qualitativa. Segundo Minayo (2011), o método de pesquisa é aquele que se ocupa do nível subjetivo e relacional da realidade social, abordado por meio da história, significados, crenças, valores e atitudes dos atores sociais. Trabalha com o universo que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e fenômenos que não se reduzem à operacionalização de variáveis, destacando as Escrivências que atravessam as histórias de vidas de indivíduos do cotidiano.

Quadro Teórico

Segundo Quijano, o colonialismo expressa a relação de um povo que está sob o poder político e econômico de uma outra nação. Esse termo é limitado ao período da colonização, perdendo força com a independência ou descolonização. A colonialidade é o vínculo entre o passado e o presente, emergindo um poder que se baseia no conhecimento, na autoridade, nas relações e no trabalho. Neste sentido esse conceito não tem seu marco temporal no período da colonização, continuando a dominação após esse período. O Estado moderno é colonial, sustentando-se a partir do eurocentrismo, como única possibilidade epistêmica (QUIJANO, 2005a). Com a colonização, as relações entre colonizador e colonizado determinaram o processo histórico, mantendo as diferenças. Para Grosfoguel:

Já não é possível construir a partir de uma só epistemologia um desenho global como "solução única" aos problemas do mundo, seja da esquerda (socialismo, comunismo etc.) ou da direita (desenvolvimentismo, neoliberalismo,

democracia liberal etc.). A partir dessa diversidade epistêmica há propostas anticapitalistas, antipatriarcais e anti-imperiais diversas, que apresentam diferentes maneiras de enfrentar e solucionar os problemas produzidos pelas relações de poder sexuais, raciais, espirituais, linguísticas, de gênero e de classe no presente "sistema-mundo- capitalista/patriarcal moderno/colonial". (GROSFOGUEL, 2007, p.33)

Empregarei o conceito de colonialidade através de três aportes: Colonialidade do poder (Aníbal Quijano), Colonialidade do ser (Mignolo e Maldonado-Torres) e Colonialidade do saber (Mignolo e Quijano).

A colonialidade está presente na atualidade apesar do fim da colonização moderna. O poder permeia todas as relações sociais: senhor/escravo, patrão/empregado, pai/mãe-filho, entre outros.

Há uma estrutura de dominação baseada na colonialidade do poder, reprimindo a simbologia do mundo e a cosmovisão do colonizado. Para Quijano, a América está inserida nesse padrão de poder mundial e, representa a modernidade, baseados nas diferenças entre colonizador e colonizado a partir da ideia de raça e o controle do trabalho, dos produtos e recursos.

Uma construção mental que expressa a experiência básica da dominação colonial e que desde então permeia as dimensões mais importantes do poder mundial, incluindo sua racionalidade específica, o eurocentrismo (QUIJANO, 2005a, p. 227)

O conceito de colonialidade do ser (MIGNOLO, 2003, 2010; MALDONADO-TORRES, 2007) relaciona o colonialismo a não existência do outro, submetendo a uma não existência do seu ser. Pode ser definida como uma realidade do mundo moderno colonial. Para Fanon, tanto a inferiorização quanto a superioridade foram construídos pelo colonizador, mantendo-se após o período colonial, "Precisamos ter coragem de dizer: é o racismo que cria o inferiorizado" (FANON, 2008, p. 90).

Para Grosfoguel (2008) colonialidade é o termo mais apropriado para a dominação continuada, após o período da colonização. Quijano (2005, p. 126) define a colonialidade do saber como "uma específica racionalidade ou perspectiva de conhecimento que se torna mundialmente hegemônica colonizando e sobrepondo-se a todas as demais", ou seja, conhecimentos diversos dos países hegemônicos não têm valor científico e são invisibilizados.

Colonialidade do Poder (Quijano, 2005) os corpos dominados têm suas identidades submetidas a um padrão eurocêntrico, que define o que é conhecimento.

Colonialidade do Saber (Mignolo, 2004; Quijano, 2005) implica na dominação dos conhecimentos. Não impede a produção de conhecimento fora da perspectiva hegemônica, mas não a reconhece.

A colonialidade do Ser (Mignolo, 2003, 2010; Maldonado-Torres, 2007) se define como uma realidade do mundo moderno colonial, inferiorizando pessoas, destituindo a existência humana. Definida também como "a experiência vivida da colonização e seu impacto sobre a linguagem"(MALDONADO-TORRES, 2007, p. 127), sentidos os seus efeitos nos colonizados.

Na concepção de Mignolo, a colonialidade do poder e do saber gerou a colonialidade do ser (MIGNOLO, 2004, p.669). Maldonado-Torres define colonialidade do ser a partir da ideia de que os corpos são controlados através da tradição e do senso comum.

Universidade Ocidentalizada (GROSGOGUEL, 2012) é outro conceito que discutirei nesta pesquisa, pois parte do pressuposto que o conhecimento é produzido por uns poucos homens de cinco países da Europa Ocidental (Itália, França, Inglaterra, Alemanha e Estados Unidos), considerando o seu conhecimento superior ao dos demais países.

Trabalharei também com os conceitos libertários. Entende-se por Anarquismo uma ideologia política que se opõe a todo tipo de hierarquia e dominação, seja política, social, econômica ou social, com o Estado, o capitalismo, as instituições religiosas, o racismo, o patriarcado. Duas palavras gregas formam o vocábulo anarquia: *an* - significando não e *arkhé* - significando autoridade, ou seja, ausência de autoridade.

Ajuda mútua (KROPOTKIN, 2009) é um conceito libertário que significa apoio, solidariedade, amparo entre os povos invisibilizados e oprimidos.

Horizontalidade é o oposto da hierarquia, onde todos têm poder de decisão e ação.

Igualdade é a ausência de diferença, onde todas as partes estão na mesma condição.

Liberdade é a condição do indivíduo de fazer escolhas, de acordo com sua vontade e autonomia. Falta de liberdade que acomete Carolina e as mulheres negras pobres.

Liberdade plena significa o desenvolvimento integral de todas as faculdades humanas, sejam elas intelectuais, morais ou corporais, com total alcance de todos os meios materiais necessários para esse desenvolvimento. (BAKUNIN, 2008, p.73)

A liberdade é um dos conceitos mais importantes para a ideologia libertária, pois atravessa o autogovernar-se, o auto instituir-se, a gerência política, econômica,

educacional, trabalhista e da livre associação entre os indivíduos. Neste sentido, o indivíduo só poderá ser completamente livre se todos os outros indivíduos forem, de maneira igualitária.

[...] Desejar a liberdade e a dignidade humana de todos os homens, ver e sentir minha liberdade confirmada, sancionada, infinitamente ampliada pelo assentimento de todos, eis a felicidade, o paraíso humano sobre a terra. Mas essa liberdade só é possível na igualdade. Se há um ser humano mais livre do que eu, torno-me forçosamente seu escravo; se o sou mais do que ele, ele será o meu. Assim a igualdade é uma condição absolutamente necessária da liberdade. (BAKUNIN, 2008, p.77)

Liberdade que é atravessada pelo Princípio da dignidade da pessoa humana, num mundo sem diferenças em razão da raça, classe e gênero.

Liberdade significa o desenvolvimento integral do indivíduo, sejam elas intelectuais, morais ou corporais, com os meios materiais necessários para esse desenvolvimento (BAKUNIN, 2008, p. 73). Liberdade individual e coletiva, pois a liberdade só pode ser possível através da igualdade de condições para toda a humanidade. Não há como pensar em um indivíduo livre enquanto houver um único ser escravizado, conforme defendeu Bakunin.

A liberdade só seria possível a partir da igualdade entre os indivíduos. Igualdade nos níveis econômicos, político, intelectual, material e moral, pois na medida em que um indivíduo possui um maior número de bens que o outro, ele subjuga o outro, mantendo a relação entre governantes e governados. Segundo Bakunin:

A liberdade de todos, longe de ser um limite da minha, como sustentam os individualistas, é, ao contrário, sua confirmação, sua realização e sua extensão infinita. Desejar a liberdade e a dignidade humana de todos os homens, ver e sentir minha liberdade confirmada, sancionada, infinitamente ampliada pelo assentimento de todos, eis a felicidade, o paraíso humano sobre a terra. Mas essa liberdade só é possível na igualdade. Se há um ser humano mais livre do que eu, torno-me forçosamente seu escravo; se o sou mais do que ele, ele será o meu. Assim, a igualdade é uma condição absolutamente necessária da liberdade. (BAKUNIN, 2008, p. 77)

Liberdade tão defendida por Carolina Maria de Jesus em seus escritos, pois a liberdade se esvai na medida em que aqueles que possuem propriedades e detém o poder, escravizam aqueles que não possuem. Aqueles que passam fome e vivem em condições insalubres não irão usufruir dessa suposta liberdade oferecida pelo sistema capitalista.

Os libertários lutam pela igualdade, pois não basta permitir a população de participarem das eleições, é necessário o seu autogoverno. Autogoverno que é atravessado por comida no prato, saúde e educação de qualidade e uma vida respeitando os princípios da dignidade da pessoa humana.

Autogestão é a participação em igualdade de condições, onde todos decidem, tendo a capacidade de se autogovernarem sem o aval do estado ou outra instituição que dite as regras, apropriando-se de territórios e culturas com base nos seus interesses políticos e econômicos, como pontua Moraes:

Os libertários não são contra as pessoas que exercem a autoridade apenas, mas, sobretudo, contra a instituição que garante a sua existência, contra o cargo que normalmente é exercido no Estado, no poder público, ocupado pelos chamados governantes e seus agentes, secretários, juizes, militares, policiais e outros. Fora do Estado existem outras autoridades, nas fábricas ou nas empresas, os patrões ou seus representantes, denominados chefes, que impõem suas regras e vontades sobre os trabalhadores. Nos campos, os fazendeiros impõem suas normas sobre vários agricultores. (MORAES, 2018b, s/p)

Há um grande equívoco no senso comum ao enxergarem o anarquismo como uma ausência de ordem. A ideologia libertária está intrinsicamente ligada ao Princípio da dignidade da pessoa humana onde todos e todas têm direitos e voz, pois quando há indivíduos com um excesso de bens e o outro sem nada, há a subjugação desse indivíduo, numa relação de governantes e governados.

Necrofilia Colonialista Outrocida (MORAES) é um conceito que visa materializar o desejo pela morte de corpos negros, indígenas, corpos vistos pelo Estado e suas políticas públicas para serem exterminados. "Tem por objetivo representar várias formas de assassinar literalmente ou psicologicamente, diversos segmentos sociais de governados na sociedade (...)". (MORAES, 2020a)

Historicídio (MORAES, 2020b), conceito que se baseia no apagamento de lutas e resistências dos negros, indígenas e povos invisibilizados. Um apagamento que faz com que os/as mais jovens não possuam referências de seus/as mais velhos/as, perdendo-se a cultura e a história de seu povo.

Considero *Quarto de Despejo* um conceito e iremos desenvolvê-lo com a ideia de que é o local onde são armazenados coisas, objetos, pessoas que não têm utilidade, não são necessários. "*Quarto de despejo*" significa o pior lugar que sobrou pra nós negros e negras na sociedade. É como se para nós o nosso destino fosse o "lixão, com ratos, baratas, esgoto a céu aberto". (RIBEIRO, 2002, p. 230)

“E quando estou na favela tenho a impressão de que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo. [...] Sou rebotinho. Estou no quarto de

despejo, e o que está no quarto de despejo ou queima-se ou joga-se no lixo”.
(JESUS, 1960, p. 37)

Considerar *Quarto de Despejo* um conceito é ampliar a discussão para além do espaço físico de uma favela, um barraco, um quarto. É expandir para os corpos negros que são invisibilizados e só vistos para serem exterminados, em nome de uma suposta modernidade. Neste sentido, Quarto de Despejo é a forma como os corpos negros são tratados, o incômodo, a suspeição, o nojo, a desconfiança, enfim, tudo que atravessa o negativo, o que não deve estar nos espaços que são demarcados por esses corpos brancos como espaços de poder, de saber e de ser.

Utilizarei a cura como um conceito, respaldado no sentido de volta ao passado, resgatando as vivências ancestrais, restabelecendo o vínculo de força, de poder, de luta, de recuperação, enxergando a força dos ancestrais, reverenciando o que eles/elas fizeram para que possamos estar aqui, nesse tempo, buscando continuar o caminho da cura.

Estrutura da Pesquisa

A estrutura da tese apresenta a seguinte organização:

No Primeiro Capítulo faremos uma discussão bibliográfica, apresentando o que autores/as já escreveram sobre o tema, entrelaçado pelas minhas Escrevivências. Neste capítulo apontarei as lacunas que percebemos sobre o tema, mudando o foco para trazer os conceitos pelas lentes decolonial e libertária, demonstrando a originalidade da pesquisa.

Posso afirmar que não há estudos referentes à Escrevivência analisados sob o viés libertário e sob o viés decolonial. Encontrei escritos referentes ao tema da Escrevivência. Neste sentido, há uma lacuna em relação a lente utilizada para analisar esse tema sob o viés libertário. Neste capítulo analisarei como os corpos negros são submetidos a inúmeras violências, opressões e invisibilidades relacionados à falta de políticas públicas e violência estatal. Um mergulho no cotidiano desses corpos negros nos espaços da favela, morros e periferias.

Apresentaremos a fundamentação teórica demonstrando a desconstrução da colonialidade do poder, do saber e do ser, numa perspectiva decolonial. No viés libertário apresentarei os conceitos de ajuda mútua, horizontalidade, autogoverno, liberdade, Necrofilia Colonialista Outrocida, historicídio, atravessados por Escrevivências.

No Segundo Capítulo discutirei a polêmica sobre a decisão da Editora Companhia das Letras em manter supostos erros gramaticais de *Casa de Alvenaria*, dividindo

especialistas sobre a verdadeira voz da obra de Carolina Maria de Jesus, apresentando uma lente decolonial e libertária sobre o racismo editorial existente. A discussão tomou vulto quando a editora, junto com um Conselho formado por especialistas para a edição das obras de Carolina decidiram manter idiossincrasias⁶ do texto original que contraditam com a norma culta da língua portuguesa, determinando o início de uma grande discussão que envolve escritores, revisores e críticos de diversas matizes. No centro da discussão há questões que merecem um enfoque maior, pois um grupo defende que essa grafia "alternativa" seria a expressão literária de Carolina e outros são terminantemente contra a manutenção dessa grafia sem uma revisão ortográfica, alegando que o erro gramatical de Carolina não deve ser visto como elemento central de sua obra. Uma polêmica que iremos mergulhar para uma análise através das lentes decolonial e libertária.

No Terceiro Capítulo apresentarei as obras *Quarto de Despejo*, *Diário de Bitita* e *Casa de Alvenaria*. Analisaremos as obras da autora, realizando uma crítica contemporânea ao sistema colonial/moderno. Apresentarei também as obras de Conceição Evaristo *Ponciá Vicêncio*, *Becos da Memória* e *Insubmissas lágrimas de mulheres* com abordagens literárias e históricas, com conceitos e análises sobre história e experiências de mulheres negras a partir de Escrevivências.

No terceiro capítulo analisarei essas obras atravessados pela hipótese de que há uma comprovação ou não do processo de cura discutidos nesses textos, verificados através das falas das autoras, reportagens e na análise das personagens apresentadas nos contos, romances e diários das autoras.

A seguir, apresentarei a conclusão com as estratégias e considerações para o que foi empreendido nesta pesquisa e as referências utilizadas, que servirão de base acadêmica, enfatizando a prioridade por uma epistemologia decolonial e libertária.

Não tenho a pretensão de esgotar a discussão desse tema, nem que a pesquisa seja a primeira a discuti-lo. Entendo que nesses tempos sombrios, de negação da cultura e da liberdade de expressão, é fundamental mais uma voz ecoar e dar enfoque a essa temática, ampliando os fatos apresentados, demonstrando que o olhar dessas obras pela lente do viés decolonial e libertária é inédito e que outros escritos precisam ecoar nos espaços

⁶ Idiossincrasia é uma característica de comportamento peculiar de um indivíduo ou de determinado grupo. O termo tem vários sentidos, variando de acordo com o contexto em que é empregado, sendo também possível ser aplicado para símbolos que significam algo para uma pessoa em particular. É responsável pela criação de estereótipos no caso de grupos sociais.

plurais da academia, do chão da escola, na universidade, no bar, na rua, no morro, na favela ou em qualquer lugar que quisermos estar e levantarmos esse debate.

Peço licença aos/as mais velhos/as que me acompanham e a atenção aos/as mais novos/as para continuarem esse debate. Que tenhamos fôlego para mergulharmos no que nos propusemos a analisar e que os Ancestrais abram o caminho para que essa pesquisa aconteça!

PRIMEIRO CAPÍTULO

1. A PELE NEGRA NOS FAZ SER OS CONDENADOS DO PRESENTE?

Eu levo minha filha de dois anos num carrinho de supermercado em Eastchester, Nova York, em 1967 e uma garotinha branca passando no carrinho de sua mãe grita, empolgada: "Olha, mamãe, uma empregada bebê!" E a sua mãe te cala, mas não te corrige. E então quinze anos depois, numa conferência sobre racismo, você ainda pode considerar essa história humorística. Mas eu ouço que sua risada é cheia de terror e doença. (LORDE⁷, 2019, p. 158 – 158)

Audre Lorde expressou um sentimento de raiva ao lembrar esse acontecimento. Sentimento vivenciado por nós, mulheres negras e por nossas crias. A cor da pele ainda é referência para a depreciação, destruição e desvalorização dos corpos negros, que são os condenados do presente. Há ainda um grande privilégio epistêmico, em que indivíduos ocidentais produzem injustiças e caracterizam o corpo negro como um não ser. As colonialidades do ser, do saber e do poder se expandiram e, atualmente, continuam operando em sociedades que se intitulam democráticas. Ainda há muito que conquistar para alcançarmos o que Fanon propõe de "um novo humanismo", onde caibam muitos mundos, acabem as diferenças entre brancos, negros e indígenas e haja respeito entre todos. Enquanto isso vivenciamos a colonialidade do poder, do ser e do saber que, nos últimos séculos, destruiu e violentou cada corpo negro, indígena e LGBTQIAP+ e cada espaço social, político, geográfico e cultural num formato patológico e desumano levando-nos à Necrofilia Colonialista Outrocida, conceituado por Moraes (2020).

Condenados do presente pois querem que peçamos licença para continuarmos vivos, querem nos fazer acreditar que somos inferiores e que as máscaras brancas que muitos dos nossos usam para sobreviverem a toda a sorte de opressões, têm que ser usadas por todo o povo negro, sem questionamentos. Máscaras brancas que se moldam a rostos negros, tornando-os invisíveis para reivindicarem direitos e buscarem espaços de

⁷ Audre Lorde nasceu 1934, em Nova York, e foi poeta, ensaísta, feminista interseccional e ativista. Ela costumava se definir como “negra, lésbica, mãe, guerreira, poeta”. Morreu em novembro de 1992.

libertação e de destaque. Uma instituição que nasceu para nos aprisionar, matar, subordinar e produzir riquezas para os colonizadores.

Ter sua filha reconhecida como "empregada bebê" é devastador, pois nos faz pensar em inúmeras questões: para uma criança apontar uma outra como empregada é porque não consegue perceber o outro corpo negro como seu igual, lhe tendo sido inculcada pelos pais ou outro adulto a ideia racista de que, pela cor da pele somos diferentes.

Enfrentar o silêncio ensurdecedor da mãe que poderia, a partir daquele fato, educar seu filho numa luta antirracista também não aconteceu e, por fim, após anos, contar essa história e ouvir risos da plateia é desumano. Parece que nossa luta está sendo em vão, que estamos perdendo espaço para a cultura do racismo.

Quem de nós, mulheres negras, não temos uma história semelhante a essa vivenciada por Lorde? Chegamos ao século XXI e nos deparamos com histórias de preconceito e práticas racistas em nosso cotidiano. Os noticiários informam, de maneira descomprometida e insossa os fatos de racismo ocorridos, sem destaques.

Ainda hoje há corpos negros que são descobertos em residências luxuosas como escravizados, vivendo em situação degradante, sem o mínimo de cuidado com a dignidade humana. Em sua maioria, corpos negros femininos escravizados para servirem a corpos brancos eurocentrados que, quando questionados, apresentam discursos de que estavam "cuidando" do patrimônio do escravizado pois este não tinha casa e nem comida para sobreviver e se não fosse por seu ato "humanitário", aquele corpo negro não mais existiria.

E podemos acreditar nesse discurso de violência? Um discurso que invisibilizou durante uma vida um corpo que não teve direito a escolher o que seria melhor para a sua existência. A raiva que Lorde expressou ao ser vítima de racismo, junto a sua filha, é a mesma que nós, mulheres negras, passamos cotidianamente. Um duplo-narcisismo como nos diz Fanon, onde "o branco está fechado em sua brancura e o negro em sua negrura" (FANON, 2008, p. 27), pois o branco só respeita aquilo que vê no espelho, desvalorizando e subalternizando culturas e vidas outras.

Nunca foi tão fácil encontrarmos máscaras brancas nos rostos de corpos negros, pois vivemos, nesta atual conjuntura, com a destruição desses corpos por indivíduos que ainda pensam em impetrar no país uma raça branca, com grupos nazistas orquestrados

que se organizam para destruir corpos negros, indígenas e LGBTQIAP+. Um grupo que, infelizmente, encontra eco e se sente livre para praticar crimes contra esses corpos. Quando não matam esses corpos, optam por escravizá-los, sem qualquer tipo de punição, na grande maioria dos casos.

Em primeiro de janeiro de 2023 tomou posse, para o seu terceiro mandato, Luiz Inácio Lula da Silva com a promessa de que as diferenças seriam respeitadas e referendando seus compromissos de campanha. Há uma imagem emblemática com a subida da rampa com pessoas representando vários segmentos da sociedade e recebendo a faixa presidencial das mãos de uma mulher negra, catadora de materiais recicláveis.

Em seu discurso o presidente apresenta, emocionado, o projeto contra a fome, às desigualdades, o racismo, ao atraso, ressaltando a importância das vacinas, do crescimento econômico e social do país. Lideranças políticas, econômicas, chefes de governo e de Estado, representantes de vários países participaram desse momento histórico.

Não é o ideal, pois acreditamos no autogoverno, onde pessoas não precisem ser governadas para terem uma vida com maior autonomia, mas é um passo para que possamos ter uma melhor qualidade de vida. Chega de uma história contada apenas pelo olhar do colonizador!

O que pensávamos ser o início de novos tempos, com um projeto de reconstrução do país a partir de um conjunto de políticas públicas visando a população mais necessitada, deu lugar à barbárie na semana seguinte. Milhares de pessoas, financiadas, em sua maioria, por entidades, empresários e de quem detém o poder invadiram as sedes do Palácio do Planalto, do Congresso Nacional e do Supremo Tribunal Federal, destruindo patrimônio público e demonstrando todo o seu ódio às ideias e ações contrárias aos seus privilégios, com o apoio de entidades que têm o papel de defesa da Constituição Federal.

Segundo Adichie (2019) não podemos ceder às narrativas exclusivas, que reduzem sujeitos, estereotipando-os a uma história única. Temos que buscar perspectivas plurais para que esses corpos tenham suas histórias preservadas.

Carolina Maria de Jesus também foi catadora e, certamente, poderia ser esse corpo negro a passar a faixa ao presidente eleito, pois esses corpos se assemelham nas suas dores e nas reivindicações. Um corpo feminino negro impactado pelo colonialismo, atravessado pelas interseções entre gênero, raça e classe.

Essa escolha foi significativa, pois a população brasileira mais atacada na gestão anterior foi contemplada: menino negro, mulher negra catadora, cozinheira, professor, portador de deficiência física, indígena, metalúrgico, havendo uma conexão epistêmica étnica, racial, de gênero dos diversos sujeitos, não mascarando esses rostos e falas, denominado por Walter Mignolo de "geopolítica do conhecimento", pois os saberes são localizados e não neutros.

Para Quijano, o colonialismo é a relação de um povo que está sob o poder político e econômico de outra nação, por outro lado, a colonialidade não se limita ao período colonial, referindo-se a um vínculo entre passado e presente, embasado por um padrão de poder, emoldurado no conhecimento, autoridade, trabalho e relações sociais. Colonialidade que sobrevive na atualidade através do poder (Quijano), do ser (Mignolo) e do saber (Castro-Gomez) e Fanon.

Quijano ressalta que "é tempo de aprendermos a nos libertar do espelho eurocêntrico onde nossa imagem é sempre, necessariamente, distorcida" (QUIJANO, 2005, p. 126). Segato reafirma que "o roubo mais importante do processo colonial é a memória de quem somos: o espelho" (SEGATO, 2018). Um espelho que, quando olhamos, vemos os traços do colonizador, apagando os traços que nos conectam aos nossos ancestrais.

O colonialismo, como estrutura de poder, dilacerou a América Latina e atua contemporaneamente pela colonialidade como padrão de poder, hierarquizando territórios, raças, culturas e epistemologias, reproduzindo as relações de dominação. Para Mignolo (2003, 2016) a "colonialidade é o lado escuro da modernidade", que não chegou à América Latina, pois foi utilizada como estratégia para dominação. Por isso a necessidade de desobedecer, "desobediência epistêmica", de que trata Walter Mignolo (2008), pois é um caminho que implica em "aprender a desaprender para reaprender", que possibilita decolonizar as formas de pensar/ser/fazer/sentir.

1.1 Colonialidade de gênero: feminismo decolonial e resistência

- O arco-íris foge de mim.

... Nós somos pobres, viemos para as margens do rio. As margens do rio são os lugares do lixo e dos marginais. Gente da favela é considerado marginais. Não mais se vê os corvos voando as margens do rio, perto dos lixos. Os homens desempregados substituem os corvos. (JESUS, 1960, p. 48)

Os vizinhos de alvenaria olha os favelados com repugnância. Percebo seus olhares de ódio porque ele não quer a favela aqui. Que favela deturpou o bairro. Que tem nojo da pobreza. Esquecem eles que na morte todos ficam pobres. (JESUS, 1960, p. 49)

Lugones (2003) traz o conceito do olhar arrogante, contrapondo-se ao olhar amoroso a partir das ideias de Marilyn Frye. "La mirada amorosa se opone a la mirada arrogante" (Frye, 1983, p.75). Muitos dos que passaram pelo entorno dessa cena com pessoas comendo lixo devem ter se espantado e observado a cena de um lugar de fora daquele contexto, não se dispondo a viajar no mundo do outro. Perceber, de acordo com esse olhar arrogante, segundo Lugones, é perceber que homens que têm suas moradias e alimentos podem não perceber o quanto é duro e perverso a realidade de muitos.

Olhar arrogante que passa pelo mesmo olhar eurocêntrico de quem detém o poder de ditar as regras e definir quais corpos podem viver e quais corpos devem morrer. A Necrofilia Colonialista Outrocida (Moraes, 2020a) também visa o desejo pela morte do corpo negro, retratada por Carolina Maria de Jesus, nesse trecho, apagando suas histórias, impondo um historicídio (Moraes, 2020b).

Diante desse cenário, não se pode supor que estamos todos num mesmo mundo. Essa ideia de pertencimento a mundos, que pode ser tão diferente, com histórias diferentes, perspectivas diferentes não nos impede de sermos solidários, de amarmos uns aos outros, num olhar amoroso, reconhecendo a igualdade de direitos e a construção de mundos.

Fomos ensinados, desde a infância, a termos um olhar arrogante sobre o outro, sobre aquilo que é diferente do que entendemos ser o certo. Corpos negros, a partir dessa perspectiva arrogante, pertencem a um outro mundo subalternizado, invisibilizado. Para Lugones:

De niña me enseñaron a percibir arrogantemente. También fui objeto de percepción arrogante. Aunque no soy una mujer blanca/angla, queda claro para mí que puedo entender mi entrenamiento infantil como perceptora arrogante y

mi haber sido objeto de percepción arrogante sin hacer ninguna referencia a varones blancos/anglos. Esto nos da una pista: el concepto de percepción arrogante puede ser usado transculturalmente, y los varones blancos/anglos no son los únicos perceptores arrogantes. (LUGONES, 2003, p. 133)

Um olhar visto a partir de um patamar de Norte Global, eurocentrado. Mulheres brancas produzem um olhar arrogante em relação às mulheres negras; homens brancos produzem um olhar arrogante em relação a esse homem negro e a essa mulher negra. Uma visão de mundo a partir de um patamar globalizado, capitalista, vendo o todo a partir do seu olhar do mundo, julgando o outro a partir do seu mundo.

Para Lugones a dimensão do conceito de olhar arrogante se amplia na medida em que esse olhar masculino se apropria da subjetividade feminina. O homem só vê aquilo que lhe interessa, apropriando-se arrogantemente da vida das mulheres, numa cultura falocrática. Carolina Maria de Jesus decidiu não se casar. Não suportava a ideia de pedir autorização a um homem para escrever:

Os meus filhos não são sustentados com o pão de igreja. Eu enfrento qualquer especie de trabalho para mantê-los. E elas tem de mendigar e ainda apanhar. Parece tambor. A noite enquanto elas pede socorro eu tranquilamente no meu barracão ouço valsas vienenses. Enquanto os esposos quebra as tabuas do barracão eu e meus filhos dormimos socegados. Não invejo as mulheres casadas da favela que levam vida de escravas indianas. (JESUS, 1960, p. 14)

O conceito de olhar amoroso passa pela empatia, pela equidade pois, apesar de não termos experienciado uma determinada situação possamos entender as dores e os gozos de quem a vivencia. Jesus (1960) aprendeu a viajar no mundo de outras mulheres, o que não significa se submeter a lógica da opressão pois essa lógica não percebe as estratégias de resistência que existem nas mulheres oprimidas. Muitas vezes, essas mulheres se acostumam com a opressão, com a dor.

Conceitos de ajuda mútua e liberdade são vistos nas falas e no fazer de Carolina, pois apesar da vida de extrema falta de alimentos e direitos básicos, enxergava e lutava pelos seus ideais e por uma melhor qualidade de vida daqueles que dividiam o espaço da favela com ela.

Lugones (2003) propõe um modo de coalizão que respeite a independência, mas também provoque a interdependência, viajando entre esses mundos que são tão semelhantes em algumas dores e gozos e em outras vezes, tão diferentes. É importante uma coalizão não somente entre os corpos negros, mas também entre corpos brancos, pois se formos capazes de viajarmos no mundo uma das outras, no contexto da subjetividade

dessas mulheres, iremos nos identificar com suas lutas, contradições, sonhos e formas de resistência. Segundo Lugones:

Luego quiero considerar esta práctica como una práctica horizontal de resistencia frente a dos mandatos relacionados: el mandato para las oprimidas de tener nuestras miradas fijas en el opresor y el mandato concomitante de no vernos y conectarnos unas con otras, en resistencia a esos mandatos, viajando a los "mundos" de sentido de las otras. (LUGONES, 2003, p. 134-135)

Se fracassarmos ao nos identificarmos com algum desses corpos, adotamos um olhar arrogante sobre o outro, segundo Lugones. Esse olhar arrogante não é exclusivamente masculino, pois atravessa relações de raça e isso pode envolver tanto mulheres quanto homens que estão em situação de opressão e de classe.

1.2 As subjetividades femininas e seus reflexos como resistência

Quando Ponciá Vicêncio resolveu sair do povoado em que nascera, a decisão chegou forte e repentina. Estava cansada de tudo ali. De trabalhar o barro com a mãe, de ir e vir às terras dos brancos de mãos vazias. De ver a terra dos negros coberta de plantações, cuidadas pelas mulheres e crianças, pois os homens gastavam a vida trabalhando nas terras dos senhores e, depois, a maior parte das colheitas serem entregues aos coronéis. Cansada da luta insana, sem glória, a que todos se entregavam para amanhecer cada dia mais pobres, enquanto alguns conseguiam enriquecer todos os dias. Ela acreditava que poderia traçar outros caminhos, inventar uma nova vida. E, avançando sobre o futuro, Ponciá partiu no trem do outro dia, pois tão cedo a máquina não voltaria ao povoado. E agora, ali deitada de olhos arregalados, penetrados no nada, perguntava se valera a pena ter deixado sua terra. O que acontecera com os sonhos tão certos de uma vida melhor? Não eram somente sonhos, eram certezas! Certezas que haviam sido esvaziadas no momento em que perdera o contato com os seus. E agora feito morta-viva, vivia. (EVARISTO, 2017, p. 17-18)

Esse trecho relata a extensão sociogênica vivenciada pelos corpos negros. Uma exploração de um trabalho que gerava dor e revolta, pois trabalhar nas terras dos colonizadores era ser subjugado, explorado. A personagem Ponciá deixou sua mãe e seu irmão, deixou suas dores e a exploração, a violência sentida nesse corpo negro, mas não tirou de si a sensação de alienação da perda, da falta de vida em seu corpo.

Ponciá é um corpo negro que foi tão violentamente explorada que se perdeu de si. Preferiu viver num mundo ilusório, sem sonhos, afastando-se dos seus, buscando outras diásporas e outros caminhos. Tinha a impressão de que não era humana, pois a colonialidade lhe tirou o prazer pela vida e sentia como se fosse um corpo sem vida, um historicídio (Moraes 2020b).

Evaristo denuncia a escravização a que eram submetidos adultos e crianças negras, sofrendo sob o poder do imperialismo dos poderosos “sob o jugo de um poder que, como Deus, se fazia eterno (Evaristo, p. 48). Ponciá vivencia uma história que não é só a de seu povo, mas também a de outros povos da diáspora que foram trazidos, para trabalharem, principalmente na zona rural, nas plantações.

Essa experiência de diáspora vivenciada por tantos povos ao longo da humanidade, faz com que haja inúmeros questionamentos sobre suas identidades. Por isso, Ponciá mantém viva a memória que suaviza uma vida de perdas, solidão e vazio. É através dessas memórias que Ponciá mantém um elo com suas origens, apesar de não querer ter a mesma sina que fora imposta aos seus ancestrais.

Relembrar sua história funciona como um resgate de situações de um passado distante, como que o quisesse trazê-lo para o tempo presente, para expurgá-lo, curando-se, tentando viver uma história diferente do seu povo. Trabalhava até a exaustão, mas a pobreza se perpetuava, geograficamente mudava, mas seu local social se mantinha, com as dificuldades, angústias e sem forças para resistir a tudo, passou a refugiar-se dentro de si mesma, perdendo-se em suas ausências.

Nas primeiras vezes que Ponciá Vicêncio sentiu o vazio na cabeça, quando voltou a si, ficou atordoada. O que havia acontecido? Quanto tempo tinha ficado naquele estado? Tentou relembrar os fatos e não sabia como tudo se dera. Sabia apenas que de uma hora para outra, era como se um buraco abrisse em si própria, formando uma grande fenda, dentro e fora dela, um vácuo com o qual ela se confundia. Mas continuava, entretanto, consciente de tudo ao redor. Via a vida e os outros se fazendo, assistia aos movimentos alheios se dando, mas se perdia, não conseguia saber de si. No princípio, quando o vazio ameaçava encher a sua pessoa, ela ficava possuída pelo medo. Agora gostava da ausência na qual ela se abrigava, desconhecendo-se, tornando-se alheia de seu próprio eu. (EVARISTO, 2017, p. 40)

Ponciá era consciente de tudo o que passava, inclusive a ausência era local de refúgio, proteção para si mesma, mas eram esses momentos de completa ausência que Ponciá relembra sua vida de um passado, tentando recuperar “os fragmentos de sua vida”, que justificassem a identidade de seus ancestrais.

É através desses reflexos da memória que há o encontro com a vida real que não é só a de Ponciá, mas de um povo africano, num sentimento de saudade pelo desejo de voltar à terra natal. Ponciá conheceu e fugiu da prática velada do coronelismo, pois não queria ser mais uma “escrava alforriada”, sendo explorada, mesmo tendo sido “liberta” pelas leis dos homens.

Há tempos, quando os negros ganharam aquelas terras, pensaram que estivessem ganhando a verdadeira alforria. Engano. Em muita pouca coisa a situação de antes diferia da do momento. As terras tinham sido oferta dos antigos donos, que alegavam ser presente de libertação. E, como tal, podiam ficar por ali, levantar moradias e plantar seus sustentos. Uma condição havia, entretanto, a de que continuassem todos a trabalhar nas terras do Coronel Vicêncio. (EVARISTO, 2017, p. 47)

Ao fazer a denúncia dessa exploração da diáspora, em sua narrativa, Evaristo desconstrói uma história contada a partir da perspectiva eurocentrada, pois como falar em abolição da escravatura se há muitos vivendo em completo abandono e em situação de escravidão?

No tempo do acontecido, como sempre os homens e muitas mulheres trabalhavam na terra. O canavial crescia dando prosperidade ao dono. Os engenhos de açúcar enriqueciam e fortaleciam o senhor. Sangue e garapa podia ser um líquido só. Vô Vicêncio com a mulher e os filhos viviam anos e anos nessa lida. Três ou quatro dos seus, nascidos do “ventre livre”, entretanto, como muitos outros, tinham sido vendidos. (EVARISTO, 2017, p. 50)

O cenário cultural da diáspora é composto por elementos diversos tais como as religiões africanas, a figura do idoso como um sábio, costumes, arte feita através do barro, música, entre outros. Nossos sentidos são aguçados pela estrutura do romance: a visão, através da descrição das casas dos negros feitos de terra; o tato, com a ideia do chão de barro escorregado; o olfato, com o cheiro das ervas do colchão de capim; o paladar, com as frutas nativas conforme Ponciá nos fala:

As casas das terras dos negros, para o olhar estrangeiro, eram aparentemente iguais. Chão batido, escorregadio, paredes de pau-a-pique e cobertura de capim. As camas dos adultos e das crianças eram jiraus que os homens e mesmo as mulheres armavam com galhos de árvores amarrados com cipós. O colchão de capim era, às vezes, cheiroso, dado ao alecrim que se misturava ali dentro na hora da feitura. (EVARISTO, 2017, p. 59)

O olhar estrangeiro é o olhar colonial que desqualifica todas essas vivências, por isso as ausências de Ponciá são o resultado do não pertencimento, em suas idas e vindas no tempo, fazendo-a não se sentir em lugar nenhum, nem no passado e nem no presente. As lembranças do passado e a saudade de sua família fazem Ponciá voltar a sua casa e, através do seu olhar do que encontrou, revela a saudade de um passado:

A casinha de pau-a-pique de Ponciá continuava de pé. O tempo da chuva começava e um mato verde, ameaçador, crescia ao redor. Ela teve receio de cobra, mas seguiu adiante. Empurrou a porta que abriu doce e lentamente, como se a casa estivesse também a aguardar por ela. (...) Esquecidas de que a vida era outra no momento, teimosamente se postavam, como se estivessem à espera do líquido. Ponciá correu e abriu a janela de madeira. Um cheiro bom de mato, terra e chuva invadiu a casa. Com o coração aos pulos, reconciliou-se com o lugar. (EVARISTO, 2017, p. 48)

Voltar à sua antiga casa é como uma reconciliação com o passado, tentando recuperar algo que já não sabia mais o que era. Consegue perceber que “a vida era outra”, mas ao mesmo tempo continuava igual, pois até os objetos da casa pareciam querer lhe dizer algo.

Continuou procurando e remexendo nos objetos tão conhecidos. Foi ao velho baú de madeira, tirou de lá algumas palhas secas e viu, então, lá no fundo o homem-barro. Vô Vicêncio olhava para ela como se estivesse perguntando tudo. Ponciá tirou o homem-barro de dentro do baú, colocando-o em cima da mesa. Estava cansada, tinha fome, emoção e um pouco de frio. A cabeça tonteou. Sentou-se rápido num banquinho de madeira. Vejo, então, a profunda ausência, o profundo apartar-se de si mesma. (EVARISTO, 2017, p. 48-49)

Reencontrar sua ancestralidade passava por encontrar a si mesma, encontrando o homem-barro, na figura de Vô Vicêncio. Essa volta às origens, através da escultura de barro, sente o peso da saudade, ao não conseguir encontrar sua mãe e irmão e resolve procurar outros membros da família.

Desde que os negros haviam ganho aquelas terras, ninguém tinha chegado e eles se casavam entre si. Eram parentes, talvez, desde sempre, de lá de onde tinham saído. Ela decidiu então, que ia rever os outros, aqueles que também eram os seus. (EVARISTO, 2017, p. 58)

A busca de Ponciá representa a preservação da memória, tanto coletiva quanto individual, para tentar ancorar, resgatar suas raízes, pois quando um dos nossos consegue se libertar das dores e curar-se, todos os nossos ancestrais são honrados naquele ato de cura.

A noite não adormece
nos olhos das mulheres
a lua fêmea, semelhante nossa,
em vigília atenta vigia
a nossa memória.

A noite não adormece
nos olhos das mulheres
há mais olhos que sono
onde lágrimas suspensas
virgulam o lapso
de nossas molhadas lembranças.

A noite não adormece
nos olhos das mulheres
vaginas abertas
retêm e expulsam a vida
donde Ainás, Nzingas, Ngambeles
e outras meninas luas
afastam delas e de nós
os nossos cálices de lágrimas.

A noite não adormecerá
 jamais nos olhos das fêmeas
 pois do nosso sangue-mulher
 de nosso líquido lembradiço
 em cada gota que jorra
 um fio invisível e tônico
 pacientemente cose a rede.

Conceição Evaristo, em *Cadernos Negros*, vol. 19.

Uma resistência da mulher negra, que vive em constante vigília, resgatando o passado, tornando visível no presente tudo o que foi destruído pela história, tentando curar-se e curar os seus.

Fazer a transição do silêncio à fala é, para o oprimido, o colonizado, o explorado, e para aqueles que se levantam e lutam lado a lado, um gesto de desafio que cura, que possibilita uma vida nova e um novo crescimento. Esse ato de fala, de erguer a voz, não é um mero gesto de palavras vazias: é uma expressão de nossa transição de objeto para sujeito – a voz liberta. (HOOKS, 2019, p 39)

Ponciá não conseguia expressar, através das palavras, toda a sua dor, então, para não enlouquecer completamente, decidiu mergulhar no passado para se alimentar de sentimentos que a faziam se reconectar com os seus e sua essência.

Para nós a fala verdadeira não é somente uma expressão de poder criativo; é um ato de resistência, um gesto político que desafia políticas de dominação que nos conservam anônimos e mudos. Sendo assim, é um ato de coragem e, como tal, representa uma ameaça. Para aqueles que exercem o poder opressivo, aquilo que é ameaçador deve ser necessariamente apagado, aniquilado e silenciado. (HOOKS, 2019, p. 36-37)

Ponciá percebia que sem a sua voz era um ser sem vida. Uma vida que não se limitava apenas em respirar e ter os batimentos cardíacos, mas de ser e estar no mundo, fazer parte de um todo, contribuindo para a construção de um mundo mais justo, mas a realidade é outra e estamos distantes de sermos ouvidas sem sofrermos retaliações e ter nossos corpos e falas interrompidas.

É o caso da vereadora Marielle Franco que teve sua voz silenciada de forma brutal e até os dias atuais os mandantes de seu assassinato não foram condenados. Uma mulher com poder de fala, assusta, ainda mais uma mulher negra.

A mulher negra tem muitas formas de estar no mundo – todos têm. Mas um contexto desfavorável, um cenário de discriminações, as estatísticas que demonstram pobreza, baixa escolaridade, subempregos, violações de direitos humanos, traduzem histórias de dor. Quem não vê? (EVARISTO, 2017, p. 13)

A culminância de todas as lutas entrelaçadas ao antirracismo intersecciona-se. Nós, mulheres negras, temos muita mágoa em relação às mulheres brancas, pois em relação à sujeição, exotização, degradação, objetificação, coerção, a mulher branca era vista como a madame, enquanto a mulher negra era vista como a prostituta, comprovando uma relação restrita entre ambas. “A maioria das mulheres brancas que poderá ter se identificado por meio da empatia voltava as costas para a dor das mulheres negras” (hooks, 2013, p. 131).

Uma luta solitária onde quem mais ganhou foram as mulheres brancas. hooks diz que “as mulheres em nossa sociedade estão esquecendo o valor e o poder da sororidade” (hooks, 2018, p. 38). Uma sororidade que, na prática, não acontece, pois milhares de mulheres têm suas vidas destruídas por não se curvarem aos mandos machistas.

Ainda
o homem matando a mulher
ainda
o homem esculachando a
mulher
Ainda o homem Espancando
Estuprando
Violentando
Arrombando
a casa que toda mulher é.

Eu não pensava que as velhas dores
seriam ainda dores do século 21!
É tarde da hora.
Não me sai da cabeça a hematômica e sangrenta
imagem da mulher assassinada pelo ex-marido
que disse,
com a naturalidade de quem diz amém:
“Se você não quer ser minha
não vai ser mais de ninguém.”
Filhos, vizinhos, parentes, amigos.
Tudo chora.
Sabemos o que há e o que houve:
“Woman is the nigger of the world!”
Lucinda, 2016⁸

Infelizmente, a violência do cotidiano atual é uma repetição da violência dos séculos passados, pois é utilizado no poema a anáfora, a repetição em cada verso, realçando a interrupção, na escrita da palavra “ainda”. Os verbos escritos no gerúndio “matando”, “esculachando”, “espancando”, “estuprando”, “violentando”, “estuprando”

⁸ Elisa Lucinda (do livro Vozes Guardadas) 2016, p. 266.

dando a ideia de continuidade. Ser mulher negra não comporta a mesma luta das mulheres brancas.

Percebemos que há uma irmandade seletiva entre essas mulheres em razão da cor de sua pele e por isso entendemos uma romantização da palavra sororidade. Vilma Piedade (2017) criou o conceito de dororidade, pois sororidade, em sua etimologia, vem de sóror – irmãs e dororidade vem de dor, palavra que indica sofrimento.

Quando escrevo, quando invento, quando crio a minha ficção, não me desvencilho de um “corpo-mulher-negra em vivência” e que por ser esse e não outro, vivi e vivo experiências de um corpo não negro, não mulher, jamais experimenta. As experiências dos homens negros se assemelham muitíssimo às minhas, em muitas situações estão par a par, porém há um instante profundo, perceptível só para nós, negras e mulheres, para o qual nossos companheiros não atinam. (EVARISTO, 2017b, recurso online)

A trajetória de Ponciá é marcada pelo gozo, pela dor e pelo silêncio da personagem, especialmente quando chega à fase adulta, morando na cidade. São vários os momentos de dor, silêncio e apatia de Ponciá:

O grito do homem reclamando da lerdeza de Ponciá fez com que, mais uma vez, ela interrompesse as lembranças. Engoliu a raiva em seco junto com o silêncio. Remexeu o feijão. O fogo dançou sob a panela como se quisesse incendiar tudo. (EVARISTO, 2003, p. 21)

Ponciá permaneceu quieta, mas seu silêncio era de raiva, como se quisesse ser comparada ao fogo e queimar tudo. Mesmo no silêncio há formas de se expressar a dor e uma forma de se lutar por uma cura.

Ponciá buscava encontrar a cura de suas dores e dos seus lamentos. Ela elabora as suas lembranças, sente os traumas dessa memória, mergulhando cada vez mais em seu silêncio, mas encontra a violência como forma de ser resgatada dessa nostalgia, num misto de dor e medo:

Quando viu Ponciá parada, alheia, morta-viva, longe de tudo, precisou fazê-la doer também e começou a agredi-la. Batia-lhe, chutava-a, puxava-lhe os cabelos. Ela não tinha um gesto de defesa. Quando o homem viu o sangue escorrer-lhe pela boca e pelas narinas, pensou em matá-la, mas caiu em si assustado. Ela não reagia, não manifestava qualquer sentimento de dor ou de raiva. E desde esse dia, que o homem lhe batera violentamente, ela se tornou quase muda. (EVARISTO, 2017, p. 98)

Ponciá perdeu a esperança de demonstrar qualquer sentimento para aquele que pensava ser alguém que fosse dividir a vida e o amor. Percebeu, mesmo sem expressar nenhuma palavra, que seu casamento havia terminado naquele momento, após a violência

em seu corpo. Em seus momentos de lucidez tinha consciência do sofrimento pelo qual seu companheiro passava por ela não conseguir gerar um filho, mesmo engravidando por sete vezes, sem nenhum sobreviver.

Do meu corpo
o feto ossificado
há de brotar um dia.
Ele apenas se escondeu
nos vãos de minhas
sofridas entranhas,
enquanto eu de soslaio
assunto a brutalidade
do tempo.
Do meu olhar
a flor petrificada
em meu íntimo solo
contempla a distração de muitos
e balbucia uma estranha fala,
mas, eu sei qualquer dizer,
pois, quem convive
com os forçados à morte,
decifra todos os sinais
e sabe quando o silêncio,
julgado eterno,
está para ser rompido.
Evaristo, 2008⁹

A interrupção da gravidez não era voluntária, mas no íntimo Ponciá entendia que não conseguiria ser mãe, pois o processo de gestar ocorre através da arte com o barro. “Valeria a pena por um filho no mundo? Lembrava de sua infância pobre, na roça e temia a repetição de uma mesma vida para seus filhos” (EVARISTO, 2003, p. 82). Neste sentido, talvez tenha sido melhor que os seus filhos não tivessem sobrevivido em um mundo cheio de injustiça.

Ponciá e tantas outras mulheres negras fazem essa reflexão num misto de amor, alegria por se descobrirem grávidas, mas temerosas do destino desses corpos que são um alvo fácil para não existirem. Ponciá não se sentia humana, pois a dor era tão dilacerante que já não conseguia perceber se estava viva ou morta. Essa dor vivida por Ponciá se perpetua em cada mãe que espera seu/a filho/a chegar e recebe a notícia de sua morte por uma bala perdida que encontra sempre um alvo específico de pele negra e com endereço nos morros e favelas.

⁹ In Poemas da recordação e outros movimentos. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

1.3 Descolonizar é optar pela vida

*Minha palavra vale um tiro
e eu tenho muita munição.*
Racionais MC's

Maldonado Torres (2017) ressalta a teoria de Fanon (2008) relatando os reflexos da colonização nas subjetividades. Fanon, além de destacar a questão do gênero, destaca a questão do homem colonizado. Lugones (2007-2008) acrescenta as relações de gênero e sexualidade. Destaca também a diferença do humano e não humano.

Para Lugones (2011, p. 106) "[...] a hierarquia entre o humano e o não humano é considerada um eixo central da modernidade colonial". Critica o modelo ontológico-maniqueísta, binário e dicotômico do sistema colonial/moderno.

Para Walter Mignolo (2014, p.9), a "colonialidade do ser e do saber" baseia-se no controle econômico, controle político e no "controle de gênero e sexualidade", defendido por Lugones (2014). Para Quijano (2014, p. 185) a colonialidade é um padrão de poder que surge com a modernidade. Para Mignolo (2014) Lugones discute a colonialidade do ser e do saber a partir do gênero e da sexualidade.

No livro *Becos da Memória* (2017), Vô Vicêncio morre quando Ponciá ainda era um bebê, mas ao dar seus primeiros passos todos percebem a semelhança com o avô, pois ele arrastava seu braço cortado. Era a herança de Ponciá pois a menina andava com um dos braços escondido às costas e tinha a mãozinha fechada como se não a tivesse.

A mãe de Ponciá assustou-se, mas o pai aceitou, achou natural. Vô Vicêncio, num ato de dor e desespero assassinou sua esposa e tentou se matar, mas conseguiu apenas decepar uma das mãos. Uma prática comum nos tempos da escravidão, pois era uma forma de terminar com o sofrimento e a violência a que eram submetidos.

Um trauma vivido pela família que foi reproduzido pela menina, depois de muitos anos. A imagem de um trabalho que não tinha fim e não era reconhecido, pois seu pai e irmão trabalhavam incessantemente na lavoura dos colonizadores e, enquanto trabalhavam, Ponciá e sua mãe modelavam o barro para venderem.

Um dia Ponciá fez um boneco de barro com uma das mãos decepadas, para surpresa de todos. Sem perceber a dimensão do seu ato, Ponciá tentou romper com a

colonialidade do poder que atravessava gerações, pois precisava demonstrar a importância de seus ancestrais.

A colonialidade do poder hierarquiza, categoriza e inferioriza pessoas e grupos étnicos. Descolonizar é uma forma de resistência. Lugones (2014) destaca as relações de gênero e a intersecção com as categorias de raça, classe e sexualidade, enfatizando resistir ao poder e descolonizar subjetividades. Quijano (2005) ressalta um padrão de poder, que surge do processo de colonização e na sedimentação do capitalismo colonial/moderno e eurocêntrico, que se soma à raça. Para Quijano:

Um dos eixos fundamentais desse padrão de poder é a classificação social da população mundial de acordo com a ideia de raça, uma construção mental que expressa a experiência básica da dominação colonial e que desde então permeia as dimensões mais importantes do poder mundial, incluindo sua racionalidade específica, o eurocentrismo. (QUIJANO, 2005, p. 227)

Neste sentido, essa tríade de dominação colonial revelada por Quijano (2005) são a base para a colonialidade do poder, no campo do conhecimento na construção das subjetividades. Contudo, Quijano (2005) não ressalta o papel das mulheres nessa tríade entre o colonialismo, o capitalismo e a raça.

Houve uma dominação dos homens sobre as mulheres, secundarizando o saber feminino. Perspectivas femininas do Sul Global, que não são homogêneas, demarcam a pluralidade de saberes que perpassam pelas mulheres de acordo com a sua classe, raça, orientação sexual, entre outras intersecções.

Carolina Maria de Jesus nos relata a rotina das mulheres pobres e como, apesar das dores, essas mulheres lutavam. Essas mulheres, em sua maioria, negras, eram invisibilizadas, inclusive pelos seus companheiros.

As mulheres pobres não tinham tempo disponível para cuidar de seus lares. Às seis da manhã, elas deviam estar nas casas das patroas para acenderem o fogo e prepararem a refeição matinal [...]. Deixavam o trabalho às onze da noite. O homem pobre deveria gerar, nascer, crescer e viver sempre com paciência para suportar as falácias dos donos do mundo. Porque só os homens é que podiam dizer "Sabe com quem está falando?" para mostrar sua superioridade. Se o filho do patrão espancasse o filho da cozinheira, ela não deveria reclamar para não perder o emprego. Mas se a cozinheira tinha filha, pobre negrinha! O filho da patroa a utilizaria para o seu noviciado sexual. Meninas que ainda estavam pensando nas bonecas, nas cirandas e cirandinhas eram brutalizadas pelos filhos do senhor Pereira, Moreira, Oliveira e outros porqueiras que vieram do além-mar. O pai negro era afônico; se pretendia reclamar, o patrão impunha: - Cala a boca negro vadio! Vagabundo! O único recurso era entregar para deus que é o advogado dos pobres. (JESUS, 2007, p. 37 - 40)

Um relato escrito por Jesus que expressa os desmandos do colonizador em relação aos corpos negros. Lugones (2008) contradiz a ideia universal da dominação dos homens sobre as mulheres. A autora ressalta que as mulheres, nos países colonizadores tinham a função de serem do lar, nos países colonizados essa relação se baseia na solidariedade mútua.

Neste sentido, durante o processo de colonização, os colonizadores definiram a raça, a exploração e destruíram essa solidariedade, configurando o que Lugones (2008) conceitua como sistema moderno/colonial de gênero. As mulheres viviam sob múltiplas dominações, mas tentavam resistir a elas e essas formas de resistência foram apagadas pela colonialidade.

Gonzalez (1988) destaca que a raça tem suas especificidades quando se trata da América Latina, pois defende que o racismo, durante o período colonial, representa "a ciência da superioridade eurocristã branca e patriarcal" (GONZALEZ, 1988, p.71), denominado como "modelo ariano de exploração", que define a produção acadêmica do Ocidente. Para a autora, o racismo foi implementado pelos colonizadores com discursos que destacavam a superioridade do colonizador. Segundo Gonzalez:

Dessa forma, as sociedades que constituíram a América Latina são herdeiras destas hierarquizações ideológicas que classificam os sujeitos. Sendo racialmente estratificadas, e com isso, garantindo a superioridade dos brancos, estas sociedades dispensam formas de segregação. (GONZALEZ, 1988, p.73)

A análise de Gonzalez (1988) destaca a importância do feminismo do Sul Global, pois possibilita entender as relações raciais no Brasil e na América Latina, no que tange às opressões e as formas de resistência. De acordo com o Ocidente, as experiências das mulheres subalternizadas são vistas somente a partir do local da subalternização.

Pensar essas experiências a partir do sul Global nos possibilita observar a resistência e a opressão, tornando-as complexas, de acordo com o conceito de "subjetividade ativa" (LUGONES, 2003), definindo "a volta para dentro, em uma política de resistência, rumo à libertação" (LUGONES, 2014, p.940).

Houve a intenção de consolidar determinadas mulheres como subalternizadas e a subjetividade é construída na interação, pois Gonzalez (1988) ressalta a construção intersubjetiva do racismo da América Latina e se amplia para compreendermos o movimento da subjetividade ativa (LUGONES, 2003) frente a diversas formas de

dominação. O domínio não se deu apenas física e territorialmente, mas por meio de falta de identidade linguística, religiosa, cultural, psicológica e territorial.

[...] a colonialidade se refere a um padrão de poder que emergiu como resultado do colonialismo moderno, mas em vez de estar limitado a uma relação formal de poder entre os dois povos ou nações, relaciona à forma como o trabalho, o conhecimento, a autoridade e as relações intersubjetivas se articulam entre si através do mercado capitalista mundial e da ideia de raça. Assim, apesar do colonialismo preceder a colonialidade, a colonialidade sobrevive ao colonialismo. [...] Neste sentido, respiramos a colonialidade na modernidade cotidianamente. (MALDONADO-TORRES, 2007, p.131)

O colonialismo não acabou com a retirada dos colonizadores. O colonialismo tem raízes profundas, permanecendo nos costumes, na língua, na cultura, no ensino, entre outros. Fanon comenta sobre o "pretensso complexo de inferioridade e dependência do colonizado" (FANON, 2008, p.83-101).

O colonialismo foi eficaz pois implanta o hábito, uma vez que está no inconsciente coletivo das populações negras colonizadas. Para o autor, a forma de se eliminar essa opressão é através de uma resposta violenta, de enfrentamento, superando padrões construídos a partir da colonialidade. Busca-se que o Sul Global se erga e resista ao imperialismo exercido pelo Norte Global europeu, branco, cristão, racista desafiando o controle político e de conhecimento, destruindo a colonialidade do poder para que a decolonialidade do saber se mantenha.

A colonialidade do poder não está organizada apenas na ideia de raça e na racialização dos corpos negros e indígenas. O colonizado é uma invenção do colonialismo, não devendo atribuir a responsabilidade às vítimas (Fanon, 2008).

Fanon se opõe à Manonni que atribui a opressão do colonizado à sua formação biológica, sendo contestado por Fanon que afirma que os brancos quando radicados em territórios majoritariamente negros não sofriam complexo de inferioridade e nem racismo (Fanon, 1968).

O efeito da escravidão nas famílias não é observado, esquecendo-se que as famílias escravizadas eram vendidas, sendo separadas. O colonialismo destruiu os horizontes dos povos nativos, como também o seu psicológico. Manonni reconhece, concordando com Fanon, a autoridade do branco (GROSFOGUEL, 2009). Uma autoridade que invisibiliza e desqualifica o corpo negro e suas conquistas.

1.4 Um mergulho nas Escrevivência

Escrever é um ato de sangrar.
Conceição Evaristo

No romance, *Becos da Memória* (2013), o personagem tio Totó mudou de lugar várias vezes na vida, sendo separado de seu povo.

Tio Totó sempre fora um homem de riso e sorrisos fartos. Ele viera de pais escravos. Viera são, salvo e sozinho da outra banda do rio, deixando nas águas, o melhor de seu. Viera de uma primeira e de uma segunda mulher morta. Viera de filhos mortos. Estava no terceiro casamento, cumpria seu tempo de vida com seus 90 e tantos anos e até bem pouco tempo, ria gostoso, ria liberto. Seu riso, sua gargalhada foi rareando quando ele começou a envelhecer. Tio Totó custou a se tornar um velho. Aos 80 anos era um moço. E gostava de repetir: eu não sou de morte fácil, de vida difícil, sim! De todas as suas histórias, a que ele gostava mais de contar e repetia sempre era da travessia do rio. Sempre começava assim: "Cheguei são, salvo e sozinho na outra banda do rio. Gostaria de ter morrido, mas estou aqui." (EVARISTO, 2013, p. 70-71)

A diáspora perpassa todo o texto, pois apesar de ter nascido livre após a Lei do Ventre Livre, trabalhou na roça sua vida toda, levando no peito a dor de seus ancestrais. "A vida passou e passou trazendo dores" (EVARISTO, 2013, p. 24). Não sabia mais distinguir quais histórias faziam parte de sua vida e quais faziam parte da vida dos donos da fazenda pelas quais trabalhava.

Passou a vida tendo que adaptar-se às culturas dos senhores e escondendo sua religião para não ser colocado para fora junto com sua família dos espaços da fazenda. Talvez fosse melhor tentar viver longe de toda aquela opressão, distanciar-se da única linguagem que poderia se expressar, mas não tinha coragem de, mais uma vez, fazer a travessia.

Falar a linguagem do colonizador é assumir sua cultura, sua civilização, é compreender significados por trás da configuração gramatical de símbolos (GROSFOGUEL, 2009). O povo colonizado é obrigado a aprender a língua do colonizador e, ao fazê-lo, adere também à sua cultura.

A língua, depois da raça, é o maior fator da colonização, de modo que o homem negro que domina a língua do colonizador, domina a sua cultura e se embranquece aos olhos do colonizador. Fanon ressalta que a dominação do "ser colonial" é revestir-se como um "branco", pois quanto mais se afasta de sua cultura e se assimila à cultura do colonizador, menos negro e inferiorizado ele é, sendo reconhecido pelo branco.

Há a epidermização do racismo, pois o negro assimila um complexo de inferioridade, buscando imitar o branco. Quanto maior for essa semelhança com o branco, maior será o distanciamento da sua raça, alcançando um grau de humanidade, perdendo sua identidade, cultura e língua. Esse corpo negro quer, "encarar o olhar do branco" e vê-se nesse olhar, buscando encontrar o "eu" pelo crivo do outro, o branco.

O conhecimento do corpo é unicamente uma atividade de negação. É um conhecimento em terceira pessoa. [...] Eu acreditava estar construindo um eu fisiológico, equilibrando o espaço, localizando as sensações, e eis que exigiam de mim um suplemento. "Olhe, um preto!" (...) "Mamãe, olhe o preto, estou com medo!" (FANON, 2008, p. 104)

Fanon destaca a invisibilidade desse corpo negro, pois é reduzido a não existência e visto a partir do parâmetro do branco, numa homogeneidade em relação aos seus, pois para o branco, todos os negros são iguais (FANON, 2008). O racismo, para Fanon, é uma "aberração afetiva" que atinge tanto ao negro quanto ao branco, de forma que não existe um "problema negro", não podendo responsabilizar as vítimas, livrando a responsabilização dos brancos. Existe um "problema branco", porém não em sua essência (GRASFOGUEL, 2009).

Fanon baseia-se na dialética hegeliana em relação as duas zonas: a zona do ser e a zona do não-ser, onde o homem branco ocupa a primeira. A zona do ser é interpretada como superioridade, existência, humanidade e a zona do não-ser está ligada a animalidade.

O homem branco é universal frente à zona do ser, o homem negro está ligado a natureza, cultura, atraso, poesia, emoção e todo estereótipo, incompatível com o social político (FANON, 2008). Neste sentido, querer ser branco e agir como branco é ser um ser com vida.

Jesus relata uma passagem em sua vida que nos dá a dimensão dessa zona do não-ser, pois enquanto há a subserviência do corpo negro, sem pensar na possibilidade de querer ter direitos do homem branco, esse corpo negro é tolerado. A partir do momento que esse corpo negro insurge na perspectiva de ter direitos, torna-se um potencial corpo a ser excluído.

- Se me fosse possível explicar tantas coisas! Mas o tempo também é professor e te ensinará. Os que aprendem por si próprios aprendem melhor. Trabalhamos quatro anos na fazenda. Depois o fazendeiro nos expulsou de suas terras. Vão embora não os quero na minha fazenda. Vocês não me dão lucro. Só me dão prejuízos, a sua lavoura é fraca.

Ele vendia mil sacos de café classificado, o café moça. Vendia cem porcos gordos para frigoríficos, e nós ganhávamos trinta mil-réis com as verduras e ele queria divisão.

Nestas fazendas só o fazendeiro tem o direito de ganhar dinheiro. [...] O fazendeiro entrou, fechou a porta dizendo:

- Oh! Se ainda existisse o tronco! (JESUS, 2007, p.167)

Uma realidade que observamos na atualidade, com a política do agronegócio ditando as regras. Ainda assistimos, atualmente, que o que importa é o lucro desenfreado em detrimento da qualidade de vida dos trabalhadores e consumidores. Enquanto milhares passam fome, um percentual mínimo detém a maior fatia das riquezas, impondo regras para a política econômica e social do país.

Há no país uma política de distribuição de alimentos que fez a diferença no período da pandemia para saciar a fome de milhares de pessoas em situação de fome e insegurança alimentar. O Movimento dos Trabalhadores Rurais e Sem Terra (MST) é um movimento social que se autointitula como de massa, autônomo e que busca organizar trabalhadores/as em busca da reforma agrária.

O MST, junto com diversas entidades que praticam o enfrentamento da fome e insegurança alimentar, impulsionaram uma Frente Nacional contra a Fome e a Sede, com um trabalho de base nas comunidades de todo o Brasil, distribuindo alimentos sem agrotóxicos e implementando cozinhas solidárias para a diminuição da fome, numa ajuda mútua entre os povos, distribuindo toneladas de alimentos, cestas básicas e marmitas solidárias. Entendemos que não é o ideal de um país, mas ajuda a matar a fome de milhares de pessoas em todo o país.

1.5 As subjetividades de um corpo negro

As rosas da resistência nascem no asfalto. A gente recebe rosas, mas vamos estar com o punho cerrado falando de nossa existência contra o mandos e desmandos que afetam nossas vidas.

Marielle Franco

Mulher frágil, sensível, inferior não se referia a mulher negra, que foi historicamente animalizada e, ao longo do tempo caracterizada como "sem gênero", colonizadas, oprimidas pelo sistema colonial que relaciona gênero e raça de forma interligada não tiveram a cumplicidade de seus pares, pois os homens negros colonizados, em sua maioria, não se opuseram à opressão de suas companheiras, em termos de gênero.

Historicamente, no se trata simplemente de una traición por los hombres colonizados, sino de una respuesta a una situación de coerción que abarca todas las dimensiones de la organización social. [...] La cuestión aquí es por qué esa complicidad forzada continúa aun en el análisis contemporáneo del poder. (LUGONES, 2008, p. 76)

Uma questão central para o feminismo decolonial é que a essência do poder capitalista estabelecido pela colonização, baseia-se no sistema colonial de gênero, excluindo as mulheres negras. E mesmo não sendo visível para a colonialidade, foram excluídas das lutas em nome da "mulher" (LUGONES, 2008), configurando um processo de invisibilidade dos homens negros e das mulheres brancas.

Fanon (2008) ressalta a relação entre o colonizado e a metrópole, pois a colonização inferioriza as subjetividades dos indivíduos colonizados. Os povos colonizados, que vivenciam a opressão, interiorizam que são inferiores em razão do "sepultamento de sua originalidade cultural" (FANON, 2008, p.34). O colonizado se reveste dos padrões da metrópole, visualizando-os como superiores.

Ao ser colonizado, o indivíduo assume um complexo de inferioridade, pois o colonizador, ao colonizar esses corpos, nega sua humanidade. Esse indivíduo só é considerado humano, após incorporar os valores e discursos da cultura europeia, buscando embranquecer para se assemelhar ao colonizador, mas as vivências da diáspora não são esquecidas.

Esse complexo de inferioridade dos povos colonizados se estende após o período colonial, pois sua humanidade é invisibilizada. Fanon (2008) ressalta o complexo de inferioridade:

[...] começo a sofrer por não ser branco, à medida que o homem branco me impõe uma discriminação, faz de mim um colonizado, me extirpa qualquer valor, qualquer originalidade, pretende que seja um parasita no mundo, que é preciso que eu acompanhasse o mais rápido possível o mundo branco. (FANON, 2008, p. 94)

Para ter reconhecida a sua humanidade, indivíduos colonizados agem e pensam com base nos valores culturais da metrópole, pois quem define quem é ou não humano é o parâmetro arbitrado pelo colonizador. O Ocidente é o parâmetro a ser seguido, pois indígenas e negros eram vistos como sub-humanos. A cultura europeia é tida como civilizada e os povos colonizados tidos como selvagens, numa Necrofilia Colonialista Outrocida, Moraes (2020a).

Para Quijano (2014) a colonialidade vai além do colonialismo, incutindo-lhe intersubjetividades. As formas de colonização epistêmica prevalecem, apesar do fim do período colonial. A criação do conceito de raça foi utilizada pelo colonizador para classificar indígenas e negros escravizados. Neste sentido, "os europeus foram levados a sentir-se não só superiores a todos os demais povos do mundo, mas, além disso, naturalmente superiores" (QUIJANO, 2005, p.121).

Os homens ditavam as normas e controlavam as mulheres e a sua sexualidade. Seus discursos eram tidos como hegemônicos, mas as mulheres lutaram contra essa hegemonia. Lugones (2014) criou o conceito "Colonialidade de gênero", ressaltando a colonização e dominação dos povos da América pelos colonizadores.

A colonização dos indígenas constituiu a supervalorização da cultura ocidental, desvalorizando a cultura do colonizado, resultando a aculturação e a perda da identidade dos povos da América.

Evaristo narra histórias que fazem referência à travessia do Atlântico, às viagens que ocorreram na diáspora. O personagem Tio Totó passa por algumas perdas, mudando-se em vários momentos de sua vida e carregando no peito a dor que o seu pai carregava, chamada "banzo". Após as terras serem vendidas, mais uma vez Totó teve de deixar a fazenda onde trabalhava na roça, com sua mulher e filha e partir.

Havia o rio para atravessar, uma canoa improvisada de tronco de árvore. Não dava para esperar mais do lado de cá. Já havia uma semana de chuva, O rio subindo, mais e mais. O desespero também.

- A gente atravessa o rio ou fica, Miquilina? Você é por ir ou ficar?

- A gente atravessa, Totó. Tenho medo, mas devemos de atravessar!

- É Miquilina, se agarra à menina Catira, eu me agarro aos trapos. Santa Bárbara há de nos ajudar!...

O rio, a cheia, o vazio da barca improvisada, o turbilhão, a vida, a morte, tudo indo de roldão.

Totó alcançou só a outra banda do rio. Uma banda de sua vida havia ficado do lado de lá. (EVARISTO, 2013, p.34-35)

Mulher e filha ficaram no Atlântico. Sobram os trapos. Talvez os trapos, aos olhos do colonizador, valessem mais do que os corpos negros femininos. Lugones denuncia que devemos combater não mais o colonizador, mas a colonialidade de gênero que ainda persiste para construirmos um feminino de resistência, contestando as formas de dominação, para que possamos construir epistemologias para que mulheres que estão nas fronteiras, oprimidas, possam ter outras oportunidades.

Precisamos descolonizar o saber e o ser, oportunizando um feminismo decolonial, ecoando a voz dos não humanos (mulheres, negras, indígenas, LGBTQIAP+, entre outras). Lugones propõe a produção de uma pedagogia decolonial que percebe o gênero como relacional e racializado, propondo o enfrentamento, a decolonização do poder, do saber, do ser e do gênero.

As personagens dos contos e romances de Conceição Evaristo nos fazem refletir sobre nossos corpos e o quanto transbordamos ao falarmos sobre nossas histórias e as histórias dos/as nossos/as mais velhos/as. Quantas vezes rimos para não chorarmos? Quantas vezes saímos sem rumo na esperança de encontrarmos uma solução para nossos problemas ou para as dores de um/a dos/as nossos/as?

Conceição Evaristo diz que Escrevivência não é um conceito, é um escrever, viver, ver, mas seja o que for, Escrevivência atravessa a vida dos corpos negros que costuram suas histórias com as histórias já vividas.

Como ler Ponciá Vicêncio e não mergulhar nas dores e gozos dos personagens? Ponciá se parece com todas as meninas negras que se recusam a ser invisíveis, insubordinadas, que querem encontrar seu caminho, querem sorrir.

Olho para Ponciá e me enxergo num passado bem distante... Uma menina negra que mergulhava na leitura para suavizar as dores. Estou falando de mim e de milhares de meninas negras que sofrem sem terem perspectivas, presas num espaço de morros e favelas, sendo um provável alvo de bala perdida ou de uma violência maior ou menor. São tantas que não dá para prever.

Tio Totó se parece com tantos outros corpos negros que lutaram por um lugar para se viver que foi desistindo de viver como tantos outros que conhecemos. Tio Totó me lembrou o Tio Zezé, irmão de Maria Rita, um homem que lutava para ter por perto o entusiasmo e a alegria.

Amava contar histórias e ajudar a todos que encontrasse pelo caminho. Trabalhou durante toda a sua vida num clube frequentado pela classe média alta de Cataguases, em Minas Gerais. Quando começou a envelhecer foi substituído por um corpo mais jovem, mais ágil...

Tio Zezé perdeu o sorriso, perdeu a esperança e mergulhou na bebida. Tinha que esquecer todas as suas dores e, ao se embriagar, anesthesiava sua dor. Como ser substituído como se fosse uma peça de uma máquina que não mais tinha utilidade? E como iria conseguir sustentar sua família? Como iria demonstrar esperança se não tinha como alimentar seus filhos? Tio Zezé foi perdendo o brilho no olhar, foi perdendo o riso fácil,

foi morrendo em vida... Desistiu! Depois de alguns meses o corpo não aguentou e ele teve um AVC, morrendo em pouco tempo.

Ponciá Vicêncio, ao se afastar de sua família, foi perdendo a alegria de viver. Não conseguia ser a esposa que seu marido esperava, não conseguia lhe dar os filhos que tanto ele queria... Vivia submersa em seus pensamentos, tentando lembrar-se de quando se perdeu.

Ponciá é uma mulher jovem, nascida na propriedade do poderoso Coronel Vicêncio, que tratava seus empregados como se ainda estivessem no tempo da escravidão, que viviam presos a uma suposta dívida que nunca tinha fim. Apesar de todas as dores vividas Ponciá sonhava, brincava de enganar o arco-íris para não se tornar menino. Em sua ingenuidade de criança era feliz e via sua mãe como a força da família. "Ponciá Vicêncio gostava de ser menina. Gostava de ser ela própria." (EVARISTO, p.13).

A partir do momento em que foi crescendo essa alegria vai se esvaindo. Ponciá, ainda bebê, foi influenciada por Vô Vicêncio, que morre quando ela é ainda criança, mas que deixa inúmeras marcas na família.

A força da ancestralidade explica as marcas deixadas por Vô Vicêncio em Ponciá que, ao moldar o barro, constrói uma imagem com uma das mãos decepadas. Ela percebe que a fazenda não lhe oferecerá oportunidades de viver e parte em busca de uma vida melhor. Não encontrou e, anos depois, sem ter notícias de sua mãe e irmão, resolve visitá-los, mas não os encontra, voltando para a cidade com o coração devastado.

Maria Rita também viveu essa realidade, pois seus pais viviam em um terreno, nas terras de uma família de posses, em Minas Gerais. Seu pai pagava aluguel e para continuar vivendo naquelas terras, conseguiu um trabalho como gari e se libertou das garras do senhor, mas seus filhos, Oswaldo e Maria Rita, precisavam ajudar nas despesas da casa e foram trabalhar no canavial.

Maria Rita, com doze anos, foi trabalhar na casa de uma das filhas do senhor que se casou e se mudou para o Rio de Janeiro. Talvez, para Maria Rita, essa tenha sido a maior prova de amor que deu aos seus pais pois, mesmo morrendo de medo de ir para um lugar desconhecido, enfrentou seu medo e foi com a esperança de ajudar sua família. Afinal, já sabia o que era o trabalho pesado, pois trabalhava no canavial.

Conhecia a dor da fome e, por muitas vezes, por não terem o que comer no horário do almoço, ela e seu irmão chupavam um pedaço de cana-de-açúcar e começavam a cantar para esquecerem a fome. Já sabia o que era fome e não queria que seus irmãos

continuassem experienciando essa dor. Com o dinheiro do salário iria ajudar a manter as despesas da casa, mas a realidade foi bem diferente.

Ao receber seu primeiro salário percebeu que os descontos eram tantos que quase não iria enviar um valor que ajudasse nas despesas. Se optasse por visitar seus pais, não teria como ajudá-los. Enviava o dinheiro que lhe sobrava e acumulava saudades... Maria Rita foi crescendo, tornou-se uma mulher dentro do espaço de um quarto, sem janelas, próximo à cozinha. sua família viu bem pouco...

Uma escravidão revestida de uma roupagem de pessoa da família. Saiu de sua casa com a promessa de que seria mais um membro da família, mas ao desembarcar do trem e entrar pela porta da casa da patroa percebeu que era considerada um membro da família para realizar as tarefas da casa sem reclamar, pois aos doze anos lavava, passava, arrumava e não tinha horário para dormir enquanto tivesse trabalho para realizar.

Sua boneca era o bebê da madame que tinha que cuidar e fazer mágica para realizar todas as tarefas, naquele trabalho escravo. Maria Rita vivia das lembranças de sua família. Não tinha amigos e vivia resignada em seu mundo de quatro paredes e sem janelas. Cruz (2022) retrata bem o arquétipo do quarto:

Sei que eu, no fundo, não era um quarto. Eu era uma solitária. Exatamente. Uma prisão, um lugar destinado a apartar do mundo e do restante dos viventes. Sou tão pequeno..., mas sei também que consegui abrigá-las como nenhum outro cômodo da casa. [...] Todo quarto de empregada é próximo à lixeira da casa, porque está sempre no fundo do profundo do imóvel. Nós, os “quartinhos”, estamos sempre perto dos odores da vida das pessoas que não nos habitam. Perfume francês, patê de fígado de pato, vinho caro, trufas, papel higiênico, absorventes, suor. Quase tudo era deles. (CRUZ, 2022, p. 139)

Ponciá estava cansada dessa invisibilidade e, ao lembrar seus momentos junto à família, se lembrava do prazer em confeccionar os objetos de barro, conseguindo fugir, mesmo que por pouco tempo, de sua realidade. Apegava-se às suas lembranças como uma forma de permanecer viva. "Ela gastava todo o tempo com o pensar, com o recordar.

Relembrava a vida passada, pensava no presente, mas não sonhava e nem inventava nada para o futuro." (EVARISTO, p.19). Percebeu que mesmo na cidade perpetuava sua vida de escravidão, perdeu sete filhos no ventre e sentindo o profundo vazio que era sua vida restou-lhe entregar-se à apatia. Não era compreendida por aquele que pensou amar.

Vivia uma violência cotidiana, resgatando seu passado e refugiando-se nele como uma forma de proteção. Casou-se na esperança de encontrar a felicidade perdida, mas percebeu o vazio que se tornou seu casamento pela violência física desenfreada de seu

marido, também vítima da exclusão social. Ponciá não consegue libertar-se da violência colonial e da escravidão pois cada vez mais aproxima-se do sofrimento causado pela dor da separação e desilusão.

Luandi, seu irmão, chega à cidade em busca da irmã e se encanta quando conhece o soldado Nestor, homem negro numa posição de autoridade. Luandi quer tornar-se um soldado e tem na figura de Nestor um exemplo. Apaixona-se por uma mulher que é assassinada pelo cafetão da cidade. Apesar das dores, a trajetória de Luandi é menos sofrida do que a de Ponciá.

Maria Vicêncio, mãe de Ponciá, sente a necessidade de reencontrar seus filhos e parte para a cidade com essa esperança. Ponciá, talvez por sentir o chamado da ancestralidade, resolve voltar para sua terra natal e encontra seu irmão na estação ferroviária.

Maria Rita guarda a lembrança do embarque no trem. Levou consigo apenas umas peças de roupa e uma fotografia dos seus. Parecia adivinhar que retornaria somente para o funeral de sua mãe que, na exaustão do trabalho de lavadeira, teve um AVC e morreu poucos anos depois de sua partida.

A dor da perda de sua mãe fez Maria Rita repensar sua vida. Será que tinha feito a escolha certa? Será que se tivesse continuado trabalhando no canavial não teria evitado a morte de sua mãe? Agora nada mais adiantava...

Queria ter conseguido dar uma vida melhor para sua família, mas não conseguiu. Com a perda de sua mãe começou a repensar sua história... Acordou! Começou a fazer amizade com suas iguais e descobriu direitos que pensava não existir. Descobriu que existiam direitos como carteira de trabalho, férias e que não havia tantos descontos.

Deixou a casa da família que a escravizava e procurou outros lugares que lhe respeitasse. Conseguiu que sua carteira de trabalho fosse assinada e passou a gerir seu salário, sobrando um valor maior para continuar ajudando sua família. Passou a buscar informações para lutar por seus direitos.

Maria Vicêncio e Luandi resgatam Ponciá, levando-a até sua casa e fazendo-a se reconhecer na beira do rio, voltando a querer viver, apesar da angústia e do sofrimento. "A menina continuava bela, no rosto sofrente, feições de mulher. Por alguns momentos, outras faces, não só a de vô Vicêncio, visitaram o rosto de Ponciá" (EVARISTO, p.125). Luandi, ao ver que a irmã resgatava a alegria de viver, entende que mesmo que se tornasse soldado, continuaria a receber ordens dos homens brancos.

Ponciá descobriu que sua conexão com o barro lhe restaurava as forças, comunicando-se com o mundo e conectando-se com o seu passado e sua ancestralidade. Uma mulher que ultrapassou, não apenas o espaço territorial, mas principalmente o espaço temporal, indicando que o passado, presente e futuro não estão separados e são elementos que podem nos curar.

Deixe-me ir
Preciso andar
Vou por aí a procurar
Rir pra não chorar...

Quero assistir ao Sol nascer
Ver as águas dos rios correr
Ouvir os pássaros cantar
Eu quero nascer
Quero viver

Deixe-me ir
Preciso andar
Vou por aí a procurar
Rir pra não chorar
Se alguém por mim perguntar
Diga que eu só vou voltar
Depois que me encontrar
(...)
Compositor: Antonio Candeia Filho
Fonte: LyricFind

Ponciá e Maria Rita andaram por muitos caminhos, talvez muitos imaginários tentando se encontrar... As dores que sentiram foram tantas que pensaram que fossem sucumbir, mas tiraram forças de lugares que elas mesmas não pensaram existir.

Quantas vezes Maria Rita riu para não chorar, pois chorar na frente daqueles que a entristeceram era dar um gosto de vitória e sua mãe lhe ensinara que nem todos são amigos. Tanto Ponciá quanto Maria Rita descobriram essa verdade na própria pele.

Andaram por tantos caminhos e só pararam depois que encontraram um motivo para resgatarem a alegria de viver. Teimaram, teimaram, teimaram até encontrarem um caminho melhor do que aquele que lhes disseram ser o fim da estrada.

1.6 Entre dores e danos: precisamos prosseguir

Certidão de óbito

Os ossos dos nossos antepassados
Colhem as nossas perenes lágrimas
Pelos mortos de hoje.

Os olhos dos nossos antepassados,

Negras estrelas tingidas de sangue,
elevam-se das profundezas do tempo
cuidando de nossa dolorida memória.

A terra está coberta de valas
e a qualquer descuido da vida
a morte é certa.
A bala não erra o alvo, no escuro
um corpo negro bambeia e dança.
A certidão de óbito, os antigos sabem,
Veio lavrada desde os negreiros.
(EVARISTO, 2017, p.17)

Evaristo denuncia a Necrofilia Colonialista Outrocida apresentada por Moraes (2020a) ao escrever que “Os ossos dos nossos antepassados, colhem as nossas perenes lágrimas, pelas mortes de hoje”. Esse extermínio de corpos negros, respaldada por uma política de morte, referenda o processo de colonização, que permite que esse corpo negro seja destruído, alimentado por um discurso apaziguador de que essa morte foi em decorrência de uma bala perdida, num Auto de Resistência¹⁰, alvos e endereços nos morros e favelas.

“A morte é certa”, pois perder nesses lugares faz parte do cotidiano, mas não é possível se acostumar, resistindo. Resistir é alimentar a esperança de viver atravessados pelo Princípio da Dignidade da Pessoa Humana.

Substituir direitos pela violência, nesses espaços, tendo a população que silenciar para sobreviver é uma das regras impostas por esse poder paralelo. O poder público, através de políticas públicas, sem atuar, abre espaço para o oferecimento de supostos serviços por grupos paramilitares¹¹ e pelo tráfico. Nesses espaços, a resistência é contra a invisibilidade e por melhor qualidade de vida.

Evaristo, ao relacionar os ossos dos nossos antepassados com os mortos de hoje, grita que a colonialidade e seus reflexos se apresentam nesses espaços, num vultuoso extermínio, remetendo-os ao tempo da escravidão. Na atual conjuntura, ainda há o poder

¹⁰ A construção para a legitimação (anti) jurídica dessa política racista de extermínio surge há 50 anos, em 02.10.1969, com a Ordem de Serviço N, n.º 803, da Superintendência da Polícia Judiciária do antigo Estado da Guanabara – depois ampliada pela Portaria E, n.º 30, de 06.12.74, do Secretário de Segurança Pública – que “dispensa a lavratura do auto de prisão em flagrante ou a instauração de inquérito policial” e determina a aplicação do art. 292, do Código de Processo Penal, que prevê a lavratura do “auto de resistência” na hipótese específica de resistência à ordem legal de prisão. Disponível em: <https://www.justificando.com/Acesso em 20/08/2021>.

¹¹ Forças paramilitares são grupos ou associações civis, armadas e com estrutura semelhante a militar, mas que não faz parte das forças armadas, com fins político-partidários, religiosos ou ideológicos, formados por membros armados, que usam táticas e técnicas civil ou militares para a consecução de seus objetivos. Fonte: Wikipédia. Disponível em: <https://g.co/kgs/AQXudR>. Acesso em 20/08/2023.

de matar, respaldada por uma política de morte contra o corpo negro, um genocídio legitimado pelo mito da democracia racial no Brasil.

Estamos no século XXI e ainda é possível percebermos os reflexos da colonialidade em nosso cotidiano, principalmente através do recorte de raça, classe e gênero.

No período do pico da pandemia, houve uma continuidade com um certo aprofundamento do extermínio de corpos negros, apesar da decisão¹² do ministro Édson Fachin, do Supremo Tribunal Federal, que proibiu que fossem realizadas operações policiais nas favelas do Rio de Janeiro. A decisão teve sua eficácia a partir de 5 de junho de 2020.

Apesar de denúncias da fome e desemprego nesses locais, crianças e adolescentes, em sua maioria, negros, foram alvos de balas perdidas. Jenifer, João Pedro, Kathlen Romeu e tantos outros corpos negros figuram como estatísticas nos noticiários, apesar de famílias destruídas em seus sonhos, num flagrante extermínio, sem o respeito ao Princípio da Dignidade da Pessoa humana.

Infelizmente, o extermínio desses corpos negros independe do governo que está no poder, pois não há uma política pública de reparação substantiva dessas desigualdades sociais.

Corpos negros exterminados que devem ser sepultados em silêncio, mas como não expressar a dor que corta a carne sem ecoar esse grito de dor? Como não mostrar à sociedade que o corpo negro exterminado tem alguém que chora pelo seu não viver? Como não gritar por justiça ao ser qualificado como criminoso, mesmo tendo a comprovação de uma vida com dignidade? Emicida¹³, denuncia:

[...]

Primeiro, sequestra eles, rouba eles, mente sobre eles
 Nega o Deus deles, ofende, separa eles
 Se algum sonho ousa correr, cê para ele
 E manda eles debater com a bala de vara eles, mano
 Infelizmente onde se sente o Sol mais quente
 O lacre ainda tá presente só no caixão dos adolescente
 Quis ser estrela e virou medalha num boçal
 Que coincidentemente tem a cor que matou seu ancestral
 Um primeiro salário

¹² Disponível em: <https://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=449833&ori=1>, acessado em 21/08/2023.

¹³ Poema Ismália. As “Ismálias” na música de Emicida representam as cinco pessoas que morreram assassinadas na chacina de Costa Barros, no Rio de Janeiro, em 2016.

Duas fardas policiais
 Três no banco traseiro
 Da cor dos quatro Racionais
 Cinco vida interrompida
 Moleques de ouro e bronze
 Tiros e tiros e tiros
 Os menino levou 111 (Ismália)
 Quem disparou usava farda (meu crime é minha cor)
 Quem te acusou nem lá num tava (eu sou um não lugar)
 É a desunião dos preto, junto à visão sagaz
 De quem tem tudo, menos cor, onde a cor importa demais

Fonte: [Musixmatch](#)

Compositores: Vinicius Leonard Moreira / Renan Samam / Emicida

A população dos morros e favelas, ao perderem essas vidas, reivindicam justiça, políticas públicas que enxerguem pessoas ao invés de alvos e, num ato de militância e desespero, invadem as ruas, descem o morro, mostram sua dor a quem vive no asfalto, muitas vezes, alheios a Necrofilia Colonialista Outrocida que acontece nesses espaços.

É uma expressão da “Propaganda pelo ato”¹⁴ (WALTER, 2000) que, ao reivindicar justiça por esses corpos exterminados, familiares e população saem às ruas para se manifestarem contra esse extermínio, demonstrando todo o luto e descontentamento com essas supostas políticas públicas que atendem apenas a uma parcela da população.

Pregar a Paz quando um tirano nos desonra impondo sua vontade, quando um rico nos extorque até nos converter em seus escravos, quando o governo e a burguesia e o clero matam toda a esperança [...] Pregar a paz, em tais circunstâncias é covarde é vil, é criminoso. (Magón, 1910)

(...) precisamos difundir nossos princípios, não com palavras, mas com ações. Esta é a mais popular, mais potente e mais irreversível forma de propaganda. (Bakunin, 1870)¹⁵

Propaganda pelo ato atravessada por um misto de ódio, dor e eco de gritos que urram por justiça. Talvez, para essas pessoas que estão reivindicando, a única possibilidade de justiça seja comprovar que aquele corpo exterminado taxado como mais um bandido que foi morto ao entrar em combate contra policiais não era um criminoso.

¹⁴ Propaganda pelo ato foi uma concepção estratégica anarquista muito popular entre os ilegalistas do final do século XIX e início do século XX. Consiste basicamente na realização de uma ação de grande visibilidade a fim de que essa se torne referência e inspiração para outras ações semelhantes e/ou complementares implementadas por outros grupos e indivíduos.

¹⁵ Trechos de "Pregar a Paz é um Crime", de Ricardo Flores Magón, publicado em 17 de setembro de 1910 durante a Revolução Mexicana no jornal "Regeneración" e da "Carta a Um Francês", de Mikhail Bakunin, publicada entre agosto e setembro de 1870 no jornal "Lá Solidarité".

Muitos sofrem o vilipêndio de seus corpos ao terem a cena do crime alterada com drogas e armas para transparecerem que eram bandidos. Diante desse quadro, resistimos e lutamos, pois, a justiça, em nosso país, tem cor.

1.7 Colonialismo e a não existência do outro

*A carne mais barata do mercado
é a carne negra
Que vai de graça pro presídio
E para debaixo do plástico
Que vai de graça pro subemprego
E pros hospitais psiquiátricos
Elza Soares*

O colonialismo intitula-se como um parâmetro político, econômico e administrativo onde algumas nações se sobrepõem a outras, explorando-as, com uma concentração de bens e recursos por uma minoria, com acúmulo de riquezas e o estabelecimento da hegemonia capitalista no mundo. As estruturas do sistema/mundo geraram o racismo e uma hierarquização étnico/racial e de gênero. Segundo Fanon:

O mundo colonial é um mundo dividido em compartimentos [...] Vê-se que o intermediário do poder utiliza uma linguagem de pura violência. O intermediário leva a violência à casa e ao cérebro do colonizado. Não basta ao colono afirmar que os valores desertaram, ou melhor, jamais habitaram o mundo colonizado. [...] Por vezes este maniqueísmo vai até o fim de sua lógica e desumaniza o colonizado. A rigor, animaliza-o. (FANON, 1968, p. 27-31)

A proposta de dominação que foi intitulada com o capitalismo tem como parâmetro a não existência do outro em sua identidade, cultura e saberes. Fanon (2008) diz que o ataque ao corpo é a primeira forma de não-existência e a catequização é a outra forma que nos impõe a crença de que somos inferiores pela raça, instituindo nossa existência à subordinação.

O conceito de Necrofilia Colonialista Outrocida retrata a conjuntura do país, que vivencia uma guerra entre o poder público e os grupos militarizados de rebeldes nas favelas e periferias que fazem o comércio de drogas. Nessa guerra o corpo negro é o mais afetado. O poder público, que deveria ser o garantidor da segurança pública, apresenta o desejo pela morte desse corpo negro, não enxergando seres humanos, mas criminosos a serem exterminados. O desejo pela morte do corpo negro, não engloba o obediente, portanto, não é de qualquer um, mas sobretudo do corpo do insubmisso. O negro bonzinho, que não se revolta e aceita seu lugar de sub-humano é bem aceito nessa sociedade aliás, ele é imprescindível para continuar realizando as práticas de um escravizado que não se rebela e aceita todas as ordens e mandos dos corpos eurocentrados.

Esses corpos podem ter títulos conquistados na academia, terem veículos luxuosos, ascensão social e política, mas serão potenciais corpos a serem abatidos, sem direito ao contraditório ou a ampla defesa.

Estatisticamente, milhares de corpos negros estão encarcerados em presídios por serem reconhecidos por terceiros por terem a cor da pele preta, por apresentarem semelhança com o autor do fato ou por terem endereços situados em morros e favelas. Ter o corpo negro é a marca para ser um alvo em potencial para o extermínio, independentemente de sua ascensão política, econômica e social. Emicida denuncia:

[...]

Deixou a falha e quer migalha de quem corre com fratura exposta
 Apunhalado pelas costa
 Esquartejado pelo imposto imposta
 E como analgésico nós posta que
 Um dia vai tá nos conforme
 Que um diploma é uma alforria
 Minha cor não é uniforme
 Hashtags #PretoNoTopo, bravo!
 80 tiros te lembram que existe pele alva e pele alvo
 Quem disparou usava farda (Mais uma vez)
 Quem te acusou nem lá num tava (Bando de espírito de porco)
 Porque um corpo preto morto é tipo os hit das parada:
 Todo mundo vê, mas essa porra não diz nada

Olhei no espelho, Ícaro me encarou:
 "Cuidado, não voa tão perto do Sol
 Eles num guenta te ver livre, imagina te ver rei"
 O abutre quer te ver drogado pra dizer:
 "Ó, num falei?!"

Fonte: [Musixmatch](#)

Compositores: Vinicius Leonard Moreira / Renan Samam / Emicida

O processo de reparação pela escravidão dos corpos negros, conquistada através de muita luta e alvo de ardil e manobras para impedir o acesso ao direito conquistado. Corpos brancos se declaram negros no intuito de usufruírem o acesso às cotas, com a implementação de liminares para se manterem nesses espaços, após denúncias de apropriação indébita, concursos públicos que publicam apenas uma vaga para impedirem a possibilidade de reserva de vagas garantida por lei são faces dessa política de retirada de direitos.

1.8 O enegrecimento do Feminismo no Brasil

Somos seres humanos como os demais, com diversas visões políticas e ideológicas. Eu, por exemplo, entre esquerda e direita, continuo sendo preta.

Sueli Carneiro

As ideias feministas surgiram no Brasil a partir do século XX, tendo como parâmetro de luta o modelo norte-americano branco, objetivando a inserção da mulher na sociedade de classes. A expansão do debate de gênero composto por uma maioria de mulheres brancas e acadêmicos não contemplou as reivindicações das mulheres negras, indígenas, populares e LGBTQIAP+.

Segundo Gonzalez (1988a), implementar a discussão do feminismo no Brasil foi importante para as mulheres, abrindo espaço para uma discussão mais profunda sobre a temática. Apesar dos avanços quanto ao gênero, o feminismo não contemplou as mulheres negras e a discriminação racial. Omitir essa discussão sobre o racismo baseia-se numa visão eurocêntrica:

(...) alguns cientistas sociais caracterizam como racismo por omissão e cujas raízes, dizemos nós, se encontram em uma visão de mundo eurocêntrica e neocolonialista da realidade. (GONZALEZ, 1988a, p. 13)

Para Gonzalez, é aceitável a discussão no que tange a luta contra a exploração feminina, mas não quanto a pauta sobre o racismo e sobre como há o atingimento na mulher negra, pois há uma omissão da exploração dessa mulher em relação a mulher negra.

O movimento Negro Unificado, criado em 1978, em São Paulo, não foi eficaz pois de acordo com Gonzalez (2018) havia um controle das falas das mulheres negras por posturas machistas. Essas mulheres negras não podiam exercer suas opiniões a qualquer tempo, pois o discurso masculino era priorizado.

Segundo Carneiro (2003) houve a necessidade de as mulheres negras enegrecerem o feminismo, sexualizando o Movimento Negro em razão do gênero inferiorizado. Houve a necessidade da discussão de uma pauta contra a opressão de gênero e classe, defendida pela mulher branca, pois a mulher negra lutava pela ampliação dessa pauta com a inclusão da raça. Para a autora:

Enegrecer o feminismo é a expressão utilizada para designar a trajetória das mulheres negras no interior do movimento feminista brasileiro. Buscamos assinalar, com ela, a identidade branca e ocidental da formulação clássica feminista, de um lado; e, de outro, revelar a insuficiência teórica e prática

política para integrar diferentes expressões do feminismo construídos em sociedades multirraciais e pluriculturais. (CARNEIRO, 2003, p.118)

O enegrecimento do feminismo tem a função de expandir a voz de mulheres negras, secundarizadas em suas reivindicações, pois foram invisibilizadas e com uma tripla opressão, com o reconhecimento de que há uma desigualdade entre essas mulheres, oriundas do racismo e subalternização (CARNEIRO, 2001). Após o III Encontro Feminista Latino-americano, ocorrido em Bertioga, São Paulo, houve o estabelecimento de uma visão política do feminismo, com a visibilidade do Movimento Negro.

Carneiro (2003) afirma que não houve a contemplação do mercado de trabalho para as mulheres negras, pois a maioria eram empregadas domésticas, sem perspectivas salariais. Argumenta, ainda, sobre a violência sofrida pela mulher negra, uma violência racial. Segundo Carneiro:

[...] forma específica de violência que constrange o direito à imagem ou a uma representação positiva que limita as possibilidades do encontro no mercado afetivo, inibe ou compromete o pleno exercício da sexualidade pelo peso dos estigmas seculares, cerceia o acesso ao trabalho, arrefece as aspirações e rebaixa a autoestima. (CARNEIRO, 2003, p.122)

A autora destaca a secundarização da mulher negra com o estereótipo de que é forte, sendo descartado o direito de reprodução dessa mulher e sua desvalorização pela mídia, incentivando sua sexualização.

Há uma invisibilidade para a ascensão no mercado de trabalho, na academia e em lugares de poder, mas esses corpos negros femininos são desejados como objeto sexual. A cultura do embranquecimento defende a ideia de que para homens negros terem uma ascensão devem casar-se com mulheres brancas, numa validação de sua imagem. A palmitagem¹⁶ é uma rotina praticada por homens negros cis hétero como um suposto passaporte visando uma maior aceitação social.

Corpos negros femininos sentem o peso da solidão pois há fundado receio de se externar amor e serem rejeitadas. Os ancestrais sofreram tantas perdas, dores com a venda ou morte de seus/as filhos/as e amores, com a violência dessas separações que essas lembranças devem estar gravadas no DNA desses corpos. Por isso, a solidão é cotidiana.

¹⁶ Expressão usada para homens negros cis hétero que se relacionam com mulheres brancas. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/precisamos-falar-sobre-exclusao-amorosa-de-garotas-negras-e-palmitagem>. Acessado em 21/08/2021.

Uma solidão que atravessa os corpos de mães solas, pela preservação da vida de seus/as filhos/as, pela manutenção do alimento, por serem preteridas por corpos brancos para figurarem como esposas e, em contrapartida, serem mais facilmente escolhidas no papel de amantes. Na canção AmarElo¹⁷, Emicida faz uma denúncia:

Permita que eu fale, e não as minhas cicatrizes
 Elas são coadjuvantes, não, melhor, figurantes
 Que nem devia tá aqui
 Permita que eu fale, e não as minhas cicatrizes

Tanta dor rouba nossa voz, sabe o que resta de nós?
 Alvos passeando por aí
 [...]

 Tenho sangrado demais
 Tenho chorado pra cachorro
 Ano passado eu morri
 Mas esse ano eu não morro.

Fonte: Musixmatch

Ao revisitarmos o passado há a constatação de que os ancestrais desses corpos negros não tiveram escolha, a não ser tornarem-se fortes pelos/as seus/as e por si mesmo. Superar dores, que passa por ser resistente, é um processo de cura, um sinal da opção pela proteção, apesar da solidão. Essa proteção é atravessada pelo cuidado com o corpo, identidade e saberes.

Há a dimensão da linha tênue entre o prazer e a dor, pois o prazer está ligado, intrinsecamente, à cultura, religião, ancestralidade e força. Há a necessidade de tornar-se forte para a proteção das crias, pares e ainda suportar a dor de não ter esses corpos respeitados.

Quantas mães negras se angustiam ao saberem que seus/as filhos/as podem não voltar para casa? Quantos corpos negros perdem a vida por terem a cor da pele preta? Quantos corpos têm a probabilidade, somente por terem a cor da pele preta, de serem confundidos com outros corpos negros e exterminados? Quantas vezes ouvimos que todo negro se parece?

Evaristo, mulher negra, escritora, sentiu as dores de uma infância pobre, expressando, em seus textos, através de personagens, em sua maioria, mulheres, que poderiam ser qualquer corpo negro feminino do cotidiano, suas dores e gozos.

¹⁷ Compositores: Antonio Carlos Belchior / Leandro Roque De Oliveira / Felipe Adorno Vassao / Eduardo Dos Santos Balbino Letra de AmarElo © Laboratorio Fantasma Producoes Ltda Me

No livro *Olhos d'água* (2015), o primeiro conto retrata a vida de uma mulher que não lembrava a cor dos olhos da mãe, pois vivia com os olhos rasos d'água, pelos medos e dores que enfrentava. História que poderia ser relatada por milhares de mulheres negras, oriundas de favelas e morros que choram pela sobrevivência de sua família, pela falta de emprego, pela fome. A autora relata:

Lembro-me de que muitas vezes, quando a mãe cozinhava, da panela subia cheiro algum. Era como se cozinhasse, ali, apenas o nosso desesperado desejo de alimento. As labaredas, sob a água solitária que fervia na panela cheia de fome, pareciam debochar do vazio no estômago, ignorando nossas bocas infantis em que as línguas brincavam a salivar sonho de comida. E era justamente nesses dias de parco ou nenhum alimento que ela mais brincava com as filhas. Nessas ocasiões, a brincadeira preferida era aquela em que a mãe era a Senhora, a Rainha. (EVARISTO, 2015, p.16)

No conto, a lembrança da fome que passaram na infância remete a conclusão de que sua mãe vivia chorando por uma vida de invisibilidade e por ter os olhos rasos d'água não conseguia se lembrar da cor dos olhos de sua mãe.

Carolina Maria de Jesus, mulher negra, escritora, autora do livro *Quarto de Despejo* (1960) e de outras obras, retrata em seus textos o cotidiano de medo, dor e fome. Uma mulher que lutou para a realização do sonho de escrever e publicar seu cotidiano de fome e invisibilidade, mas também seus sonhos e perspectivas de mudar sua vida.

Duas histórias em que uma retrata um conto e a outra um diário de uma favelada, mas ambas revisitaram a dor, medo, fome e invisibilidade, procurando suavizar a fome com brincadeiras de encantamento e histórias que acalentavam suas crias, fazendo-as esquecerem da fome e do medo.

Carolina escrevia, esquecendo-se da fome, alimentando-se das palavras. Escrevia quando se sentia triste, alegre, para sentir-se viva em meio a um projeto eurocêntrico de invisibilidade.

Os contos de Evaristo têm o propósito de humanizar homens e mulheres, em sua maioria, negros, socialmente invisibilizados. As personagens expressam emoções e sentimentos, apesar da violência das narrativas. Para Evaristo, o espaço da favela é um local fundamental em seus textos, pois favela e senzala se reconhecem, se atraem na dororidade¹⁸ dos corpos negros, excluídos e marginalizados. Para Piedade:

¹⁸ O Conceito "Dororidade", de autoria de Vilma Piedade, foi pela primeira vez apresentado no evento Feminismo, Racismo, Branquitude: opressão e privilégios", em 20 de maio de 2017, no Rio de Janeiro, dentro da série "Diálogos Feministas" da Escola Partida, e foi desenvolvido no artigo "Dororidade ... o que

A dororidade nos faz olhar para três questões juntas. Obriga a olhar para a dor que o racismo provoca e essa dor é preta. Não é que a dor das pretas seja maior. Não é que uma opressão é maior do que a outra. Dor é dor e ponto. Dói muito ser mulher atacada pelo machismo e dói muito ser mulher atacada pela opressão. (PIEDADE, 2017, p. 18)

A autora ressalta a tripla opressão sofrida por mulheres negras em seus cotidianos. No conto *Olhos d'água*, a personagem representada pelos olhos rasos d'água era a única fonte de sustento da família, assim como Carolina, que tinha a função de catadora de recicláveis para comprar alimentos para seus filhos, sufocando suas dores para realizar o cuidado dos seus.

Em *Olhos d'água* assim como em *Quarto de Despejo*, há o retrato de vidas à margem da sociedade sem a garantia dos direitos básicos. Há a invisibilidade desses corpos no asfalto e, na favela, são protagonistas de suas histórias, apesar das dores. A escrita evaristiana humaniza esse corpo negro ecoando vozes de gozo e de dor pois, “o que os livros escondem, as palavras libertam” (EVARISTO, 2017, p. 50).

Carolina não odiava a favela, mas a exclusão e a falta de políticas públicas. Escrevia na perspectiva de arrombar as portas que tornavam aquele lugar invisível. Era chamada de agressiva, insubmissa, louca... Precisava escrever, não se importando com as críticas. “Enquanto escrevo vou pensando que resido num castelo de ouro que reluz na luz do Sol” (JESUS, 1993, p.52).

Gonzalez lutou para que a identidade negra e cultura fossem respeitadas, descolonizando o saber, contraditando o discurso eurocêntrico de que não existe racismo no Brasil, a autora afirma que “Esse silêncio ruidoso sobre as contradições raciais, num dos mais eficazes mitos de dominação ideológica: o mito da democracia racial” (GONZALEZ, 1988a, p.16). Ressaltou a semelhança entre a opressão do feminismo que não reconhece as reivindicações da mulher negra, indígena e LGBTQIAP+.

Gonzalez comunga das ideias defendidas por hooks (2015), denunciando a omissão do movimento feminista no Brasil, não discutindo o racismo, tendo como parâmetro as pautas e reivindicações de mulheres brancas, beneficiando-se de mão-de-obra barata ou escrava das mulheres negras. Para a autora, há uma intrínseca semelhança

é? Ou o que pretende ser?”, publicado em 19 de maio de 2017 no site da Partida. Em 20 de novembro de 2017, o Livro *Dororidade* foi lançado pela Editora NÓS, Livraria Blooks, Botafogo, RJ.

entre a questão racial e a questão de gênero, em seu status de forasteiro de dentro, *Outsider Within* (COLLINS, 2016).

Mulheres afro-americanas participaram da rotina das famílias brancas, por décadas, cozinhando, lavando, passando, cuidando das crianças e da casa, no desempenho das tarefas domésticas, servindo como confidentes, aconselhando mulheres brancas, que detinham o poder. Na canção *Mãe*¹⁹, Emicida denuncia essa realidade:

Não esqueci da senhora limpando o chão desses boy cuzão
Tanta humilhação não é vingança, hoje é redenção
Uma vida de mal me quer, não vi fé
Profundo ver o peso do mundo nas costa de uma mulher
[...]
Luta diária, fio da navalha, marcas? Várias
Senzalas, cesárias, cicatrizes
Estrias, varizes, crises
Esses dias achei na minha caligrafia
A tua letra e as lágrima molha a caneta
Desafia, vai dar mó treta
Quando disser que vi Deus
Ele era uma mulher preta

Fonte: Musixmatch

Havia um suposto romantismo, na maioria desses casos, cujas práticas opressivas eram disfarçadas de afetividade. Havia uma suposta proximidade com essas famílias, mas eram inferiorizadas, racializadas e invisíveis para essas mulheres brancas. Havia uma suposta superioridade que adivinha de práticas racistas, pois “essas mesmas mulheres negras sabiam que elas jamais pertenceriam a famílias brancas” (COLLINS, 2017, p.99).

Ressaltando o discurso de que essas mulheres negras compunham a família, faziam com que esses corpos negros se moldassem aos interesses do patriarcado, determinando o espaço a ser ocupado por esses corpos nesses ambientes, pois nasciam e morriam no “quarto dos fundos”, sem banheiro e janelas, tendo apenas a passagem para a cozinha. Exaltando as “mães negras”, intencionavam, cotidianamente, transformar essa relação em uma romântica escravidão. Truth afirma que:

"Aquele homem ali diz que as mulheres precisam ser ajudadas a entrar em carruagens, e erguidas para passar sobre valas e ter os melhores lugares em todas as partes. Ninguém nunca me ajudou a entrar em carruagens, a passar por cima de poças de lama ou me deu qualquer bom lugar! E não sou mulher? Olhem pra mim! Olhem pro meu braço! Tenho arado e plantado, e juntado em celeiros, e nenhum homem poderia me liderar! E não sou uma mulher? Posso trabalhar tanto quanto e comer tanto quanto um homem - quando consigo o que comer - e aguentar o chicote também! E não sou uma mulher? Dei à luz treze filhos, e vi a

¹⁹ Compositores: Brian Fallon Letra de Mãe © Emi April Music Inc., Little Eden Music.

grande maioria ser vendida para a escravidão, e quando eu chorei com minha dor de mãe, ninguém, a não ser Jesus me ouviu! E não sou mulher?'" (TRUTH²⁰, s.p 1851)

Essas mulheres negras sentiam que não pertenciam àquelas famílias, pois quem fazia o papel de mãe de seus/as filhos/as eram as creches comunitárias das favelas ou seus ancestrais pois, apesar do discurso branco, havia a permanência da Outsiders Within.

Não havia escolha para essas mulheres pois, ou seriam mães solas sendo o único sustento da família ou compondo a renda doméstica, haja vista que os valores recebidos por seus companheiros não seriam suficientes para a manutenção da família.

Segundo Gonzalez (1988b) o estereótipo da mulher negra passa da escravidão à domesticação desde o período escravocrata, sendo silenciada. A autora antecipou o conceito de interseccionalidade, afirmando que o racismo é atravessado por raça, classe e gênero, com a crítica da monopolização dos discursos epistemológicos eurocentrados que visam o silêncio do debate na América do Sul.

A autora propõe um debate sobre a África e a América, contrapondo-se à colonialidade, defendendo que não há hierarquia de opressões para a mulher negra, havendo a necessidade de identificá-las e combatê-las. Akotirene (2018) conversa com o pensamento de Collins (2016) ressaltando que:

Não existe hierarquia de opressão, já aprendemos. Identidades sobressaltam aos olhos ocidentais, mas a interseccionalidade se refere ao que faremos politicamente com a matriz de opressão responsável por produzir diferenças, depois enxergá-las como identidades. (AKOTIRENE, 2018, p. 14)

Há urgência que mulheres negras exponham essas opressões através da escrita, resistindo e enfrentando as diversas formas de opressões. Evaristo expõe suas ideias ao dialogar com Davis (2013) e hooks (2015), destacando a escrita/denúncia, no Movimento feminista Negro. Evaristo destaca:

A nossa história é outra. Primeiro porque o feminismo negro, se a gente for pensar, o feminismo das mulheres negras não nasce de uma teoria. Ele nasce de uma prática. Quando as mulheres brancas, de classe média, assumem essa luta feminista, elas assumem através de uma teoria, de um questionamento que

²⁰ Cf. em <http://sourcebooks.fordham.edu/halsall/mod/sojtruth-woman.asp>. Acesso em 20/08/2021. Tradução livre. Cf. também sua autobiografia "The Narrative of Sojourner Truth" em <http://digital.library.upenn.edu/women/truth/1850/1850.html>. Esse discurso foi proferido como uma intervenção na Women's Rights Convention em Akron, Ohio, Estados Unidos, em 1851.

a gente nem fez e nem podia fazer. A nossa atuação se dava na rua, no trabalho, na prática. [...] a nossa primeira luta não foi contra o homem negro. Foi contra o estado patriarcal branco burguês e, no qual, a mulher branca não teve e não tem nenhuma dificuldade de exercer sua condição de mando, de poder. Ela não tem nenhuma dificuldade. Quem passa pelo fundo da cozinha dessas mulheres é quem sabe. Então eu digo que a gente tem modos de ação e modos de concepção totalmente diferentes. (EVARISTO, 2018, p.04-05)

Através de narrativas, denuncia as diversas opressões, apresentando personagens que se insurgem, após experienciarem múltiplas violências. Essas mulheres negras que são subalternizadas, retratadas por Evaristo, poderiam ser mulheres negras do cotidiano que participaram da infância da pesquisadora e que, através de memórias, deram forma a essas personagens. Evaristo ressalta que:

E, depois, confesso a quem me conta, que emocionada estou por uma história que nunca ouvi e nunca imaginei para nenhum personagem encarnar. Portanto estas histórias não são totalmente minhas, mas quase que me pertencem, na medida em que, às vezes, se (con)fundem com as minhas. Invento? Sim invento, sem o menor pudor. Então as histórias não são inventadas? Mesmo as reais, quando são contadas. Desafio alguém a relatar fielmente algo que aconteceu. Entre o acontecimento e a narração do fato, alguma coisa se escreve, o comprometimento (ou o não comprometimento) entre o vivido e o escrito aprofunda mais o fosso. Entretanto, afirmo que, ao registrar estas histórias, continuo ao premeditado ato de traçar uma escrevivência. (EVARISTO, 2017, s.p.)

Gonzalez apresenta a categoria de Amefricanidade compreendendo uma América Ladina, após a invisibilidade das mulheres negras da pauta de discussões no Movimento Negro, inserindo todos os corpos, não apenas negros e indígenas. Para a autora:

[...] um país cujas formações do inconsciente são exclusivamente europeias, brancas. Ao contrário, ele é uma América Africana cuja latinidade, por inexistente teve trocado o t pelo d para aí sim, ter o seu nome assumido com todas as letras: América Ladina. (GONZALEZ, 1998b, p.69)

Gonzalez denuncia a necessidade de uma discussão quando aponta a Amefricanidade em consonância com o colonialismo e o racismo, defendendo a necessidade de mulheres negras terem voz e visibilidade, contrapondo-se à colonialidade de gênero que está implícita nos discursos e práticas eurocêntricas. A autora afirma:

E se a gente detém o olhar em determinados aspectos da chamada cultura brasileira a gente saca que em suas manifestações mais ou menos conscientes ela oculta, revelando as marcas de africanidade que a constituem. (GONZALEZ, 1984, p. 226)

Neste sentido, urge um maior número de corpos negros ocuparem os espaços acadêmicos, enegrecendo a produção intelectual, resistindo ao colonialismo e a colonialidade, perpetuando suas existências.

Grosfoguel (2006) ressalta a ideia de localização-corpo-política, denunciando que mulheres negras têm dificuldades em ascender política, social e economicamente, pois estão afastadas do conhecimento e privilégios brancos. Defende descolonizar o feminismo para que a raça não seja um fator de distanciamento relativos à visibilidade desses corpos negros e suas conquistas.

O Brasil e demais países ocidentalizados sofrem com a imposição de um padrão colonial que deslegitima e destrói saberes e outras formas que se diferenciam desse padrão. No Brasil há um crescente extermínio de corpos negros, pois há poucas políticas públicas que garantam a vida desses corpos. Os morros e favelas, palcos de operações policiais, estão expostos aos desmandos de facções criminosas e grupos paramilitares.

A chacina do Jacarezinho, em 2021, matou 28 corpos negros, taxados como bandidos, em uma operação policial, vítimas do extermínio em razão de policiais despreparados, com práticas racistas e de aniquilamento. Esses corpos exterminados não são reconhecidos por uma maioria de policiais negros que compõem as polícias civil e militar, vendo-os como inimigos, desconhecendo que há um inimigo maior que deve ser combatido, que é a falta de políticas públicas e falta de uma abordagem legítima e respeitosa.

Primeiro há o extermínio desse corpo negro para depois haver a investigação se o alvo era ou não culpado, pois, para esses policiais, não há corpos que mereçam viver nesses locais. Com essa política de extermínio, esses corpos negros são potenciais alvos de extorsão pelos grupos paramilitares que, através da violência, enxergam a população do local como um potencial para aumentarem seus lucros, desrespeitando-os.

Nesses espaços as mulheres sofrem uma opressão maior, pois são vítimas dos estupros e assédio. Sobrevivem, pois não têm a convicção de que os corpos de familiares serão preservados, numa busca por alguém que ouça o eco de seus gritos, pois essa invisibilidade não se limita ao espaço dos morros e favelas, pois ao romperem com os limites desses espaços são “confundidos” com bandidos, não possuindo a garantia da inviolabilidade de seus corpos negros no asfalto. Segundo Gonzalez:

Desde a época colonial aos dias de hoje, percebe-se uma evidente separação quanto ao espaço físico ocupado por dominadores e dominados. O lugar natural do grupo branco dominante são moradias saudáveis, situadas nos mais belos recantos da cidade ou do campo e devidamente protegidas por diferentes formas de policiamento que vão desde os feitores, capitães de mato, capangas etc., até à polícia formalmente constituída. Desde a casa grande e do sobrado até aos belos edifícios e residências atuais, o critério tem sido o mesmo. Já o lugar natural do negro é o oposto, evidentemente: da senzala às favelas, cortiços, invasões, alagados e conjuntos “habitacionais” (...) dos dias de hoje, o critério tem sido simetricamente o mesmo: a divisão racial do espaço. No caso do grupo dominado o que se constata são famílias inteiras amontoadas em cubículos cujas condições de higiene e saúde são as mais precárias. (GONZALEZ, 1979, p. 232).

Um processo que deslegitima a mulher negra²¹, em que são vistas apenas como um corpo, sem mente, sendo negado a construção de uma identidade, empurrando-a para um lugar de subalternidade, pois, segundo Spivak (2010), ser subalterno é uma condição e não uma identidade, não tendo o direito de expressão, pois se o fizerem, passam a ter visibilidade e saem da condição de subalternos.

Segundo Carneiro:

As mulheres negras tiveram uma experiência histórica diferenciada que o discurso clássico sobre a opressão da mulher não tem reconhecido, assim como não tem dado conta da diferença qualitativa que o efeito da opressão sofrida teve e ainda tem na identidade feminina das mulheres negras. Quando falamos do mito da fragilidade feminina, que justificou historicamente a proteção paternalista dos homens sobre as mulheres, de que mulheres estamos falando? Nós, mulheres negras, fazemos parte de um contingente de mulheres, provavelmente majoritário, que nunca reconheceram em si mesmas esse mito, porque nunca fomos tratadas como frágeis. Fazemos parte de um contingente de mulheres que trabalharam durante séculos como escravas nas lavouras ou nas ruas, como vendedoras, quituteiras, prostitutas... Mulheres que não entenderam nada quando as feministas disseram que as mulheres deveriam ganhar as ruas e trabalhar! Fazemos parte de um contingente de mulheres com identidade de objeto. Ontem, a serviço de frágeis sinhazinhas e de senhores de engenho tarados. (CARNEIRO, 2011, p. 1, 2)

Muitas mulheres não têm escolha em relação ao seu lugar na sociedade, em razão da interseccionalidade entre raça e classe. Mulheres que, como Carolina Maria de Jesus, encontram seu reflexo em milhares de outras mulheres em situação de pobreza extrema ou miserabilidade.

²¹ Não podemos deixar de considerar a dor do homem negro que é o principal alvo de uma polícia racista que tem nesse corpo um alvo para o extermínio e violências múltiplas. Esse corpo negro, que não tem a garantia de um estudo e necessita ingressar no mercado de trabalho sem a devida qualificação, para ajudar nas despesas da família. Um corpo que tem o estereótipo de forte, mas que também carrega as dores e as incertezas de uma vida sem muitas escolhas.

Carolina afirma que (1960, p. 39) “No nosso paiz tudo está enfraquecido. O dinheiro é fraco. A democracia é fraca e os políticos fraquíssimos. E tudo que está fraco, morre um dia”. Carolina destaca a situação do país que, buscando desenvolver a economia, facilitou a entrada do capital estrangeiro, não enxergando as desigualdades sociais da população, cujos corpos são vítimas de racismo, xenofobia e destruição.

Ainda há muito pelo que resistir e lutar, pois há a necessidade de ocuparmos esses lugares para que corpos negros não sejam reconhecidos como exceção. Os ancestrais desses corpos negros resistiram e, por isso, outros corpos negros se fazem presentes. A cada jovem negro que atravessa os espaços da academia, mais fortes serão os instrumentos de resistência. Estamos todos presentes e desobedientes!

1.9 A senioridade e a ancestralidade: um encontro entre Carolina Maria de Jesus e Oyèrónkẹ Oyěwùmí

Esse ato de fala, de “erguer a voz”, não é um mero gesto de palavras vazias: é uma expressão de nossa transição de objeto para sujeito - a voz liberta

hooks

Através dos escritos de Oyèrónkẹ Oyěwùmí²² destacamos a crítica decolonial feminista feita ao gênero, que não tinha muita importância antes da influência colonial na sociedade iorubana. As mulheres tinham destaque social que lhes garantia acesso ao poder público e religioso. O Ocidente é referência quando teorizamos sobre gênero, o que é destacado pela autora como um problema a ser desconstruído em seus escritos.

A autora questiona a compreensão do gênero como princípio organizador de toda e qualquer sociedade, sendo modelo para a subordinação e opressão das mulheres, mundialmente.

Critica, a partir da análise social e linguística da sociedade iorubá, a divisão e a hierarquização com base em gênero após o contato com o colonizador, num processo de

²²Oyèrónkẹ Oyěwùmí (10 de novembro de 1957) é uma pesquisadora feminista nigeriana e professora associada de sociologia na Universidade Stony Brook. Frequentou a Universidade de Ibadan e a Universidade da Califórnia em Berkeley. Sua tese de doutoramento de 1993 verteu-se em livro em 1997, com o título *A Invenção das Mulheres: Construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero*, ganhou o prêmio da American Sociological Association de 1998 por distinção na categoria de gênero e sexualidade. Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre.

imposição da matriz ocidental de concepção de mundo. Critica a visão dicotômica ocidental que produz a dualidade homem/mulher, com a superioridade do homem.

A perspectiva apresentada por Oyèwùmí desconstrói a noção de gênero numa visão eurocentrada. Para OYÈWÙMÍ (2004, p. 01), "a Europa está representada como o conhecimento maior e os europeus como conhecedores". A autora nos revela uma nova possibilidade de enxergar o gênero feminino e como a sociedade iorubá²³ se estrutura através de sua própria cultura, ao passo que a sociedade ocidental deslegitima culturas outras e impõe seus parâmetros de saberes.

A chegada da língua inglesa na cultura iorubá e seus reflexos na língua materna foram um marco para a colonização. A filosofia iorubá foi ameaçada, pois não era somente a língua que iria sofrer transformações e interdições, mas sim toda a cultura iorubá, haja vista que "o inglês é uma língua especificamente generificada e o iorubá não é" (OYÈWÙMÍ, 1977, p. xvii).

Gonzalez (1988) já apontava para a importância da língua quanto a uma questão política, pois identificava a potência da herança linguística das línguas africanas no português falado no Brasil, principalmente em relação à oralidade. A autora nos diz:

Aquilo que chamo de 'Pretuguês' e que nada mais é do que a marca de africanização no Português falado no Brasil (...). O caráter tonal e rítmico das línguas africanas trazidas para o Novo Mundo, além da ausência de certas consoantes, como o l ou o r por exemplo, apontam para um aspecto pouco explorado da influência negra na formação histórico-cultural o continente como um todo. (GONZALEZ, 1988, p. 70)

Uma cultura de apologia a uma língua eurocentrada, diversa da hegemonia, é tida como incorreta, descontextualizada e invisibilizada. Carolina Maria de Jesus sentiu essa invisibilidade através de seus escritos. Apontada pela academia como escritora de uma obra única, lutou contra os estereótipos, mostrando que o mercado editorial não precisaria ser um território dominado e mapeado por uma elite branca, hétero e patriarcal.

Seus escritos romperam com a ideia de que uma mulher negra não poderia ser escritora trouxeram uma denúncia de falta de políticas públicas e visibilidade dentro desses espaços. Evaristo argumenta que:

²³ Essas sociedades não existiam antes da colonização, pois as pessoas nascidas em Oyó não se chamavam a si mesmas assim. Essa estratégia se deu a partir da nomeação de vários povos africanos, de acordo com suas línguas.

O que levaria determinadas mulheres, nascidas e criadas em ambientes não letrados, e quando muito, semialfabetizados, a romperem com a passividade da leitura e buscarem o movimento da escrita? Tento responder: talvez, estas mulheres (como eu) tenham percebido que se o ato de ler oferece apreensão do mundo, o de escrever ultrapassa os limites de uma percepção da vida. [...] E, em se tratando de um ato incompreendido por mulheres negras, que historicamente transitam por espaços culturais diferenciados dos lugares ocupados pela cultura das elites, escrever adquire um sentido de insubordinação que pode se evidenciar, muitas vezes, desde uma escrita que fere “normas cultas” da língua, caso exemplar o de Carolina Maria de Jesus, como também pela escolha da matéria narra esse ciclo de violência, racismo e analfabetismo. (EVARISTO, 2007, p.16)

Para Carolina, a educação de seus filhos era uma prática cotidiana. Tinha consciência da importância de uma formação para romper com a invisibilidade da favela. Mostrou ao Brasil e ao mundo que não ter o domínio da norma culta não a impedia de transbordar sentimentos através das palavras. Sua consciência, enquanto mãe, a fazia buscar formas de seus filhos terem acesso à cultura. Para Carolina, a escrita era seu alimento, sua cura.

Mignolo (2008) afirma que a educação é fundamental para a administração e organização econômica e política da sociedade, devendo ser respeitada em culturas outras. A decolonialidade²⁴ só se torna viável através das brechas, de se insurgir contra a domesticação imposta por um poder eurocêntrico. Walsh nos diz que:

A interculturalidade crítica expressa e exige uma pedagogia e uma aposta e prática pedagógicas que retomam a diferença em termos relacionais, com seu vínculo histórico-político-social e de poder, para construir e afirmar processos, práticas e condições diferentes. Dessa maneira, a pedagogia é entendida além do sistema educativo, como processo e prática sociopolíticos produtivos e transformadores assentados nas realidades, subjetivas, histórias e lutas de pessoas vividas num mundo regido pela estrutura colonial. (WALSH, 2009, p. 26)

O conceito de Interculturalidade crítica é uma forma de desconstruir os mecanismos de dominação e exploração que colabora na desconstrução da estrutura de poder/saber hegemônico que impõe um saber superior.

²⁴O termo decolonialidade refere-se ao caminho proposto por Catherine Walsh em detrimento ao termo descolonialidade. Na perspectiva de Walsh, o prefixo “des” remeteria mais à superação do colonialismo, não privilegiando com a devida ênfase a perspectiva da insurgência, da transgressão, da resistência como processo de luta contínua pelo encontro e constituição de caminhos na direção de epistemologias outras, de ontologias outras e de outros viveres.

Ifá é um sistema de conhecimento que foi transmitido oralmente, com uma estrutura de instituição que possui uma memória das informações nos tempos passado, presente e futuro da cultura iorubá. Esse conhecimento se dá por meio da divinação, que afirmam ser enviada por Deus, que revela tudo da vida iorubá.

Neste sentido, Ifá é um grande registro da sociedade iorubá, criando condutas e orientando para o futuro. Um dos rituais mais importantes dessa cultura é quando uma criança nasce e é levada para uma consulta com o babalaô, o oficiante de Ifá, para saberem sobre o seu destino, sobre qual divindade preside seu destino. Para essa divinação não era considerado o gênero da criança.

Oyèwùmí destaca que os povos iorubás de Oyó, na Nigéria, não possuíam gênero e corpo como categorias primárias, nas relações e posições na sociedade. O corpo social era organizado pela senioridade, que relativiza a idade das pessoas, desestabilizando o discurso ocidental, confrontando a dominação eurocêntrica e potencializando a cultura iorubá, sugerindo a investigação desses povos com base nas categorias e epistemologias africanas, através da observação da linguagem, dos fatos históricos e dos discursos vivenciados por pessoas no período pré-colonial.

Esse discurso de Oyèwùmí conversa com a colonialidade do poder destacado por Quijano, em relação “às formas em que a dominação colonial racializada influenciou na produção do conhecimento e o poder contido nela” (OYÈWÙMÍ, 2016, p.03), e com o que defende GROSGUÉL (2016, p.25), no sentido de que “o privilégio epistêmico dos homens ocidentais sobre o conhecimento produzido por outros corpos políticos e geopolíticos do conhecimento”. A cultura ocidental deslegitima outras culturas, impondo um padrão eurocêntrico no modo de vida desses países, com afronta e destruição.

Grosfoguel (2016) ressalta a ideia do "Olho de Deus", de acordo com a lógica do “penso, logo existo”, de Descartes. O "Olho de Deus" nesse imaginário é transformado no "Eu", que tudo pode, que tem todo o poder e o direito de destruir e impor novas formas de gerir e transformar culturas ditas inferiores. Através dessa ideia de poder e desse "Olho de Deus", tem-se a permissão para gerenciar o poder de Deus, constituindo o outro como ilegítimo, invisibilizando-o.

Para afirmar a existência de um "Eu" que produz conhecimento equivalente à visão do "Olho de Deus", Descartes manteve dois argumentos: um é ontológico e o outro é epistemológico. Ambos constituem a condição de possibilidade para afirmação de que esse "Eu" pode produzir um conhecimento que é equivalente à visão do "Olho de Deus". (GROSGUÉL, 2016, p.29)

A existência do Eu se dá através da inexistência do outro, sendo esse Eu padronizado como o branco, hétero e patriarcal, deslegitimando outros corpos que fogem desse padrão colonial.

1.9.1 Senioridade e ancestralidade

A gente sabe falar pelos orifícios da máscara e às vezes a gente fala com tanta potência que a máscara é estilhaçada.

Conceição Evaristo

Senioridade é a localização social dos indivíduos com base em suas idades, porém relativizadas, pois sua manifestação se dá em relação a outro indivíduo, possibilitando papéis sociais que não se diferenciam por gênero. O indivíduo com maior idade, independentemente do gênero, recebe maiores responsabilidades do que o outro de menor idade, variando sua posição de acordo com a idade com quem se tem relação. O gênero não é prioridade na cultura Oyó-Iorubá como diferença social, mas sim como distinção anatômica.

As relações de gênero por parte do Ocidente implantaram o patriarcado determinando que as mulheres passariam a ter uma posição de inferioridade perante os homens, em virtude de suas diferenças anatômicas, que fundamentariam as diferenças sociais ocidentais.

Esta é uma subalternização que não se restringe somente às relações conjugais, mas a todas as outras dimensões da vida (LUGONES, 2008, p.86). Pensar no conceito de senioridade é pensar em corpos negros que, mesmo sem ter consciência desse conceito, o vivenciam em seu cotidiano. Carolina Maria de Jesus é um desses corpos.

Mulher negra, que sentiu na pele desde cedo as dores de não se curvar a uma cultura eurocêntrica, onde o homem hétero, branco e patriarcal é o centro da sociedade. A senioridade, em sua família, tinha o rosto e a voz de seu avô Benedito José da Silva conhecido como o griot, o Sócrates africano: "Quando meu avô adoeceu fiquei pensando: E se o vovô morrer? Quem é que vai rezar para chover? Todos precisam de chuva, mas o único que reza é meu avô". (JESUS, 2016, p.116)

Estruturava-se uma senioridade que, independentemente do gênero, estava ligada à sabedoria, aos ancestrais, a uma visão maior de sobrevivência.

Carolina vivenciou a senioridade com seu avô e, através dessa convivência, percebeu a importância de não se curvar aos padrões eurocentrados. Apesar de não ter estudos acadêmicos, seu avô era sábio, tinha a sabedoria ancestral, atribuindo "os significados cotidianos que os corpos podem ou não podem carregar" (OYĚWÙMÍ, 2011, p.01).

É fundamental termos a compreensão sobre como os corpos impõem as hierarquias na sociedade, pois "parte do processo de descolonização [...] é deixar de ser o que somos e sabemos" (Kilomba²⁵, 2016) para nos moldarmos a essa cultura de invisibilidade que nos é imposta, já que não ouvir é uma das formas de nos silenciar. Carolina sentiu muito orgulho de seu avô, pois apesar das interdições e exclusões dos negros, aquele homem era um sábio, um ancestral.

Carolina muitas vezes foi silenciada. Quando criança, Bitita²⁶ era tida como louca, que teimava em falar. cursou até o segundo ano do ensino primário e aprendeu a ler e a escrever. Soube, como ninguém de sua família, utilizar esse aprendizado para a sua vida.

Houve um tempo em que Carolina queria ser homem, pois acreditava, em sua infância, que homem era sinônimo de força: "No mato eu vi um homem cortar uma árvore. Fiquei com inveja e decidi ser homem para ter forças" (JESUS, 2016, p.16). Numa sociedade colonial, a imagem do homem é de força, domínio e poder. Para a menina Bitita, em sua ingenuidade, tornar-se um homem seria romper com todas as dores e todos os medos.

Oyëwùmí desconstrói a ideia de gênero, através dos estudos dos povos iorubás de Oyó, na Nigéria, em *The Invention of women* (1997). A autora destaca a construção do gênero tanto social como historicamente. Para ela o "(...) gênero como uma categoria social é um produto da cultura (espaço) e deve ser reconhecido como um produto da história (tempo)" (OYĚWÙMÍ, 2016, p. 03), sendo a história um domínio do poder.

Neste sentido, percebemos que a cultura iorubana não foi organizada através do gênero, sendo problematizada pela história colonial. O gênero feminino foi

²⁵ "Descolonizando o Conhecimento", Palestra apresentada durante a MITsp, no dia 6 de março de 2016, no Centro Cultural São Paulo. Disponível em: <https://mitsp.org/2016/tag/discursos-sobre-o-nao-dito/>

²⁶ Bitita era o apelido de Carolina Maria de Jesus na infância e título de um de seus livros. O Diário de Bitita documenta seus esforços para, ainda criança, encontrar trabalho, garantir a sobrevivência material e manter a dignidade, acima de tudo. Um painel da sociedade agrária brasileira, preconceito e discriminação. A primeira edição do Diário de Bitita foi publicada postumamente, em 1982, na França.

subalternizado no discurso ocidental. Oyěwùmí compreende que o "gênero é constituído socialmente e a categoria social mulher não é universal" (OYĚWÙMÍ, 2004, p.02-03). A colonização inventou as 'mulheres' na cultura Oyó-Iorubá. Uma invenção que deslegitimou esse corpo, transformando-o num ser invisibilizado e sem direito à voz.

A colonização no continente africano instituiu o gênero em algumas sociedades, destacando o patriarcado colonial, pois o corpo masculino passou a ser o símbolo do poder. No Ocidente, a posição social tem cor, rosto, sexo e discursos, contrapondo-se à sociedade iorubá pré-colonial, pois o gênero não era fator determinante de superioridade ou posição social.

A colonialidade precede à modernidade, segundo Dussel (2016), poder eurocentrado que utiliza a raça e o gênero, impondo a subalternização de um grupo e a eliminação de seus conhecimentos, dominando-os e explorando-os. Neste sentido, para Oyěwùmí, gênero e raça são aspectos da colonialidade, hierarquizando, dominando e explorando povos.

Para a autora, nas sociedades contemporâneas, negociações familiares, se não valores familiares estão em toda parte e essas práticas e discursos têm sido utilizados para legitimar opressões.

Na sociedade Oyó-Iorubá não existiam 'mulheres' e 'homens', mas sim *obìnrin* e *okúnrin*, diferenças anatômicas que representam anafêmea e anamacho, não expressando hierarquia. Os discursos, na sociedade iorubá pré-colonial, ao contrário da ocidental, estabeleceu-se através dos conceitos de senioridade e consanguinidade, que expressam transitoriedade. A senioridade está baseada na idade cronológica e a consanguinidade está baseada num núcleo de irmãos e irmãs por relações de sangue.

Para hooks (2013, p. 246) "os privilégios da raça, sexo e classe dão mais poder a alguns, [...] concedendo mais autoridade a algumas vozes que a outras". Um homem branco falando sobre práticas racistas, em determinados ambientes, tem mais legitimidade do que um homem negro falando sobre o tema, pois, para muitos, discutir práticas racistas, através das vozes de homens e mulheres negras, é apelar para sentimentalismos infundados.

Oyěwùmí afirma que a transformação de *obìnrin* (anafêmea) em 'mulher' pela sociedade ocidental retirou seu potencial político e discursivo, pois *obìnrin*, na cultura

Oyó-Iorubá, era expressa através da senioridade, antes da colonização. Lugones destaca que:

Oyèrónkẹ Oyěwùmí (1997) tem nos ensinado que o sistema opressivo de gênero, que foi imposto na sociedade iorubá. (...) o alcance do sistema de gênero imposto através do colonialismo abarca a subordinação das fêmeas em todos os aspectos da vida. (LUGONES, 2008, p.86)

Houve uma profunda mudança ao se submeter as relações de senioridade na sociedade Oyó-Iorubá para as de gênero, pois nessa nova visão as mulheres devem ser subordinadas ao homem.

Carolina Maria de Jesus, após engravidar de um marinheiro português, que a abandonou, resolveu mudar-se para a favela, construindo com as próprias mãos seu barraco, pois "a família para quem ela trabalhava a colocou para fora de casa" (MEIHY; LEVINE, 1994, p.22). Não se empregavam mães solo. Cuidou, protegeu e educou os filhos, não desistindo de seu sonho de publicar seus escritos.

Carolina sabia que não tinha com quem dividir as dores: "Preciso ser tolerante com os meus filhos. [...] Como é pungente a condição de mulher sozinha sem homem no lar" (JESUS, 1960, p.19). Ela alimentava esse sonho, cotidianamente, na esperança de mudar-se da favela.

Carolina, no espaço da favela, ecoava a voz de muitas mulheres que eram oprimidas, violentadas pela fome, maus tratos e invisibilidade. Vivenciou, na prática, o conceito criado por Oyěwùmí, a cosmopercepção, como um contraponto à noção de cosmovisão, que é uma visão do mundo a partir de um olhar eurocentrado.

O conceito de cosmopercepção defende que a oralidade não é menor do que a visão. E Carolina vivenciou esse conceito... Gritava e ecoava os gritos dos invisibilizados. Mesmo com fome, dor e medo não desistia de lutar e defender seus iguais. Para Fanon (2008, p.33), "falar é existir absolutamente para o outro." Mas como ecoar essa fala quando o outro só consegue se ver como referência, no caso da hegemonia, e os que são colocados num lugar de subalternidade são considerados invisíveis?

Carolina usou a palavra para esperar e dar alento aos seus iguais, sendo muitas vezes incompreendida. Carolina sofreu agressões verbais e físicas por escolher defender pessoas vulneráveis. Precisava usar sua fala, sua escrita para denunciar as práticas machistas no interior da favela, lutou para que o grito das mulheres nos espaços da favela vítimas da violência doméstica e maus tratos, não fossem abafados.

Uma agressão sofrida por uma mulher num bairro nobre tem eco e visibilidade, mas a agressão sofrida por uma mulher nos morros e favelas é invisibilizado. Há um suposto acordo de que nesses espaços é possível ter a lei do silêncio, onde os mais fortes ordenam as regras e, segundo essas regras as mulheres não têm voz.

Ousava denunciar essas arbitrariedades e violências em seus escritos, mesmo não tendo o apoio e a solidariedade dessas mesmas mulheres que contavam para os seus companheiros sobre a defesa de Carolina. Percebia que não era aceita pelos seus próprios pares, mas não se cansava de lutar por igualdade de direitos, mesmo tendo a antipatia e o escárnio de muitos. "Está escrevendo, negra fidida! A mãe ouvia e não repreendia. São as mães que instigam." (JESUS, 1960, p.24).

Oyèwùmí ressalta que a visão, defendida pela sociedade ocidental, fundamenta-se na ideologia do determinismo biológico, a bio-lógica, que produz hierarquias sociais em que brancos são superiores a negros e homens são superiores a mulheres. Segundo Oyèwùmí:

A noção de que a biologia é destino - ou melhor, o destino é a biologia - tem sido um marco no pensamento ocidental durante séculos. [...] No Ocidente, as explicações biológicas parecem ser especialmente privilegiadas em relação a outras formas de explicar diferenças de gênero, raça ou classe. (Oyèwùmí, 1997 p.01)

E Carolina vivenciou essa biológica desde sua infância. Era chamada de louca pelos seus familiares e vizinhos por ser questionadora. Não aceitava as verdades inquestionáveis e, por isso, era violentada em seu corpo físico. Por amar a escrita e a leitura, era vista como bruxa, negra arrogante e louca.

Teimavam em lhe dizer que estava fora do seu lugar: como podia uma mulher negra e favelada ousar ser escritora? Nem entre os seus iguais era aceita. No espaço da favela, era tida como negra metida por querer, através de seus escritos, sair daquele espaço de fome, de dor e de invisibilidade. Oyèwùmí ressalta que:

A razão pela qual o corpo tem tanta presença no Ocidente é que o mundo é percebido principalmente pela visão. A diferenciação dos corpos humanos em termos de sexo, cor da pele e tamanho do crânio é um testemunho dos poderes atribuídos do 'ver'. (Oyèwùmí, 1997, p.02)

Nossas diferenças estão marcadas em nossos corpos, permitindo que prevaleça uma segregação social através das categorias gênero, classe e raça, "sistemas de poder que moldam a vida de todos porque estão incorporados nas estruturas da sociedade" (OYÈWÙMÍ, 2018, p.10).

Gênero, raça e classe são categorias hierárquicas de poder. Esta diferença se dá através de estigma desonra e inferioridade (KILOMBA, 2010, p. 42). É uma diferença que desqualifica e invisibiliza nossos corpos, impedindo-os de serem presenças. Oyèwùmí critica o feminismo ocidental, que se baseia em diferenças entre homem e mulher, como construções da sociedade. A autora destaca que

A biologia está sempre mudando, não mutável. Em última análise, o ponto mais importante não é que o gênero seja socialmente construído, mas o grau em que a própria biologia é socialmente construída e, portanto, inseparável do social. (Oyèwùmí, 1997, p.09)

Mulheres são vistas através de seu sexo e são socialmente vistas como corpos sobre os quais, em sua maioria, os homens têm poder, nos remetendo a um estado de que esse corpo é do outro, numa visão escravocrata. Essa generificação e a racialização dos corpos impedem essas mulheres de terem voz, de serem visíveis, sendo descartáveis e passíveis de serem exterminadas.

Grosfoguel (2016) conceitua racismo epistêmico, que inferioriza os conhecimentos não eurocentrados, desqualificando e invisibilizando saberes outros. Essa mulher, se tiver a cor da pele preta, sofre ainda mais os efeitos desse racismo, dessa violência estrutural e dessa invisibilidade.

Oyèwùmí destaca que gênero não é universal e não se limita a um elemento organizacional das sociedades, e compreende que as hierarquias se constituem com base nas relações. A autora critica o feminismo ocidental no sentido de impor experiências e estruturas históricas próprias para outros países, reflete sobre formas distintas de organização exercido pela mulher. Essas mudanças se intensificaram após a territorialização do colonialismo europeu, em fins do século XIX e primeira metade do século XX.

A maternidade não é definida pela relação sexual com um homem, mas sim por uma relação de progênie. Neste sentido, na cultura iorubá, uma mãe não poderia ser solo pois nessas sociedades ser mulher difere de ser esposa. Ser mãe era a identidade mais importante nas sociedades africanas.

O parentesco é definido dentro das relações sociais estabelecidas. Carolina foi mãe solo. Não soube o que era dividir os medos, as dores e as alegrias. A fome era seu principal desafio a ser vencido, pois se não conseguisse transformar o seu fazer em alimento, seus filhos dormiriam com fome.

O livro Olhos d'água (2014) traz o conto "Maria", que aborda a discussão sobre violência urbana e desigualdade social. O conto relata o cotidiano de uma empregada doméstica, que, após mais um dia de trabalho, traz consigo os restos de comida que sobraram da casa da patroa para alimentar seus filhos.

Há um assalto no ônibus e a personagem reconhece um dos assaltantes como sendo o pai de seu filho mais velho e seu grande amor. O homem, após aquele momento de emoção e de lembranças, levanta-se e assalta todos os passageiros do ônibus, exceto Maria, assinando sua sentença de morte.

O homem desce do ônibus sem olhar para aquela que fora seu grande amor e que lhe dera um filho. Os passageiros se revoltam achando que Maria fazia parte do bando, linchando-a, apesar dos protestos do motorista que conhecia sua luta e sua história.

Maria é morta a socos e pontapés e os restos de comida que matariam a fome de seus filhos ficaram espalhados no entorno de seu corpo sem vida... Seu último pensamento foi que, naquela noite, seus filhos iriam dormir com fome. Uma mãe solo que viveu e morreu pelos seus filhos. Um conto que retrata a história de milhares de mulheres que não têm tempo para sentirem dor, pois precisam cuidar dos seus filhos e alimentá-los.

Após ler esse conto há uma sensação de vazio, perda, tristeza. Como não lembrar de Maria Rita que, ao chegar em casa desfigurada pelo cansaço, carregava o peso das bolsas com os restos de alimentos, roupas ou brinquedos usados para ver o sorriso nos olhos de cada uma de suas filhas? Maria não chegou e não conseguiu matar a fome do filho e ver seu sorriso...

Um conto que espelha a vida de milhares de mulheres que, como as Marias e Ritas, são a única fonte de sustento para as suas crias. Uma sensação amarga ao perceber que aquele conto não é somente uma história de ficção, pois poderia acontecer na vida de qualquer mulher negra, moradora de favela.

Os contos descritos por Evaristo retratam a humanização de homens e mulheres, em sua maioria, negros que são invisibilizados socialmente. Nesses contos os personagens são visíveis e, apesar da violência com que os acontecimentos são narrados, há espaço para que esses personagens se mostrem humanos, expressando sentimentos e emoções.

Evaristo afirma que a favela cumpre papel importante em seus textos, pois favela e senzala se reconhecem, se harmonizam em sua dororidade, espaços de subjugação do negro, onde a marginalização se faz presente.

Favela e senzala se reconhecem, pois, para sobreviver nesses espaços há de se conhecer as dores e os gozos neles presentes. Cidade de Deus é um desses lugares.

Cidade de Deus é um bairro da Zona Oeste do Município do Rio de Janeiro, considerado uma das regiões mais perigosas da cidade, devido a constantes confrontos nas favelas em seu entorno.

Desde a década de 80 surgiram várias associações de moradores, agremiações de samba, agremiações esportivas, grupos de teatro, cineclube, igrejas e Movimento Negro. Apesar do sofrimento e do luto vivido por muitas famílias que perderam e perdem seus jovens, diariamente, para o tráfico e por balas perdidas, a Cidade de Deus tem a energia de milhares de crianças negras que têm esperança de um futuro com mais liberdade e qualidade de vida.

Os projetos culturais demonstram bem essa realidade. Crianças que, através da arte, da dança, do esporte, brilham. "Uma esperança que brilha mais na escuridão²⁷", pois no meio do confronto quase diário entre traficantes, policiais e paramilitares o espaço da escola, ainda é, para essas crianças, um farol, o espaço da criatividade, da possibilidade de mudança. Não só a estrutura da escola em si, mas tudo que ela proporciona com suas redes. Através desses espaços, há a luta da comunidade e dos Coletivos Negros, para suavizar as dores, através da cultura. Muitas dores foram vividas...

Perdi amigos que se renderam ao fascínio cego do tráfico, pois muitos cansaram de acreditar que todos têm possibilidades de virar a mesa e vencer os medos e as dores. Vi muitos amigos que, para sobreviverem, tiveram que matar, roubar, se perder... Perder-se dos seus sonhos, de suas crenças, seus valores.

Robson foi um desses garotos. Estudamos juntos, lutamos juntos por um trabalho, uma profissão, uma melhor qualidade de vida. De repente, Robson desistiu. Passou a ser um dos integrantes do tráfico, passou a desfilar pela favela com armas e munições. Já não

²⁷ Samba-enredo da Mangueira em 2020, escrito por Leandro Vieira. O que a composição afirma é que Jesus Cristo é homem, é mulher, é negro, é indígena e pode ter qualquer religião. Na versão moderna, ele é Jesus da Gente, nascido na Mangueira.

mais parava para conversar, já não nos reconhecia como parte de sua família, mas o respeito por Maria Rita e suas filhas não se esvaiu.

Robson morreu com o corpo cravejado de tiros. Ali, acabara o sonho, os medos, as dores, a ambição. Com a sua morte morrem também a alegria pela perda do filho, do neto, do amigo, do morador. Dona Inês perdeu o riso fácil. Não foi por falta do exemplo, pois saía todos os dias para trabalhar em um supermercado do bairro vizinho. Sonhava com o dia em que fosse se aposentar para viver com mais tranquilidade e cuidar dos netos.

Não deu tempo, pois sem o riso fácil, não suportou a dor da perda do filho e morreu pouco tempo depois. Mesmo sem ter consciência, Robson era o brilho da família. O primeiro neto, o mais desejado, aquele que tinha o riso fácil da sua mãe, pois como quase todos os meninos prestos da favela, não tinha pai por perto.

Deslumbrou-se com uma vida que pensou ser fácil e que lhe daria tudo que sempre sonhou ser quando era criança. Só esqueceu de lembrar que tudo aquilo tinha um preço alto demais para se pagar...

Quando, seu moço, nasceu meu rebento
 Não era o momento dele rebentar
 Já foi nascendo com cara de fome
 E eu não tinha nem nome pra lhe dar

Como fui levando, não sei explicar
 Fui assim levando e ele a me levar
 E na sua meninice ele um dia me disse
 Que chegava lá

Olha aí
 Olha aí
 Olha aí, ai é o meu guri, olha aí
 Olha aí, é o meu guri
 E ele chega

Chega suado e veloz do batente
 E traz sempre um presente pra me encabular
 Tanta corrente de ouro, seu moço
 Que haja pescoço pra enfiar

Me trouxe uma bolsa já com tudo dentro
 Chave, caderneta, terço e patuá
 Um lenço e uma penca de documentos
 Pra finalmente eu me identificar, olha aí
 Olha aí, ai é o meu guri
 Olha aí, é o meu guri
 E ele chega

Chega no morro com o carregamento
 Pulseira, cimento, relógio, pneu, gravador
 Rezo pra ele chegar cá no alto
 Essa onda de assalto está um horror

Eu consolo ele, ele me consola
 Boto ele no colo pra ele me ninar
 De repente acordo, olho pro lado
 E o danado já foi trabalhar, olha aí

Olha aí, aí é o meu guri, olha aí
 Olha aí, é o meu guri
 Meu guri

Chega estampado, manchete, retrato
 Com venda nos olhos, legenda e as iniciais
 Eu não entendo essa gente, seu moço
 Fazendo alvoroço demais

O guri no mato, acho que tá rindo
 Acho que tá lindo de papo pro ar
 Desde o começo, eu não disse, seu moço
 Ele disse que chegava lá

Olha aí, aí o meu guri, olha aí
 Olha aí, é o meu guri
 Olha

Fonte: [LyricFind](#)

Compositores: Francisco Buarque de Hollanda

Poderia ter sido diferente... Muitas vezes fingimos uma realidade para suportarmos a dor de ver um dos nossos se perder, desistir. A cada perda de um amigo querido, o sentimento de revolta de não ter tentado mais um pouco, de não ter conseguido convencê-lo de que precisávamos vencer pelos estudos, pelo trabalho, pelo talento, pela persistência... Robson não conseguiu me ouvir... Deixou mãe, irmãos, amigos e uma dor de ter feito escolhas com o gosto e o cheiro da morte...

Mulheres que, apesar da dor e da perda, assumem todas as responsabilidades, pois não há como dividi-las não existindo um parceiro. Assumem a dor e assumem o gozo. O estereótipo de "sexo frágil" não existiu na vida de Carolina Maria de Jesus, Maria Rita, Inês e nem para as personagens descritas nos textos de Conceição Evaristo. Essas são mulheres que não se esconderam atrás de um suposto sexo para desistirem de lutar pelos seus sonhos e chorarem pelas suas dores, mas, apesar disso, prosseguirem.

Carolina relata trechos de senioridade ao lembrar de seu avô Benedito, um griot, que era o homem mais idoso da família e aquele que detinha a ancestralidade de seu povo. Carolina, ainda criança, relembra a importância que um ancestral tem para proteger e manter a cultura e a identidade de seu povo.

A colonialidade do poder atua como um sistema de dominação, pois o conhecimento produzido pela sociedade iorubá está inundado da cultura eurocentrada.

Carolina, em sua rotina de luta e invisibilidade, vivenciou essa colonialidade do poder ao ter sua vida secundarizada e ao sofrer a deslegitimação dos seus conhecimentos e seus escritos. Grosfoguel destaca que essa mesma deslegitimação dos conhecimentos só se dá em razão do privilégio epistêmico de uns em detrimento de outros.

É possível afirmar que os trechos apresentados dos escritos de Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo são atravessados pelos conceitos decoloniais e libertários, pois Carolina lutava pela liberdade de seus iguais e contra a violência e o abismo entre governantes e governados.

Evaristo, através da escrita de seus contos e romances, demonstra, implicitamente, como seus textos são atravessados pela relação entre governantes e governados e como essas mulheres se insurgem contra essa dominação, lutando por uma vida mais justa e de qualidade.

Carolina ecoou seu grito em defesa de si e de seus pares, que eram invisibilizados. O conceito de desobediência epistêmica de Mignolo reflete essa prática. Oyěwùmí faz uma abordagem tecendo considerações ao pensarmos o continente africano e recebendo inúmeras críticas, pois suas ideias são vistas pelo crivo de uma perspectiva eurocêntrica.

A autora deu visibilidade a sua cultura e suas tradições que são sistematicamente ignoradas e desautorizadas, com o propósito de realizar um apagamento das vozes africanas. Por mais autoras negras como Jesus e Oyěwùmí para reverenciarem suas culturas e seus ancestrais. Carolina Maria de Jesus, PRESENTE!

SEGUNDO CAPÍTULO

2 CAROLINA, UMA MULHER QUE SE NEGOU A SER DESPEJO

Aí, quem vive no inferno reza pra quem?

*Eles querem que alguém que vem de onde nós vem
seja mais humilde, baixe a cabeça, nunca revide,
finja que esqueceu a coisa toda*

Emicida

A colonialidade é tão violenta, mental e fisicamente, quanto a colonização dos países latino-americanos. A destruição das culturas, de povos, histórias denunciadas por Fanon (2010) e Aníbal Quijano (2005), entre tantos outros, gerou um processo de invisibilização e subalternização de homens e mulheres que fogem ao padrão colonial.

Essa desumanização, intrinsecamente ligada à categoria “raça” (QUIJANO, 2005), causou inúmeras consequências, tais como a invisibilidade desses corpos negros espalhados pelas metrópoles, a violência e o não reconhecimento da contribuição política, social e cultural desses corpos negros para o desenvolvimento e construção dos países.

O conceito de “raça” estabeleceu hierarquias, relações de poder entre os povos superiores e inferiores (QUIJANO 2005). Identidades raciais naturalmente se tornaram identidades sociais ao serem associadas a valores morais e éticos, inferioridade e superioridade, bem e mal que justificam a retórica da colonização e da colonialidade (QUIJANO, 2005). Há uma reprodução sistemática de identidades sociais ligadas ao fator “raça”, reproduzindo essas hierarquizações quanto a raça e ao gênero.

Há inúmeras mulheres negras brasileiras que contribuíram para o avanço intelectual do país, mas que foram invisibilizadas por um suposto poder que desqualifica aquele corpo que não se molda ao padrão branco, hétero e patriarcal, inferiorizando e desqualificando pelo recorte de gênero e raça.

Carolina Maria de Jesus nasceu em 1914, em Sacramento, Minas Gerais, Filha de mãe solo, frequentando a escola, aprendendo a ler e a escrever durante dois anos incompletos, contrariando as estatísticas do seu povo, pois no início do século, uma menina negra frequentar os bancos escolares era exceção, mas teve que abandonar os estudos para acompanhar sua mãe em um novo trabalho, numa fazenda distante da escola.

Foi no chão da escola que Carolina aprendeu o seu nome, pois se reconhecia pelo apelido de Bitita. Na escola, apesar de todas as dores, transformou-se em Carolina Maria

de Jesus. A menina não gostava do seu nome, pois não se reconhecia por um nome que não fosse Bitita, um nome composto, completo. Bitita não sabia ler, mas Carolina aprendeu. Bitita não escrevia, mas Carolina aprendeu e não parou mais. Bitita não expressava suas angústias, sonhos, pensamentos, mas Carolina aprendeu.

Carolina nunca se perdeu de Bitita, mas foi além, pois colocou seus sonhos, desejos, medos no papel, compreendendo as palavras e ampliando sua leitura de mundo. Carolina nem sempre amou o seu nome, mas aprendeu a se reconhecer muito além da Bitita, pois entre as dores e gozos, foi forçada a crescer.

Eu gosto de ser obedecida. Está ouvindo-me, dona Carolina Maria de Jesus!
Fiquei furiosa e respondi com insolência:

– O meu nome é Bitita.
– O teu nome é Carolina Maria de Jesus.
Era a primeira vez que eu ouvia pronunciar o meu nome.

– Eu não quero este nome, vou trocá-lo por outro.
A professora deu-me umas reguadas na perna, parei de chorar. (JESUS, 1960, p. 124)

Há, nessa memória, a diferença entre dois tempos do sujeito, pois Bitita demarca sua existência a partir da afirmação do seu nome e Carolina Maria de Jesus que, a partir da nomeação executada pela professora, passa a existir, numa junção de identidade e alteridade, pois Carolina se percebe no outro e esse “outro” é ela mesma.

No início da década de 1930, sua mãe e Carolina mudaram-se para São Paulo, cidade de Franca, onde trabalharam na lavoura e como domésticas. Após sua mãe falecer, já adulta, migrou para o centro de São Paulo, onde trabalhou como empregada doméstica lavadeira, artista circense e outros.

Carolina, sozinha no mundo, dormiu em pontes, em estradas e lugares desprotegidos. Fez várias coisas para ganhar dinheiro, principalmente trabalhou como empregada doméstica. Foi também faxineira em hotéis, auxiliar de enfermagem em hospital, lavadeira... (MEIHY, LEVINE, 1994, p. 21)

Ao engravidar, foi demitida e perdeu a moradia, mudando-se para a favela de Canindé construindo seu próprio barraco, trabalhando como catadora. Teve três filhos e sua maior preocupação era trazer o alimento para a casa.

Sua alegria era encontrar livros e revistas no lixo, pois ali encontraria o seu alimento para continuar a sonhar em treinar a leitura e a escrita, encontraria a sua cura para esquecer as dores. Carolina, em seus escritos, narra o seu cotidiano e suas angústias:

Tudo quanto encontro no lixo eu cato para vender. Deu 13 cruzeiros. Fiquei pensando que eu precisava comprar pão, sabão e leite para Vera Eunice. E os 13 cruzeiros não dava! Cheguei no meu barracão, nervosa e exausta. Pensei na vida atribulada que eu levo. Cato papel, lavo roupas para dois jovens, permaneço na rua o dia todo. E estou sempre em falta. (JESUS, 1960, p.9)

Carolina narrava seu cotidiano, mas também questões políticas, econômicas e sociais, a exclusão de gênero e raça que tanto a incomodava. Carolina reflete ao escrever, principalmente sobre as condições do favelado e percebe que até as aves têm melhores condições de vida do que os favelados, “que deitam e não dormem, porque deitam-se sem comer” (JESUS, 1960, p. 30).

Sofria com a injustiça e a invisibilidade que atravessa a favela: “na favela todos lutam com dificuldades para viver. Quem manifesta o que sofre é só eu. Eu faço isso em prol dos outros” (JESUS, 1960, p. 32). Carolina não acreditava em determinismos, denunciando violências, transformando-se por meio da escrita e leitura.

Talvez Carolina ainda não soubesse o que era ajuda mútua e horizontalidade no espaço em que vivia, pois em seu cotidiano, uns ajudavam aos outros e, naquele espaço de fome e de insuficiências, havia uma horizontalidade no que tange a todos e todas viverem na invisibilidade e com as faltas que poderia fazê-los vivenciar tempos mais brandos.

Publicou seu primeiro livro, *Quarto de Despejo*, traduzido para 13 idiomas em mais de 40 países. A autora sofreu um apagamento, sendo lembrada com muito exotismo, por sua trajetória e história de vida e por sua escrita, sendo questionada pela qualidade estética e crítica de sua obra.

A sala de visitas da sociedade e a academia tentaram transformar Carolina em um objeto exótico do “imaginário colonial” (MIGNOLO, 2003). A primeira biografia: *Cinderela negra – a saga de Carolina Maria de Jesus* (MEIHY; LEVINE, 1994) reforça esse imaginário sobre a autora de como alguém que ocupou um lugar que não lhe pertencia, que se transformou em escritora, algo que não conseguia ser.

Carolina se reinventou quando aprendeu a ler e escrever, quando registrava seu cotidiano de fome, dor e invisibilidade, num contexto político, econômico, social, refletindo sobre sua realidade a partir desse contexto, questionando as violências de raça e gênero, pois, mesmo sendo intitulada de Cinderela negra, nunca aceitou as injustiças e violência de forma passiva, não precisando de nenhum príncipe para salvá-la. Carolina

criticava a falta de espaço para poder frequentar as salas de visita da sociedade, pelo recorte de classe, raça e gênero.

Carolina pensava e escrevia a partir da sua história e do contexto em que vivia, pois, historicamente, é o colonizador quem narra a história e registra de acordo com os seus interesses e ângulos. Ela fez uma escrita de seus gozos e dores, para vencer a fome e a violência.

A autora produziu um “pensamento liminar” conceituado por Walter Dignolo (2003), baseado na hegemonia colonial e em perspectivas subalternas, pois sua escrita atravessa outros corpos, que no decorrer do processo de colonização e colonialidade foi invisibilizado, buscando uma hegemonia única do colonizador.

Carolina usou sua escrita como forma de denúncia, diferenciando-se dos seus iguais e aproximando-a dos eruditos. Sua narrativa não é isenta, criticando o que está dentro e fora do seu habitat, suas dificuldades e a de seus iguais em relação à fome, saneamento básico e outros.

A autora denuncia a falta de diálogo entre o Estado e a favela e a ausência de políticas públicas. Carolina escrevia sobre a manutenção da “intersecção de gênero/classe/raça como construtos centrais do sistema de poder capitalista mundial” (LUGONES, 2014, p. 939), escrevendo sobre feminismo decolonial.

Demonstrou a dicotomia de recolher alimentos no lixo para alimentar seus filhos e o modelo capitalista e econômico: “os favelados estão convencendo-se que para viver precisam imitar os corvos. Eu não vejo eficiência do serviço social em relação aos favelados” (JESUS, 1960, p. 41).

Em outro relato a autora escreve sobre a enchente e a perda de alimentos, tão necessários para matar a fome dos pobres. “Bem feito. Em vez de vender barato guarda esperando a alta dos preços: vi os homens jogar sacos de arroz dentro do rio. Fiquei com inveja dos peixes.” (JESUS, p. 54). Carolina e seus vizinhos comem o resto encontrados nos lixos, há alimentos armazenados para forçarem o aumento de preços até estragarem para serem jogados no lixo.

Em Quarto de Despejo há uma tensão, pois Carolina reflete sobre a possibilidade da morte e do suicídio a partir do seu próprio sofrimento e por ver seus filhos com fome.

“Eu estou começando a perder o interesse pela existência. Começo a revoltar. E a minha revolta é justa” (JESUS, 1960, p.36).

Carolina pensa em suicídio quando adoece: Quando eu fiquei doente eu andava até querendo suicidar por falta de recurso (p. 67). E se desespera: “Como é horrível levantar de manhã e não ter nada para comer. Pensei até em suicidar” (p. 98). Carolina revela seu olhar sobre a morte do outro e se identifica a partir das histórias que atravessam a sua:

Li que uma senhora e três filhos havia suicidado por encontrar dificuldade de viver. A mulher que suicidou-se não tinha alma de favelado, que quando tem fome recorre ao lixo, cata verduras na feira, pedem esmola e assim vão vivendo. Pobre mulher! (JESUS, 1960, p. 62)

Carolina entendia que a revolução precisa de pão, que não há luta sem as pessoas estarem com as suas barrigas cheias e que a cura passa pelo alimento em suas mesas para que não vejam seus filhos morrerem de fome. Por muitas vezes, Carolina dividia o pouco alimento que conseguia comprar entre os seus filhos e, para esquecer a fome, alimentava-se com a leitura e a escrita.

Quando tinha algo para ser trocado, negociava com um de seus vizinhos para que ambos pudessem ter o alimento. Quando tinha o alimento, mas não tinha a banha ou o sal, eram seus vizinhos quem a socorria, numa expressa ajuda mútua entre o povo da favela. Ajuda mútua que salvava vidas, que restaurava a confiança no outro. No interior da favela não se grita de fome e se morre à mingua. No interior da favela há sempre um ser que se solidariza com o outro, pois já sentiu ou sente o gosto amargo da fome. No interior da favela há a organização de um Quilombo entre os seus iguais pois, mesmo que haja desavenças, há o espírito de solidariedade, ajuda mútua.

Caso falte pão para um, faltará para todos, mas se um está sem pão e o outro tem um pedaço, aquele que tem, por saber a dor da fome, divide o pedaço com aquele que não tem, numa genuína ajuda mútua.

Pão! A Revolução precisa de pão! Que outros se ocupem a lançar circulares em períodos brilhantes; que tomem tantos galões quantos suas espáduas possam levar; alta que outros enfim alanzem sobre as liberdades políticas. A nossa tarefa será fazer que desde os primeiros dias da Revolução e enquanto durar não falte pão nem a um homem, no território insurrecto, nem haja uma mulher que seja obrigada a esperar à porta da padaria para levar o bolo de farelos que lhe quiserem atirar por esmola; nem uma única criança que careça do necessário à sua fraca constituição. (KROPOTKIN, 2011 p. 27)

A autora escreve sobre sua percepção ao identificar o acúmulo de alimentos como estratégia capitalista de mercado, visando o aumento de preços, pois os que detém a posse desses alimentos preferem vê-los apodrecerem a serem doados para consumo para aqueles que não podem pagar. “Mandaram jogar fora! Fiquei horrorizada vendo o arroz podre. Pensei: Por que é que o homem branco é tão perverso?” (JESUS, 1960, p. 130).

Na década de 1950 o Brasil vivia um período de industrialização crescente, havendo uma modernização econômica baseados na hierarquização de gênero e raça, herdados da colônia. Apesar da modernidade, há uma sólida estrutura de poder, nas identidades sociais e relações sociais (QUIJANO, 2009). Carolina interpreta os pensamentos de Quijano e Lugones em seu cotidiano, relacionando-os com o gênero, reprodução do poder colonial em seus escritos.

Eu pensei na festa comemorativa da Abolição da Escravatura. Mas temos outra pior – a fome. Conversei com um preto que é artista e ele disse-me que gosta de ser preto. E eu também. Fiquei encantada com o preto João Batista Ferreira. É bonito estar satisfeito com o que somos. (JESUS, 1961, p. 20)

Carolina escreve sua história como se fosse uma extensão do período da escravidão, um reflexo do período escravocrata que mantém, mulheres e homens negros oprimidos pela classe, gênero e raça. Uma suposta libertação que nos fez aceitar continuar trabalhando na Casa Grande em troca de um prato de comida e com a retórica de que estavam nos fazendo um favor, pois eram homens bons.

(...) ela não podia reclamar para não perder o emprego. Mas se a cozinheira tinha filha, pobre negrinha! O filho da patroa a usaria para o seu noviciado sexual. Meninas que ainda estavam pensando nas bonecas, nas cirandas e cirandinhas eram brutalizadas pelos filhos do senhor Pereira, Moreira, Oliveira e outros porqueiras que vieram do além-mar. (JESUS, 1960, p. 34-35)

A autora, em seus relatos do cotidiano, expressa as opressões abordadas por Quijano (2005) e Lugones (2008), historicamente ancoradas na colonização. No interior da favela Carolina percebia que mulheres e homens negros reproduziam as opressões que vivenciavam nas casas dos patrões, reproduzindo os discursos das opressões. Nem mesmo as crianças eram tratadas com maior atenção ou paciência. “A única coisa que não existe na favela é solidariedade” (JESUS, p. 13).

Carolina tratava seus filhos com mais carinho e atenção e tinha a convicção de que eles precisavam estudar para avançarem e ocuparem outros espaços. Carolina procurou lutar por aquilo que acreditava, exercitando, em sua trajetória, formas de resistência, procurando vivenciar o que Lugones (2014) conceitua como feminismo

descolonial, pois “descolonizar o gênero é necessariamente uma práxis. É criticar a opressão do gênero racializada, colonial e capitalista visando a uma transformação vivida do social (p. 940).

Carolina talvez não percebesse a dimensão do sentido de solidariedade, no contexto libertário da palavra, ao expressar a falta de solidariedade na favela, pois quando um dos seus integrantes troca um copo de óleo por um pouco de arroz, há solidariedade, quando uma mulher ajuda a outra contra a violência doméstica, há solidariedade, quando a própria Carolina briga para que homens embriagados não batam em seus filhos e esposas há solidariedade.

Lutar a favor da vida é muito maior do que solidariedade, pois está entrelaçado com a ajuda mútua e liberdade, um dos mais importantes conceitos vivenciados por aqueles que têm sede de justiça e igualdade. E isso não faltava a Carolina! Para ela, homens e mulheres devem ter seus direitos e garantias respeitados, pois já travam uma luta comum contra a invisibilidade daqueles que vivem no asfalto.

Ser invisível, para o corpo negro, é quase um segundo registro geral, uma marca que trazemos e uma teimosia em demonstrarmos que não somos servis. Temos sonhos, desejos, gozos e teimamos em ser muito mais que uma melanina.

No interior da favela há tanta falta que as relações de acolhimento e solidariedade são invisibilizadas pelo sofrimento e dor. No espaço da favela a solidariedade e ajuda mútua se dão para alguns corpos, em sua maioria, negros, possam sobreviver. Essa ajuda mútua se dá para que esses corpos não morram de fome ou sejam exterminados pela violência.

Carolina ressalta uma crítica ao dualismo entre capazes/incapazes, embasando o pensamento eurocêntrico e reflete a relação entre a cidade e favela. “Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres e cristais, seus tapetes de viludo, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo” (JESUS, 1960, p. 35).

Carolina não virou objeto, mesmo estando no interior da favela. Lutou contra as relações de dominação e subalternidade decorrentes da raça, gênero e classe, buscando não se adequar às opressões interseccionais e nem ser um objeto sexual para os homens.

“Há de gostar de uma mulher que não passa sem ler. E que levanta para escrever. E que deita com lápis e papel debaixo do travesseiro. Eu prefiro viver só pra o meu ideal” (JESUS, p. 50), opondo-se ao mando patriarcal, que optou por ser mãe solo e lutou contra a colonialidade do gênero.

Enfrento qualquer especie de trabalho para mante-los. E elas, tem de mendigar e ainda apanhar. Parece tambor. A noite elas pede socorro eu tranquilamente no meu barracão ouço valsas vienenses. Enquanto os espôsos quebra as tabuas do barracão eu e meus filhos dormimos sossegados. Não invejo as mulheres casadas da favela que levam vida de escravas indianas (JESUS, 1960, p. 17-18).

Carolina quer ver sua vida e a de seus filhos transformadas e entende que só através de seu trabalho há possibilidade desse desejo se concretizar. Quer a favela transformada com melhores condições de vida, mas quer sair da favela para que seus filhos tenham uma melhor qualidade de vida.

A autora, com as vendas do livro *Quarto de despejo*, muda-se para outra região da cidade e começa a escrever *Casa de alvenaria, diários de uma ex-favelada*. Mesmo mudando-se da favela e tendo uma ascensão social, Carolina fez duras críticas à economia e sociedade, demonstrando seu descontentamento e decepção, pois a vida continuava dura.

Carolina teve dificuldades de adaptar-se à vida fora da favela, pois sentiu-se usada pela mídia, sociedade e editores. Era um ser exótico, foco de exploração e rejeição por todos que não aceitavam que uma mulher negra, mãe solo e ex-favelada tivesse o título de escritora. “Agora eu falo e sou ouvida. Não sou mais uma negra suja da favela”. (JESUS, 1961, p.17).

Carolina não conseguia sentir-se aceita e fazer parte daquele novo mundo, pois sua figura altiva, não era o estereótipo para aqueles que a queriam ver como uma mulher frágil e agradecida por ocupar a sala de visitas da sociedade.

E até hoje querem que peçamos licença para estarmos nesses lugares de poder, pois, do contrário, somos vistos como agressivos e arrogantes. Qual corpo negro que ousou questionar não estar nesse papel de subserviente não sentiu o peso desse discurso que somos arrogantes e agressivos?

Carolina não se adaptou em nenhum dos dois mundos, pois não era mais vista como uma de seus iguais pelos favelados e não era aceita pela sociedade, rompendo duplamente pela intersecção entre raça e gênero.

Carolina não se moldou aos padrões hierárquicos coloniais, mantendo sua forma de escrita e ocupando os espaços que entendia serem seus. “Alguns críticos dizem que sou pernóstica quando escrevo. Será que preconceito existe também na literatura? O negro não tem direito de falar o clássico?” (JESUS, 1961, p. 63).

Em *Casa de Alvenaria* Carolina criticou a estrutura social e política, culpando os governantes pela fome e falta de políticas públicas no país, sendo considerada comunista, agressiva e inculta, em um explícito racismo editorial, pois os estereótipos de gênero foram expostos pela mídia, não tendo um sucesso de vendas suas demais publicações.

Carolina teve que deixar a casa de alvenaria e se mudar para a periferia de São Paulo, retornando o trabalho de catadora para sobreviver, morrendo em 1977 e permanecendo esquecida por décadas.

A escrita de Carolina viveu nas margens, vista como “resto”, se constituindo como a “Outra” dos cânones literários. O Ocidente, para referendar sua existência, precisou da construção do oposto, do seu Outro, o “Outro da Europa” Spivak, (2010). Durante séculos, esses “Outros” têm tido suas vozes sufocadas pelas narrativas, tidas como civilizadas, de autodeterminação, em termos estéticos e linguísticos.

O resto está intrinsecamente ligado ao conceito de Outridade proposto por Grada Kilomba (2019). Outridade seria a personificação das sombras, de aspectos negativos do “eu” de sujeitos brancos direcionados aos sujeitos negros e “restos” seriam os menos capazes, por parte dos europeus. Carolina estraçalha essa ferida em seus escritos.

Elza Soares, mulher negra que também sentiu a dor da fome e mergulhava na música para esquecê-la. Desde criança cantava. Quando conseguiu um emprego numa fábrica de sabão cantava para os funcionários, sonhando com a possibilidade de um dia poder viver de sua música. Lutou pelo seu sonho e participou de alguns programas de rádio:

“Entrei segurando minha roupa para ela não desmontar e arrastando uma sandália muito vagabunda, que era a única que eu tinha, e o Ary logo me olhou com aquela cara de quem ia aprontar alguma comigo.” As gargalhadas só cresciam e com elas o apresentador se sentiu ainda mais à vontade para ironizar a candidata “fresquinha”. “O que você veio fazer aqui?”, perguntou impiedoso.

“Vim cantar”, respondeu Elza, achando que era melhor não ceder às brincadeiras. Ele dobrou então a provocação: “E quem disse que você canta?” Outra resposta curta: “Eu, seu Ary.” Apesar da aparência risível, parecia uma caloura difícil de “quebrar” com qualquer piada. Por isso, talvez, a próxima pergunta tinha beirado a grosseria: “Então, agora, me responda, menina, de que planeta você veio?” Elza: “Do seu planeta, seu Ary!” O apresentador, já perdendo a paciência, insistiu: “E posso perguntar que planeta é esse?” Parecia que a resposta já estava na ponta da língua: “Do planeta fome.” As risadas foram escasseando como lâmpadas que se apagam uma a uma num grande salão. Talvez despertado do transe irônico pelo silêncio, Ary Barroso cortou as gracinhas e convidou, então, Elza para cantar. “De Paulo Marques e Ace Chaves, ‘Lama’.” Era uma escolha no mínimo curiosa. A gravação original, de 1952, foi um sucesso enorme na voz de Linda Rodrigues. Mas a letra de “Lama” era tristíssima, de uma falta de autoestima que, talvez de maneira não calculada, acabava refletindo o que ela sentia por dentro. Hoje ela admite: “Não sei bem por que escolhi essa canção, mas provavelmente tinha a ver com meu estado de espírito.” Mas naquela época ela mal conseguia processar o que poderia ser um amor destrutivo. Sua vida era, sim, cheia de tristeza, mas quase todas ligadas às dificuldades que passava para sustentar sua família. A desilusão amorosa que a letra da música trazia era algo que ela só experimentaria muito tempo depois... Mas talvez ela tenha escolhido “Lama” só pela chance que tinha de rasgar sua voz no verso que diz “Acha-se com o direito de querer me humilhar” – em que aquele “a” da primeira sílaba se transformava numa superfície áspera e sofrida, com suas cordas vocais que ela não sabia ainda o quanto eram preciosas, imprimindo aquele som que seria sua marca registrada. (CAMARGO, 2018, p. 65-66)

Ao terminar a canção, Camargo relata ainda que “Ainda no silêncio, o apresentador levantou-se, colocou o braço no ombro de Elza e disse: ‘Senhoras e Senhores, nasce uma estrela’”. (CAMARGO, 2018, p. 69)

Observamos que, embora num ambiente de falta de oportunidades, discriminação, racismo e uma vida marginal, Carolina e Elza buscam, por meio da arte, encontrarem eco na sua voz e a superação de uma vida de miséria.

Carolina e Elza olharam para trás e não esqueceram de onde vieram, de suas origens, dos que ficaram naquele lugar de invisibilidade e fome. Quantos nomes que conhecemos que conseguiram a ascensão, seja pela arte, seja ela pela música, teatro, futebol e tantos outros caminhos que preferem esquecer as suas origens, sem acolher aqueles que, por tanto tempo, fizeram parte de sua história.

2.1 O cotidiano através de um romance

Gosto de dizer ainda que a escrita é para mim o movimento de dança-canto que o meu corpo não executou, é a senha pela qual eu acesso o mundo.

Conceição Evaristo

No romance *Pedaços da Fome* (1963), Carolina costura narrativa e experiência num passeio pela fome, gênero, raça, desigualdades sociais e luta de classes. As personagens apresentam os estereótipos da época.

Maria Clara, jovem branca e rica que vivia no interior de São Paulo, filha do Coronel Fagundes e de Dona Virgínia. Carolina constrói uma protagonista branca a partir de seu olhar de mulher negra, sobre a branquitude feminina.

Dona Virginia é uma dona de casa, submissa aos mandos de seu esposo. “Eu ainda gosto de você, por que é boa dona de casa, boa esposa, boa enfermeira, quando estou doente cuida de tudo com desvelo” (Jesus, 1963, p. 18). Essa definição do papel da mulher branca como mãe e dona de casa constitui a humanidade. O lugar das mulheres negras, nesses espaços, era de empregada doméstica ou de amante.

Coronel Fagundes, personagem que representa o patriarcado, possuindo o poder sobre o corpo e comportamentos femininos. “Cabe ao homem introduzir e guiar a mulher num núcleo culto, para que ela possa se tornar a sua companheira” (Jesus, 1963, p. 15).

E relata para a esposa que “Quando o teu pai me apresentou tuas irmãs para eu escolher a minha companheira para acompanhar-me nos alpes da vida, gostei de você pois era miudinha, parecia uma boneca” (Jesus, 1963, p. 18). Bastava o que interessava ao homem, pois às mulheres restavam apenas aceitar a suposta escolha e o casamento.

No início do romance Maria Clara expõe o desejo de “ser amada, ser venerada. Ocupar um lugar de destaque no coração de um homem” (Jesus, 1963, p. 23). Sonhava com um romance que lhe trouxesse felicidade. A personagem conhece o “doutor dentista” da capital paulista e iniciam um romance. Quando o coronel descobre o romance, eles são forçados a se casarem para manterem a reputação da moça e o nome da família.

Sua mãe opõe-se ao casamento, mas seus argumentos não são considerados. Maria Clara é oferecida ao homem e a responsabilidade do seu corpo é transferida do pai

para o marido. As mulheres negras não participavam desse contrato, pois, ainda sob os resquícios da escravidão, seus corpos não serviam para serem negociados para casamentos.

Após o casamento, Paulo e Maria Clara vão para a capital e lá ela descobre que irá morar em um cortiço, percebendo que seu marido havia mentido sobre sua classe social e formação profissional, desiludindo-se.

As condições socioeconômicas levam os personagens a lugares específicos, pois Maria Clara saiu da fazenda e foi morar num cortiço. A personagem que sempre ouviu de sua mãe que a mulher deve obediência ao marido, sente-se presa ao casamento. Paulo tem repulsa ao trabalho e não se importa com a sua condição social, impondo que Maria Clara seja a provedora da casa.

Carolina cria a personagem de Maria Clara desprovida de autossuficiência, opondo-se às mulheres negras que desenvolvem um espírito independente pela necessidade de sobrevivência. Presa a um casamento com um “malandro”, Maria Clara se tornou provedora da família e mãe solo de seis filhos.

Carolina denuncia o abandono parental vivenciado pela personagem, mesmo tendo a figura masculina morando no mesmo espaço que ela. A obra é centralizada no gênero, mas não apaga os outros eixos, pois não existe para a mulher um único lugar social.

Há diferentes nuances nas formas de opressão, não havendo, necessariamente, uma sobreposição entre elas, pois a personagem de Maria Clara tem várias marcas: mulher, branca, heterossexual, casada, constituindo a personagem e a visão de mundo.

Carolina apresenta diferentes dimensões referentes às relações étnico-raciais. Segundo Kilomba (2019, p. 38), “a negritude serve como forma primária de alteridade, pela qual a branquitude é construída. O “Outro” não é per se; ela(e) torna-se tal através de um processo de absoluta negação”, pois as características que o branco não reconhece em si são projetadas no corpo negro, ocultando seu projeto de dominação, “legitimando e mantendo estruturas violentas” de poder (Kilomba, 2019, p. 34). Carolina evidencia a postura do branco em colocar o negro como alteridade, num lugar de privilégio.

Gonzalez (1984) critica o sistema opressor patriarcal hegemônico europeu. A mulher negra, é vista como um objeto, subalternizada nos trabalhos domésticos e sem

valorização, desumanizadas pelas precariedades e falta de oportunidades, vistas como objetos de uso.

A mulher negra, naturalmente é cozinheira, faxineira, servente, trocadora de ônibus ou prostituta. (...) Aqui não tem diferença porque todo mundo é brasileiro acima de tudo, graças a Deus. Preto aqui é bem tratado, tem o mesmo direito que a gente tem. Tanto é que, quando se esforça, ele sobe na vida como qualquer um. Conheço um que é médico; educadíssimo, culto, elegante e com as feições tão finas... Nem parece preto. (GONZALEZ, 1984, p. 226)

Uma contaminação que está em nossa linguagem, sendo definida por Lélia Gonzalez como Pretuguês, como constituição de uma linguagem híbrida, constituídas de línguas africanas e ameríndias, construindo uma linguagem como formas de estar no mundo.

A escrita de Carolina nos apresenta uma visão de mundo estilhaçando preconceitos do que se deve ser uma escritora, que não necessita dominar o padrão dessa suposta norma culta, que desqualifica a linguagem popular.

2.2 Carolina, andarilha de um tempo

Como mulheres negras, sempre passamos por experiências aparentemente devastadoras. Experiências que poderiam absolutamente nos derrubar. Mas o que a lagarta chama de fim do mundo, o Mestre chama de borboleta. O que fazemos como mulheres negras é criar a partir das piores situações.

Viola Davis

Carolina rompeu com esses estereótipos de que se vive na favela, espera-se que sejam ignorantes. Esqueceram do conhecimento que trazia na oralidade, criticada por intitular-se escritora sem ter um diploma acadêmico. A falta de legitimação dos letramentos de Carolina e de tantas outras Carolinas está no Estado racista.

A naturalização da inferioridade do corpo negro mantém a população negra num lugar de subalternidade. Para Bezerra da Silva o morro e a favela eram lugares de coletividade, de povo que reclamava seu lugar na sociedade, reconhecendo sua própria cultura:

Sou produto do morro
 Por isso do morro não fujo e nem corro
 No morro eu aprendi a ser gente
 Nunca fui valente e sim conceituado
 Em qualquer favela que eu chegar
 Eu sou muito bem chegado
 E no Canta Galo, na linha de frente
 Naquele ambiente sou considerado

Sou produto do morro...

Sou produto do morro
Sem pedir socorro pra ninguém
Embarquei no asfalto da cruel sociedade
Que esconde mil valores que no morro tem
Tenho pouco estudo, não fiz faculdade
E atestado de burro não assino também

Sou produto do morro...

É que a música é meu alento
E o meu talento a Deus agradecer
E nesse momento é a Ele que peço
Se eu sou sucesso fiz por merecer
Sou favelado, mas tenho muita dignidade
E muita honestidade pra dar e vender

Sou produto do morro...

Fonte: Musixmatch
Bezerra da Silva, 1983

Ser produto do morro é como ter um selo que nos identifica, que faz com que tenhamos um valor menor, apesar dos títulos e de todas as lutas. Uma população negra, que desde a pós-abolição, movimentou economicamente o país por meio de sua força de trabalho, pois desde o passado de escravidão essa força de trabalho é explorada com a maior concentração nos trabalhos de prestação de serviços.

A escrita de Carolina é uma enunciação, pois há uma autoridade sobre si, protagonizando sua história. Carolina é um corpo vivo e pertencente às ruas, andarilha de si, vagando pelo mundo, em constante movimento, demonstrando toda a sua potência.

Foram me chamar
Eu estou aqui, que é que há?
Foram me chamar
Eu estou aqui, o que é que há?

Eu vim de lá, eu vim de lá, pequenininho
Mas eu vim de lá, pequenininho
Alguém me avisou
Pra pisar nesse chão devagarinho
(...)

Fonte: Musixmatch
Compositora: Yvonne Lara, 1983

A história de vida de Carolina é ilustrada pelas letras da música de dona Yvonne Lara, que é a história de milhares de mulheres negras que, apesar da dor e da solidão de terem de buscar o alimento e a proteção para os seus, não perdem a doçura, o molejo, o gingado.

Carolina é um exemplo de mulher transgressora, que não aceitou, sem lutar, tudo que lhe foi imposto. Por ser um corpo negro feminino nas ruas entendeu, desde cedo, a ambiência das ruas, as rasteiras que foram, no cotidiano, tornando-se naturais. Aprendeu, desde Bitita que era um corpo negro que não tinha outra alternativa, a não ser lutar.

Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas é também, e sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades. Aqui esta experiência é a matéria prima. É ela quem transforma o que poderia ser um mero exercício acadêmico, exigido como mais um requisito da ascensão social, num anseio apaixonado de produção de conhecimento. É ela que, articula com experiências vividas por outros negros e negras, transmutar-se-á num saber que – racional e emocionalmente – reivindico como indispensável para negros e brancos, num processo real de libertação. (SOUZA, 2021, p. 37).

Carolina é dona de metáforas, que sempre tem uma resposta na ponta da língua para responder a qualquer um que ousou lhe dizer que ela não poderia fazer algo. Uma intelectual que se constituiu pelos gestos, pelo mundo, pela rua, e por isso a visão eurocentrada de mundo não conseguiu classificar Carolina em suas caixinhas cartesianas do conhecimento. Carolina é vida, é movimento, é samba, é poesia, é rua, é a representação da nossa ancestralidade, uma herança de conhecimentos passado de boca a ouvido, através de gerações.

Demonstrou, através de sua trajetória que a mulher negra tem autoridade para o ato de escrever e que, apesar dos obstáculos, precisam se curar através do eco da sua voz e da sua escrita.

Quem nos deu permissão para praticar o ato de escrever? Por que escrever parece tão artificial para mim? Eu faço qualquer coisa para adiar este ato, esvazio o lixo, atendo o telefone. Uma voz é recorrente em mim: Quem sou eu, uma pobre chicanita do fim do mundo, para pensar que poderia escrever? Como foi que me atrevi a tornar-me escritora enquanto me agachava nas plantações de tomate, curvando-me sob o sol escaldante, entorpecida numa letargia animal pelo calor, mãos inchadas e calejadas, inadequadas para segurar a pena? Como é difícil para nós pensar que podemos escolher tornar- nos escritoras, muito mais sentir e acreditar que podemos! O que temos para contribuir, para dar? Nossas próprias expectativas nos condicionam. Não nos dizem a nossa classe, a nossa cultura e também o homem branco, que escrever não é para mulheres como nós? (ANZALDÚA, 2000, p. 230)

Há um racismo institucional que invisibiliza a produção de obras literárias produzidas por mulheres negras no Brasil, limitando sua produção discursiva, refletindo no mercado editorial. Carolina era uma andarilha que catava papel, mas também catava palavras, atravessando fronteiras de preconceitos e discriminações.

Uma mulher que transgride, que recusa o que lhe é imposto. Por conhecer às ruas, entende as rasteiras e perspectivas das encruzilhadas, compreendendo as diversas possibilidades, com desobediência e fé que uma hora essa roda gira e a sorte comece a lhe sorrir e aos seus.

O bem, ilumina o sorriso
Também pode dar proteção
O bem é o verdadeiro amigo
É quem dá o abrigo
É quem estende a mão

Num mundo de armadilhas e pecados
Armado, tão carente de amor
Às vezes é bem mais valorizado
Amado, endeusado quem é traidor
E o bem é pra acabar com o desamor

Se a luz do sol não para de brilhar
Se ainda existe noite e luar
O mal não pode superar
Quem tem fé pra rezar diz amém
E ver que todo mundo é capaz
De ter um mundo só de amor e paz
Quando faz só o bem
Quando faz só o bem.

(...)

Fonte: [LyricFind](#)²⁸

Carolina não se cansou de fazer o bem, pois dividia o pouco que tinha com aqueles que nada possuíam. Dividia muito mais do que o pão. Dividia o afeto, o olhar, o enxergar, o amparar. Para tornar-se reconhecida, Carolina atravessou as ruas, encontrando-se como uma trabalhadora do mercado informal, competindo com inúmeras discriminações, que perpassa o gênero, pois para os que estão nas ruas, é necessária uma malandragem de saber agir, sobreviver e não levar rasteiras.

Segundo Rufino (2019), a rua é um imenso campo em que existem diferentes saberes praticados e outras formas de fazer. Através das concepções de rua é possível compreender as diversas construções poéticas e artísticas de Carolina e pensarmos nas práticas de rua da atualidade.

Nos improvisos, versos ritmados, palmas das mãos é que a malandragem se apresenta. A malandragem está em cada canto sem deixar o samba atravessar como os

²⁸ Compositores: Arlindo Cruz / Delcio Luiz Da Silveira. Álbum Batuques e Romances/2011.

vários atravessamentos da vida, pois a palavra é uma das proteções do corpo negro, corpos malandreados que têm no seu gingado a sobrevivência.

Malandro
 Eu ando querendo falar com você
 Você tá sabendo que o Zeca morreu?
 Por causa de brigas que teve com a lei
 Malandro
 Eu sei que você nem se liga pro fato
 De ser capoeira, moleque mulato
 Perdido no mundo, morrendo de amor

Malandro
 Sou eu que te falo em nome daquela
 Que na passarela é porta-estandarte
 E lá na favela tem nome de flor
 Malandro
 Só peço favor de que tenhas cuidado
 As coisas não andam tão bem pro teu lado
 Assim você mata a Rosinha de dor
 Jorge Aragão²⁹

Carolina era malandra em suas composições, em seus poemas, em seus escritos. Gostava dessa energia da noite, do samba, da ginga, da alegria. A malandragem é presente na sociedade brasileira, vivenciada pela população negra em sua maioria, pois somente pelo jogo de cintura desse corpo negro, é que há a sua sobrevivência.

Carolina sobreviveu com o trabalho das ruas, mas ela realizava-se com o trabalho de escritora. Ser escritora e ser ambulante é buscar autonomia, trazendo outros meios de dignidade. Ela trabalhava nas ruas catando papéis para fazer o que de fato amava, que era escrever, cantar, compor.

Carolina, como tantos outros corpos negros, trabalham em situações adversas para sobreviverem, não podendo escolher o que de fato gostariam de ser, pois faltam tempo e oportunidade.

A malandragem tida como modo de vida criminoso gira para se configurar como um complexo de saberes vinculados às possibilidades de invenção da vida nas frestas. (...) O maltrapilho, desvalido da sorte, íntimo da fome, da sujeira, conhecedor de inúmeras formas miseráveis da vida. Este sujeito lançado à condição de sua existência, em meio à precariedade, perambula na arte da sobrevivência em meio às sucatas, ao lixo, aos restos. (RUFINO, 2019, p. 113)

Há no mundo contemporâneo do século XXI a precarização dos trabalhos autônomos, pois há uma demanda de andarilhos em suas bicicletas e motos, fazendo

²⁹ Jorge Aragão, *Álbum ao Vivo*, 2000.

entregas por aplicativos. Atualmente a cobrança não acontece por açoite, mas pelos sistemas dos aplicativos online, em horas excessivas de trabalho.

E esse corpo andarilho tem cor, pois a grande maioria são corpos negros oriundos dos morros e favelas, pois mesmo com o controle e regulação que teimam em manipular nossos corpos, resistimos atuando como protagonistas do nosso trabalho, sejam artísticos, culinários, artesanais, fugindo pelas frestas desse consumo globalizado. É nessa ginga e através dos nossos caminhos que não deixamos de produzir nossa cultura e nos reconhecemos como sujeitos.

Na conquista da subjetividade através do trabalho e do sustento próprio e dos seus, conseguimos nos autonear, como afirma hooks, “é através do processo de empoderamento que possibilita nos olharmos nos olhos, que nos cumprimentemos com solidariedade” (hooks, 2019, p. 99). Quem de nós já não se viu passando pela rua e sendo cumprimentado por alguém que nunca viu, mas se reconhece pela cor, pelas dores? Quantas vezes cumprimentamos o transeunte com um sorriso porque nós nos reconhecemos naquela cor, naquela solidão de sermos um corpo negro que precisa ser visto, respeitado?

É fundamental nos reinventarmos por meio das frestas, transgredindo, pois, a malandragem é uma prática sábia de vida que nos ensina a driblar a exclusão. Malandragem que se dá através da lábia, da boa palavra.

O bom malandro está em constante movimento, buscando seus interesses, como Carolina, pois ela não se enquadrou dentro do sistema opressor, buscando possibilidades andarilhas de trabalho para alcançar seu sonho de ser escritora, comprovando, através de seus escritos, que queria ser mais do que uma empregada doméstica.

Eu disse que meu sonho é escrever
Responde o branco: ela é louca
O que as negras devem fazer...
É ir pro tanque lavar roupa.
(JESUS, 2014, p. 120)

Carolina trabalhou na informalidade por quase toda a sua vida, assim como a população que sobrevive com o trabalho informal. Carolina passou por desafios em sua caminhada, sendo a rua uma escola de vida, conferindo às ruas “uma condição de tempo/espço, por onde se riscam e alinhavam saberes” (RUFINO, 2019, p. 109).

Muitas vezes, assim como Carolina, precisamos colocar um sorriso no rosto para que os nossos não desistam de lutar. Muitas vezes esse mesmo sorriso é o nosso alimento, para conseguirmos vencer mais um dia.

2.3 O que há por trás dessa história em que Carolina e seus cadernos descobrem Audálio Dantas?

Quando eu não tinha nada o que comer, em vez de xingar eu escrevia. Tem pessoas que, quando estão nervosas, xingam ou pensam na morte como solução. Eu escrevia o meu diário.

Carolina Maria de Jesus

Os atritos entre Carolina Maria de Jesus e o jornalista Audálio Dantas, morto em 2018, emergiram com maior força após a reedição de *Casa de Alvenaria*, pela editora Companhia das Letras e pela exposição no Instituto Moreira Salles, pois houve a descoberta de documentos nos arquivos do jornalista.

Juliana Dantas³⁰, jornalista e filha de Audálio Dantas, publicou que não mais cederá acesso ao acervo de seu pai, pois não se sentiu contemplada pela editora Companhia das Letras e nem pelo Instituto Moreira Salles, haja vista que entendeu que seu pai foi transformado em vilão por ambos. “Não vou brigar por um direito que não for meu, como publicar algo que não puder, afinal alguns escritos são de Carolina, embora os cadernos sejam do meu pai”.

Os arquivos de Audálio Dantas reúnem cartas, fotografias, balanços financeiros, contratos, relatos, textos de jornais, procurações e até escritos inéditos de Carolina. Arquivos guardados durante décadas que pertenciam à Carolina e não foram entregues à herdeira de seu acervo, Vera Eunice, sua filha.

Audálio Dantas trabalhava no Jornal Folha da noite e, em 1958, realizou uma reportagem sobre o cotidiano da favela do Canindé, no Centro de São Paulo, conheceu Carolina e ficou impressionado com os escritos que ela tinha em cadernos, relatando sua vida e o cotidiano na favela.

Alguns desses textos foram publicados no jornal, sob o título “O drama da favela escrito por uma favelada”, tornando Carolina conhecida em todo o país. Carolina mostrou

³⁰ Juliana Dantas é jornalista e filha de Audálio Dantas. Entrevista concedida ao Jornal O Globo, para o repórter Fábio Previdelli, publicado em 20/11/2021.

ao jornalista dezenas de cadernos escritos com romances, poemas e histórias curtas, mas Audálio se interessou pelos diários que tratavam do cotidiano da favela.

Carolina permitiu que Dantas levasse vários cadernos que foram publicados alguns trechos no *Diário da Noite*, jornal onde Audálio trabalhava. Trechos dos diários foram publicados semanalmente no jornal, criando um interesse da sociedade por descobrir o interior da favela, sob o olhar de uma favelada.

O sucesso foi tão grande que a Livraria Francisco Alves, uma das maiores editoras do país, publicou *Quarto de Despejo*, sendo um sucesso de vendas. A tiragem de 10 mil exemplares esgotou em uma semana, ficando meses no topo de mais vendidos a frente de *Gabriela, Cravo e Canela*, romance lançado nesse mesmo período por Jorge Amado, que já era conhecido do público.

Audálio Dantas assinou o prefácio do livro sempre afirmando que preservou os escritos de Carolina, mas jornalistas e o Conselho Editorial, identificaram mudanças significativas, pois Audálio desprezou partes relevantes dos escritos de Carolina, onde ela escrevia sobre a política e dava um parecer sobre a sua visão de mundo. Audálio, ao fazer esse recorte nos escritos de Carolina, a reduziu a uma mulher negra que só falava da fome e da favela.

Os arquivos inéditos de Carolina, incluindo vários cadernos que estavam de posse da jornalista Juliana Dantas foram entregues ao biógrafo Tom Farias, autor de uma das biografias sobre Carolina. Houve um descontentamento por parte de Vera Eunice, filha de Carolina por entender que os arquivos deveriam ser entregues a ela por ser um material escrito por sua mãe.

Uma carta de repúdio foi assinada pelo Grupo de Pesquisas Decoloniais Carolina Maria de Jesus; pelo Grupo de Pesquisa Literatura, Alteridade e Decolonialidade (GPLADe); pelo Laboratório de Tradução da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA); e pelo Grupo de Pesquisa Marginália Decolonial, onde repudiam a decisão de Juliana Dantas de reter o acervo que pertence a herdeira de Carolina.

Na carta o grupo alega que engavetar os escritos de Carolina Maria de Jesus é “epistemicídio” e “só reforça a ideia colonial de que uma mulher só pode existir a partir de seu senhor, nesse caso, seu 'descobridor'”.

Carolina Maria de Jesus escreveu para ser lida por um público mais amplo e não para ficar guardada dentro de gavetas a bel prazer do interesse pessoal,

alheio aos seus familiares. Carolina de Jesus cedeu de boa-fé esses textos para o jornalista Audálio Dantas à época para que ele a ajudasse a publicá-los, mas em momento algum deu esses cadernos para ele. Por essa razão, exigimos o imediato retorno de tudo o que for de Carolina Maria de Jesus, que esteja em sua posse para as mãos da filha Vera Eunice Lima de Jesus”. (Arquivo online, 20/11/2021)

Juliana Dantas publicou uma nota celebrando o fato de que a “coletividade tenha acordado para a importância de Carolina”. Segundo diz a filha de Audálio, sua única intenção é honrar a memória e legado de seu pai, “uma pessoa que teve quase 70 anos de carreira e, agora que morreu, está sendo atacado sem a chance de se defender”.

Em várias passagens escritas por Carolina há a comprovação de sua insatisfação, pois sentia-se cerceada em seu direito de escrever. “Audálio diz que eu devo escrever Diário, sêja feita a vontade do Audálio”, dizia Carolina, irritada, mas atendendo ao que o jornalista lhe impunha.

O prefácio escrito por Audálio Dantas em *Quarto de Despejo* incomoda, pois apesar de dizer que ninguém melhor do que uma pessoa que vive na favela poderia dizer sobre tudo o que acontece no seu interior, e que encontrou esses relatos escritos nos diários, também demonstra uma visão estereotipada, pois escreve que vê em Carolina um “Bicho estranho” que desperta curiosidade por seu “inusitado estrelato”.

Contraditório, Audálio não reconheceu em Carolina sua dedicação à literatura, que estava acima de sua condição de classe e dos preconceitos raciais. Para Audálio, os escritos de Carolina deveriam servir apenas como denúncia do que acontecia no interior da favela. Não conseguia enxergar Carolina como uma escritora que estava lutando para ser reconhecida em suas formas plurais de se expressar na escrita.

Vera Eunice enxergava a relação de Carolina e Audálio como uma relação de amor e ódio. “Audálio me disse que queria impor condições a minha mãe, e a minha mãe falava: ‘Eu já não me casei para ninguém me impor condições’.”

As críticas à Audálio Dantas foram muitas, pois havia a suspeita de que o jornalista era o autor dos diários. Os críticos entendiam ser impossível que uma pessoa que frequentou até o segundo ano incompleto produzisse textos tão elaborados.

Com a divulgação dos cadernos originais escritos por Carolina comprovou-se a autoria dos seus escritos e o quanto Audálio limitou Carolina aos escritos do diário. Com o sucesso de *Quarto de Despejo* e a confirmação da autoria do livro, Carolina viajou para vários países para divulgar o livro e participar de eventos sociais.

O sucesso foi tanto que Dantas incentivou Carolina a escrever um novo diário a partir da sua saída da favela. Carolina e Dantas tinham grande expectativa sobre o sucesso do segundo diário, mas o sucesso não se repetiu.

Audálio Dantas não cobrou pela edição dos livros para a Editora Francisco Alves, como a própria Carolina escreveu em seus diários: “Não aceita o meu dinheiro. Eu quiz dar-lhe os meus livros para ele edita-los a meia ele não quiz.” Carolina confiava em Audálio deixando com ele seus talões de cheques, para que Dantas preenchesse quando ela precisasse.

Algumas passagens dos diários que vieram a público sugerem que o jornalista recebia participação nas vendas dos livros no exterior e que essa foi a causa dos desentendimentos entre ele e Carolina.

Depois da explosão de vendas de *Quarto de Despejo* a crítica literária do Brasil não reconheceu Carolina Maria de Jesus como uma escritora, pois uma mulher negra, oriunda da favela não teria a chance de romper os muros da academia.

Em um de seus cadernos, Carolina deixa uma triste reflexão sobre a decepção que teve após a escrita de *Quarto de Despejo* e a sua mudança para a tão sonhada casa de alvenaria.

Eu escrevi o Quarto de Despejo, quando era favelada. Depois que escrevi o livro fiquei muito mais pobre do que quando era favelada porque perdi a alegria e a ilusão. (JESUS apud Barcellos, 2015, p. 135)

Carolina expressa toda a sua tristeza e decepção com o que vivenciou após sair da favela do Canindé. A expressão favelada representa uma forma de estar no mundo em diversos sentidos, pois era favelada em relação a sua condição social, fome e pobreza, mas também em relação ao mundo visto através do quarto de despejo que era a favela.

Longe da favela, Carolina reflete que, apesar de ter buscado tanto sair daquele espaço para buscar a tão sonhada felicidade, não era feliz, pois não se via pobre apenas em relação aos bens materiais, mas em relação a alegria e a ilusão. Percebeu que apesar de tudo, não seria aceita por aqueles que moravam na sala de visitas.

2.4 O Prêmio Carolina Maria de Jesus – Carolina seria premiada?

*A vida oferece a matéria para a minha escrita.
Quando me retiro para escrever, saiba que já colhi
tudo lá fora e guardei aqui dentro, no coração.*
Conceição Evaristo

O Ministério da Cultura lançou em 05/04/2023 iniciativa inédita para a produção literária do país, o Prêmio Carolina Maria de Jesus de Literatura. O lançamento aconteceu em cerimônia no Palácio do Planalto com a presença de diversas autoridades, cidadãos e a filha de Carolina, a educadora Vera Eunice de Jesus.

A iniciativa proporcionou dois milhões em recursos públicos para reconhecer trabalhos inéditos escritos por mulheres, o que tornou o edital o maior desse tipo na história do país. Das sessenta obras selecionadas, 20% foram para as mulheres negras; 10% para mulheres indígenas; 10% para mulheres com deficiência; 5% para mulheres quilombolas e 5% para mulheres ciganas. A comissão julgadora foi composta totalmente por mulheres.

Há uma grande polêmica envolvendo a primeira edição do Prêmio Carolina Maria de Jesus em relação à transparência do edital e dos critérios estabelecidos para a premiação. Há a crítica de que o edital, promovido pelo MinC – Ministério da Cultura, apresentou graves falhas e há uma petição pública, realizada pelo coletivo, *Nós Carolinas do Brasil*, requerendo a revogação do concurso.

A denúncia baseia-se no uso de metodologias de avaliação excludentes, que promovem o racismo estrutural e linguístico, aspectos tão combatidos por Carolina. O critério de maior peso, em caso de empate, era o domínio técnico e inventividade no uso dos recursos linguísticos, desconsiderando a imensa pluralidade linguística utilizados pela população do Brasil, contrariando o legado deixado por Carolina Maria de Jesus.

Após a publicação do resultado, houve uma surpresa, pois, as escritoras vencedoras publicaram em suas redes sociais a comemoração por terem sido contempladas e suas editoras também fizeram postagens destacando nomes conhecidos, chancelados pelo sistema literário, já com vastas publicações por essas editoras.

A partir dessas publicações, muitas escritoras negras, classificadas ou não, e não premiadas, passaram a questionar se os critérios utilizados para a premiação foram justos.

A medida força uma adaptação que tenta restringir nossa rica diversidade a um único modelo de escrita considerado como “correto”, modelo decorrente da norma linguística imposta pelos colonizadores desta nação. Sendo assim, a postura adotada torna o edital, uma vez aparentemente “inclusivo”, metodologicamente fundamentado na exclusão. Uma prova concreta é que nenhuma escritora quilombola ou indígena atingiu a nota máxima neste edital. (Nós, Carolinas do Brasil, 2023)³¹

Na etapa de recursos, a participante que se sentisse injustiçada teria o prazo de três dias para impetrar o recurso, mas o documento deveria ser redigido pelas autoras sem o conhecimento das notas obtidas em cada critério. O detalhamento das médias obtidas só foi disponibilizado após a divulgação das vencedoras.

O edital previa somente a premiação de sessenta obras e foram contempladas sessenta e uma obras, pois a participante excedente teve nota máxima desde a primeira avaliação e mesmo assim entrou com recurso mudando a categoria em que se encontrava, de “negra” para a categoria “não se aplica”. A ocorrência demonstrou que havia uma chance maior quando se optava por “deixar de ser” pois, sendo uma mulher “não se aplica” houve o poder de criar vaga.

A petição ainda requeria a investigação sobre como o sistema de cotas foi aplicado nesta premiação, argumentando que as ações afirmativas são cruciais para a equidade de oportunidades em um país desigual como o Brasil, visando garantir a inclusão de grupos menos privilegiados.

Há a suspeita de que a metodologia escolhida neste edital fere gravemente o preceito da equidade ao restringir a participação de cotistas (negras, quilombolas, indígenas, ciganas) somente às vagas do quadro de cotas. Essas mesmas escritoras foram impedidas de participarem em ampla concorrência, na categoria denominada “não se aplica”.

A mensagem propagada, nas entrelinhas do discurso, é de que essas mulheres só têm capacidade de concorrerem apenas entre si, mesmo as que obtiveram nota máxima na avaliação. Tal critério resultou na destinação de mais da metade do prêmio, 60,66% (37 vagas) para escritoras que no ato da inscrição não se identificaram como negras, quilombolas, ciganas, indígenas ou deficientes físicas.

³¹ Em 19/12/2023 o coletivo Nós Carolinas do Brasil publicou nas redes sociais uma petição pública com a assinatura de mais de 400 mulheres.

Importante salientar que esse percentual final foi obtido pelo remanejamento de vagas cotistas não preenchidas por insuficiência de inscrições para a categoria “não se aplica”.

Houve um erro primário ao misturar as concorrentes de trajetórias diversas e volume de produção com uma escritora estreante, haja vista que uma escritora com dezenas de livros publicados não deveria concorrer com uma escritora estreante na mesma categoria, pois a estreante não teve seu texto melhorado por processos editoriais.

A organização do concurso deveria ter partido do pressuposto de que um original de uma escritora iniciante não deveria concorrer com o original de uma escritora que já possui uma trajetória consolidada no mercado editorial.

Após essa enorme repercussão nas mídias, o Ministério da Cultura recuou e divulgou que iria premiar mais doze escritoras que se intitularam negra.

Para nós, a decisão do MinC é a admissão dos erros cometidos nesse prêmio e que estão sendo “corrigidos” apenas através de uma concessão de vagas. É preciso dizer que tal concessão não nos contempla, pois nossa ação não se trata apenas disso. Queremos urgentemente romper com a desigualdade racial mantida pela – e para – inferioridade epistemológica com que as instituições brasileiras tratam os conhecimentos oriundos da população negra e indígena. Enfatizamos, então, a continuidade do nosso posicionamento pela revogação, revisão e relançamento deste edital, reconhecendo-o como peça fundamental a ser movida nessa imensa estrutura para avançarmos juntas/os/es rumo ao reconhecimento da diversidade intelectual brasileira – tão necessário para efetivação da democracia. (Nós, Carolinas do Brasil, 2023)

É inevitável não levantar a hipótese de que nem mesmo Carolina Maria de Jesus, símbolo maior desse prêmio, seria selecionada em seu próprio concurso, pois o critério utilizado para a seleção foi o critério colonial, que só reconhece talentos a partir do padrão colonial.

Um concurso que deveria ter o intuito de celebrar a escrita de mulheres negras e abrir espaço para que esses talentos fossem reconhecidos e tivessem uma maior publicidade serviu para que houvesse um maior destaque para entendermos que a colonialidade tem várias facetas e uma delas é tentar impedir que novos talentos sejam valorizados.

Mesmo num concurso onde o enfoque seria celebrar a escrita de mulheres negras que, como Carolina Maria de Jesus, não tiveram oportunidade de publicarem seus escritos, sofrem com o ardil de serem preteridas.

Não estou defendendo que corpos brancos não pudessem participar desse concurso, mas da forma em que foi definido os critérios, há uma nítida percepção de que os organizadores mais uma vez, privilegiaram o quantitativo de corpos brancos a serem contemplados.

Não concorrer concomitantemente às vagas de livre concorrência é classificar a escrita de corpos negros num lugar limitado por sua cor. Uma limitação tantas vezes questionada por Carolina Maria de Jesus que lutou para ser mais do que uma andarilha que escrevia diários.

No século XXI ainda nos deparamos com esse tipo de critérios que ignora a potencialidade, criatividade e saber de corpos negros por simplesmente acharem que são menos interessantes para o mercado editorial. Isso num concurso que diz querer celebrar o arquétipo de uma mulher negra, que não desistiu de acreditar no sonho de se curar através da escrita.

2.5 Racismo editorial e literário: até quando?

Alimentei, eduquei e amei meus três filhos.

Catei papel, revirei lixo.

Do papel também tirei meu alimento: a escrita.

Carolina Maria de Jesus

Em 2021 era publicada a reedição da obra de Carolina Maria de Jesus, *Casa de Alvenaria*, em dois volumes, pela editora Companhia das Letras e na capa do livro encontramos a primeira mudança, pois na primeira edição o título era *Casa de alvenaria: o diário de uma ex-favelada* e na edição lançada em 2021 o título dos dois volumes é *Casa de alvenaria*, a partir dos originais que sua filha, Vera Eunice, recuperou em Sacramento.

A exclusão do subtítulo do livro já indica a mudança de perspectiva que o Conselho Editorial propôs para essa publicação. Nesta nova edição, abrangida pelo período entre 1960 e 1963 com a assinatura do contrato da venda de seu livro *Quarto de Despejo*, a autora consegue se mudar da favela de Canindé e comprar a tão sonhada casa de alvenaria.

Carolina tinha o sonho de alçar novos voos escrevendo romances, letras de músicas, peças de teatro, mas atendeu a um pedido de Audálio Dantas para continuar a escrita de um diário, abordando a mudança de vida da autora, que passa por um

deslumbramento inicial com a casa de alvenaria ao sentimento de decepção com o que encontrou como a exclusão e o preconceito.

Quantos corpos negros em ascensão não já passaram por esse sentimento externalizado por Carolina? Quantos homens e mulheres negras romperam a barreira da pobreza e ascenderam quando frequentam um restaurante ou demais lugares mais elitizados são as únicas presenças negras nesses espaços?

Carolina foi uma das precursoras nessa luta antirracista, pois na década de 60 era ainda mais difícil lutar contra essas práticas racistas. Atualmente vemos no horário nobre corpos negros como protagonistas e temos que festejar e reverenciar a luta do Movimento Negro por ocupar esses espaços.

Há muito pelo que lutar, pois esses corpos negros em lugares de destaque nas mídias são corpos escolhidos pelo crivo da “boa aparência”, ou seja, corpos que, apesar da melanina, possuem traços finos, visualizados e aceitos nos corpos brancos. Essa representatividade é fruto de conquistas, de lutas por ocuparmos todos os lugares que quisermos estar, mas essa luta ainda é muito maior e precisamos naturalizar esses corpos negros em todos os lugares.

A escritora Conceição Evaristo e Vera Eunice de Jesus, ambas coordenadoras do Conselho Editorial, na introdução do livro, afirmam que “nossa proposta foi deixar fluir a literatura, a escrita de Carolina, sem as interferências que aconteceram nas publicações passadas e mesmo em algumas mais recentes”.

Conceição Evaristo e Vera Eunice se referem à edição comemorativa dos 60 anos de Quarto de Despejo, publicada pela editora Ática, em 2020, expressamente revisada tanto na pontuação quanto na ortografia.

O Conselho Editorial é formado por Conceição Evaristo³², Vera Eunice de Jesus³³, Amanda Crispim³⁴, Fernanda Miranda³⁵, Fernanda Felisberto³⁶ e Raffaella Fernandez³⁷.

³² Maria da Conceição Evaristo de Brito Doutora em Letras (Literatura Comparada) - UFF - Universidade Federal Fluminense (2011). Mestre em Letras - PUC - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1996). Graduada em Letras - Universidade Federal do Rio de Janeiro (1990). Atua nas áreas de Literatura e Educação, com ênfase, em gênero e etnia. Assessora e consultora em assuntos afro-brasileiros para pesquisadores brasileiros e estrangeiros. Poetisa, romancista e ensaísta. Parte de sua produção poética aparece em *Cadernos Negros*, publicação do Grupo Quilombhoje, de São Paulo. Autora dos romances "Ponciá Vicêncio" e "Becos da memória"; Antologia poética "Poemas da recordação e outros movimentos" e Antologia de Contos "Insubmissas lágrimas de mulheres". O romance "Ponciá Vicêncio" tem sido indicado como obra de leitura em vestibulares de universidades brasileiras. Em 2007, foi traduzido para a língua inglesa e está em processo de tradução para a língua francesa. Fonte: Escavador.

³³ Vera Eunice de Jesus é professora e coordenadora do Conselho Editorial Carolina Maria de Jesus. Nasceu em 15 de julho de 1953, em São Paulo.

³⁴ Amanda Crispim é doutora em Letras pela UEL (2020), onde desenvolveu sua pesquisa sobre os poemas da escritora Carolina Maria de Jesus. É mestre em Estudos Literários pela UFMG (2013), onde desenvolveu pesquisa em torno do conceito de escrevivência e memória afro-brasileira, a partir da produção das escritoras Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo e Geni Guimarães. Graduada em Letras Vernáculas e Clássicas pela Universidade Estadual de Londrina (2010) e possui a Habilitação Opcional em Língua e Cultura Francesas (2010) pela mesma instituição. Possui especialização em Libras e Educação para Surdos (2022) e realizou estágio pós-doutoral em Letras pela UEL (2022). Desenvolve pesquisas em torno de Literatura de autoria negra brasileira, Literatura de autoria de mulheres negras brasileira, Educação antirracista e relações etnicorraciais, Educação para diversidade e inclusiva. Atualmente, é professora do Ensino Superior, integrando o colegiado de Letras-português da UTFPR Campus Curitiba. Além disso, compõe o Conselho Editorial responsável pela publicação da obra completa de Carolina Maria de Jesus, na editora Companhia das Letras. Fonte: Escavador.

³⁵ Fernanda Rodrigues Miranda - Doutora em Letras - área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, pela Universidade de São Paulo (2019). Possui Bacharelado (2009) e mestrado (2013) em Letras também pela USP. É autora do livro "Silêncios por Escritos: estudo de romances de autoras negras brasileiras (1859-2006)". Sua tese foi premiada com o Prêmio Capes de Teses 2020 na área de Letras e Linguística. Compõe o Conselho Editorial responsável pela publicação da obra completa de Carolina Maria de Jesus. É professora adjunta de Teoria da literatura na Universidade Federal da Bahia - UFBA. Fonte: Escavador.

³⁶ Fernanda Felisberto da Silva Professora do Departamento de Letras da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Doutora pelo Programa de Literatura Comparada da UERJ, área de pesquisa Literatura afro-americana e negro-brasileira. Mestre em Estudos Africanos, com ênfase na literatura nigeriana contemporânea pelo El Colégio de Mexico. Possui Bacharelado em Letras - Português-francês, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. É professora do Curso de Aperfeiçoamento em História e Cultura Afrodescendente da PUC-RJ. Pesquisadora das narrativas de mulheres negras, presente nas literaturas Africanas, Negro-brasileira, Afro-americana e Afro-latina. Líder do Grupo de Pesquisa (CNPq/UFRRJ) ÍTÀN - Mapeamento das narrativas negro-diaspóricas, Integrante do LEAFRO - (NEAB) da UFRRJ e integrante do Grupo de Pesquisa (CNPq/UFRRJ) GEDIR - Gênero, Discurso e Imagem. Pesquisadora sobre a presença da autoria negra no mercado editorial brasileiro. Longa experiência na formação continuada professores nas questões étnico raciais, com ênfase na literatura Negro-brasileira, e os conteúdos da Lei 10.639/2003. Organizadora da antologia literária *Terras de Palavras* (2004). Possui publicações na área das literatura Negro-brasileira, Negro-diaspóricas e das relações raciais e educação. Tutora do Pet-Conexões Baixada - IM UFRRJ. Coordenadora do Ciclo de Seminários Mulheres Nas Artes: Conceição Evaristo, promovido pela Escola do Olhar do MAR - Museu de Arte do Rio. Integrante do Conselho Editorial de publicações dos manuscritos de Carolina Maria de Jesus.

³⁷ Raffaella Andréa Fernandez - É bacharela e licenciada em Ciências Sociais (CNPq / 2004) pela UNESP de Marília, quando iniciou seus estudos sobre Carolina Maria de Jesus e Esmeralda do Carmo Ortiz,

A editora, juntamente com o Conselho Editorial, decidiu manter as idiossincrasias do texto original que divergem da norma culta do português. Esse foi o gatilho para uma grande discussão envolvendo revisores, escritores e críticos das diversas matizes.

Há duas grandes discussões que são apresentadas: essa grafia utilizada por Carolina seria parte de sua voz literária? E caso estivesse viva, Carolina optaria por uma revisão literária e ortográfica de seus escritos ou não?

Na introdução do primeiro volume de *Casa de Alvenaria* há uma nota sobre esta edição, como uma forma de dar uma resposta ao público leitor de Carolina. A nota inicia com a informação de que a autora foi alfabetizada em apenas dois anos, aprimorando seus escritos através da paixão pela leitura, nos intervalos obtidos com o seu trabalho de catadora.

Ressalta que há o cuidado de conservar a diversidade de registros presentes nos manuscritos considerando-os como “marcas autorais imprescindíveis para a adequada recepção de sua obra”. Destaca que o critério da intervenção editorial foi manter todas as grafias que destoavam dos dicionários do início da década de 1960, quando o livro foi escrito, ressaltando algumas exceções, tais como: “êlê”, “aquêlê” e “êstê” e formas diferenciais dos verbos e substantivos (“fôsse”, “retôrno”, “almôço”) sofreram atualizações.

O critério se aplica à pontuação, com vírgulas, pontos e outros sinais, indicados exatamente de acordo com os manuscritos e às construções verbais e nominais de

desenvolvendo a monografia intitulada "Em todo e nenhum lugar: vozes da marginalidade". Em seguida realizou mestrado em Literatura e Vida Social (Capes/ 2006) pela UNESP de Assis com defesa da dissertação intitulada "Carolina Maria de Jesus, uma poética de resíduos". Em 2010 recebeu o título de Licenciatura em Letras- Português/francês da UNESP de Assis. Desenvolveu pesquisa de doutorado em Teoria e História da Literária (2015) no IEL-UNICAMP, com estágio de doutorado no Institute de Textes et Manuscrits Modernes (ITEM/ CNRS) na École Normale Supérieure de Paris (Capes-PDSE/2013) sobre os aspectos literários, dispersos nos manuscritos inéditos de Carolina Maria de Jesus. É pós-doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura da UFRJ (PNPD/Capes) e pelo Programa Avançado de Cultura Contemporânea (PACC-UFRJ), ambos sob supervisão de Heloísa Buarque de Hollanda. Atualmente desenvolve pesquisa junto ao IEB-USP (FAPESP) sob supervisão de Marcos Antonio de Moraes. É investigadora integrada ao CLEPUL (Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras) da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Coordena o Grupo de pesquisa Decoloniais Carolina Maria de Jesus (CNPq) e o Projeto de Extensão Rasanbleman e da UNILA. É membro do conselho editorial da Companhia das Letras na organização e estabelecimento da publicação da obra completa de Carolina Maria de Jesus. Atua principalmente nos seguintes temas: literatura negro-periférica, slam latino-americano, português como língua adicional (PLA) e acolhimento (PLAC), letramento afroliterário, autoficção, estudos decoloniais, sul global, crítica genética e crítica textual.

concordância dissonante, entendidas como ferramentas de construção literária. O Conselho Editorial ressalta que há escritos inéditos da autora.

Vera Eunice de Jesus lamentou, em entrevistas e eventos, sobre o estado de conservação e divulgação da obra de Carolina, pois parte dos originais encontram-se em Sacramento, cidade natal da autora e foram doados, pois havia a promessa da construção de um museu.

Carolina não queria mais escrever diários, mas atendeu a um pedido de Audálio Dantas e contou com a expectativa do público que, como havia se extasiado com a fome registrada em *Quarto de Despejo*, a escrita de um diário sobre o momento que estava vivendo alavancasse as vendas de seu livro.

Não estou tranquila com a ideia de que dêvo escrever o meu Diário da vida atual. Escrever contra a burguesia, eles são poderosos, pode destruir-me.

Quando escrevi contra os favelados fui apedrejada. Escrevendo contra a burguesia podem enviar-me um tiro.

Mas o Audálio diz que eu devo escrever Diário, sêja feita a vontade do Audálio. (Casa de Alvenaria, 2021, p. 144)

Carolina se sentiu usada, pois não tinha mais sossego para escrever o que amava. Era solicitada por políticos, eventos culturais e muitos pedidos de ajuda. O escrito da autora em *Quarto de Despejo* foi entendido pelos críticos como um texto mal escrito, dissonante da linguagem permitida.

Segundo o Conselho Editorial, uma leitura cuidadosa sobre os seus escritos mostra um sujeito de criação consciente de que escrever é um exercício de linguagem, pois a língua é um espaço de disputa e o colonizador nos faz embranquecer através do molde dessa língua, exterminando com a nossa identidade.

O Conselho Editorial optou por não fazer a revisão ortográfica nos dois volumes de *Casa de Alvenaria*, gerando uma grande polêmica. De um lado o Conselho Editorial, formado por mulheres negras, em sua maioria, defendendo a manutenção das idiossincrasias e do outro lado, pesquisadores, escritores, críticos literários questionando essa posição.

Nossa proposta foi deixar a literatura, a escrita de Carolina poder ser, sem as tantas interferências que aconteceram nas publicações passadas e mesmo em algumas mais recentes. Pensamos numa reedição que permitisse ao público leitor acompanhar o processo criativo da escritora e entender como se deu, para ela, a apropriação e o uso da linguagem literária. A publicação de *Casa de Alvenaria* na íntegra, sem outra intromissão a não ser a do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa – sem o qual o livro teria circulação restrita –, foi uma

defesa ferrenha do Conselho Editorial, argumentação a que a editora ouviu e aceitou (JESUS, 2021, p. 14).³⁸

Conceição Evaristo, numa entrevista ao Estadão, destaca que Carolina representa uma possibilidade de ampliação de uma criação literária brasileira. Um espaço para novas formas, inclusive de compreensão do que seria literatura, quebra de hegemonia literária liderada por autores brancos – homens e mulheres.

Para Conceição, a escrita Caroliniana institui novas formas de escrita, chamando de gramática do cotidiano. “Ela brinca com a Língua Portuguesa a partir de outra experiência linguística e navega pela língua culta. Sabe que está produzindo literatura e trabalhando com a arte da palavra” (EVARISTO³⁹, 2021).

Para a autora, a obra de Carolina é muito atual enquanto uma obra que traz, de uma maneira explícita, a partir da vivência, a realidade de grande parte da população brasileira, revelando as dificuldades e carências em termos materiais que ainda hoje atinge a população e revela outras carências da sociedade. “A carência de Carolina, o desejo dela pela leitura, é um desejo e um direito do povo” (EVARISTO, 2021).

Carolina Maria de Jesus é parte do cânone literário. Com a publicação de *Casa de Alvenaria* em dois volumes, pela Companhia das Letras e a exposição, *Carolina Maria de Jesus: um Brasil para os Brasileiros*, no Instituto Moreira Salles, em São Paulo, houve o ressurgimento de uma grande polêmica quanto à discussão sobre um aspecto de sua obra, a ortografia, pois quando a ortografia não é atualizada, ela mantém um suposto “exotismo”.

Contudo, nos textos de Carolina, a questão é bem complexa, pois o “Pretuguês”, que é a influência das línguas africanas na língua portuguesa, estaria presente na fala e nos textos da escritora. Na primeira edição de *Quarto de Despejo* a ortografia foi parcialmente atualizada. Nos dois volumes de *Casa de Alvenaria* o Conselho Editorial optou por não fazer. Carolina leva para as páginas de seus livros as marcas de uma linguagem oral.

³⁸ Nota sobre a 2.^a edição do livro *Casa de Alvenaria*, intitulado de *Outras letras: tramas e sentidos da escrita de Carolina Maria de Jesus*, escritos por Conceição Evaristo e Vera Eunice de Jesus.

³⁹ Entrevista de Conceição Evaristo concedida ao *Jornal do Estado de São Paulo*, em 05/08/2021.

Outra polêmica levantada pelos críticos e leitores é a questão que os paratextos, que foram escritos pelas integrantes do Conselho Editorial, foram revisados e não adotaram o Pretuguês. Seria interessante para a crítica e para os leitores terem acesso à informação do motivo pelo qual os textos das organizadoras terem sido revisados ao passo que o texto da autora não.

Percebemos uma lacuna na apresentação da organização do livro sobre esse tema, pois o livro não é para uma parcela de leitores e o quanto é importante discutir com a crítica sobre essa grande escritora. Carolina é muito maior do que essa polêmica e o respeito aos seus escritos devem ser valorizados.

Dalcastagné, professora do departamento de Teoria Literária da Universidade de Brasília – UNB, levantou uma discussão sobre a atualização da ortografia de Carolina, mas foi muito criticada sob o argumento de que não tinha o “lugar de fala”.

Há ainda a alegação que a discussão sobre a ortografia de Carolina é porque ela seria uma escritora excluída. Há a comparação de Carolina e Guimarães Rosa, pois ambos têm uma escrita e linguagem bastante particular.

Uma comparação validada por uma elite branca para deslegitimar toda a produção literária de uma escritora negra que fugiu completamente aos estereótipos desse perfil literário que reconhece o homem, branco, hétero e tudo que se distancia desse perfil é deslegitimado por um racismo literário e editorial.

João Guimarães Rosa foi um poeta, diplomata, romancista, contista e médico brasileiro. Autor do romance *Grande sertão: veredas*, publicado em 1946. Era conhecido como um escritor que “reinventou” a língua portuguesa, pois construiu novos vocábulos, recuperando uma suposta linguagem poética.

Diante de todas essas qualificações e ainda estando dentro do perfil para ser considerado um dos maiores romancistas do Brasil é injusta a comparação sobre o estilo de escrita entre o autor e Carolina Maria de Jesus.

Talvez a comparação pudesse se dar em relação a grandeza poética e de criação de ambos, pois Carolina, mesmo frequentando até o segundo ano incompleto, escrevia diários, romances, letras de músicas, peças teatrais e outros.

Para um homem branco que foge ao padrão culto da língua são “reinvenções”, mas para uma mulher negra é considerado “erros ortográficos”, demonstrando que a escrita, no Brasil, tem classe, raça e gênero.

Acredito que seus livros deveriam ser lidos e relidos; aliás, se já tivéssemos feito isso, certamente nossa compreensão da situação brasileira atual seria outra. Em 1955, em *Quarto de Despejo*, Carolina alertava: “A democracia está perdendo os seus adeptos. No nosso paiz tudo está enfraquecendo. O dinheiro é fraco. A democracia é fraca e os políticos fraquíssimos. E tudo que está fraco morre um dia”. Carolina tinha uma lucidez e uma postura crítica raras. No que diz respeito ao tema, diria que a sua obra talvez pudesse ser comparada a *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos. (GELEDÉS, 31/08/2021)

A crítica da Dalcastagné é como a branquitude vê a língua. Há décadas há uma visão de democratização da norma culta, substituindo o que se chamava “erro” por “adequação”. A autora ignora que sua visão de língua editorial é a assimilação dos valores linguísticos brancos ocidentais, usados para justificar a exclusão de autores negros dos processos editoriais.

Para Dalcastagné, fora da norma padrão, a obra será ignorada pelos leitores e não será lida. Neste sentido, exclui Carolina, colocando-a às margens apenas por sua forma de escrever, justificando a posição de subalternidade dos escritores negros, pois não fazem parte da cultura da escrita e do português padrão.

Carolina tem o que dizer, tem um mundo a nos apresentar e uma forma própria de narrativa. Há muito o que se discutir sobre os escritos de Carolina, não podendo determinar uma forma única de entender a sua obra.

Carolina representa uma possibilidade de ampliação de uma criação literária brasileira, quebrando uma “hegemonia literária” liderada por autores brancos. Sua escrita mistura outras formas de expressão.

A obra de Carolina é muito atual, pois expõe as dificuldades e carências materiais, revelando as outras carências da sociedade. A carência da escritora, o seu desejo pela leitura e escrita é um desejo e um direito de todos.

As pessoas negras não são publicadas, ou não são vistas, ou não são lidas, ou são execradas, não é por causa do seu português não editorial. É porque, quanta surpresa, são negras, e pertencem, como referência no mundo, a uma ideia de passado, a serem superadas na história, a serem substituídas para sempre. Nada adiantará norma sem corpo, ou Pretuguês sem preto, ou amefricanidade sem teoria preta produzida por pessoas pretas. (GELEDÉS, 31/08/2021)

Diferente de Carolina, que não frequentou os bancos da universidade, não conseguiram excluir Conceição Evaristo por inadequação, reproduzindo e substituindo a

frase “a gente combinamos de não morrer” por “Nós combinamos de não morrer”. Fátima Lima ⁴⁰ afirma que “ao fabular criticamente o impossível, fomos fazendo possíveis.” Um possível que têm muitos atravessamentos, costurados pela teimosia, dor, gozos, sonhos e muitos outros sentimentos de ajuda mútua e liberdade.

As normas estão em disputa pelos povos e usos. Precisamos chamar essa prática de Pretuguês, pois uma pessoa “sem norma” fala e produz conhecimento, apesar da falta dessa suposta norma culta, numa visão classista e racista pois parte do pressuposto que os indivíduos estão submetidos à norma culta e não elas também devendo adequar-se aos sujeitos.

Não houve manifestação contra a edição desonesta de Carolina, realizada pelos editores brancos na edição comemorativa de *Quarto de Despejo*, trazendo Carolina como uma escritora exótica e que dependia da piedade da crítica literária brasileira, que é normativista e racista.

Carolina deixa de ser reconhecida como a grande escritora que foi para permanecer, sempre, como a figura exótica: “a favelada que escrevia”. Os escritores oriundos da elite sempre têm seus textos revisados por profissionais antes da publicação. Por que a obra de Carolina não merece esse cuidado? Por que o erro de ortografia do jornalista ou diplomata é considerado apenas isto, um erro, que pode e deve ser corrigido, enquanto o erro de Carolina é considerado o elemento central de sua obra? (REBINSKI, 05/09/2021⁴¹)

Comparação que nos aprisiona até os dias atuais, pois o engessamento que a academia nos impõe exclui milhares de corpos de estarem frequentando esses espaços. Muitos são excluídos por não adequarem seus projetos e textos dentro da norma culta, sendo escolhidos para ocuparem essas cadeiras aqueles que possuem o domínio da norma culta.

Quando esses corpos conseguem avançar nessa academia, precisam adequar-se a essa estrutura elitizada para não serem jubilados. Há ainda uma enorme evasão daqueles que não conseguem se adequar a esse perfil de universitários e o apoio desses corpos junto aos coletivos antirracistas e de luta são um diferencial de acolhimento e ajuda mútua nesses espaços. Formam-se verdadeiros quilombos que acolhem esses corpos e lutam por

⁴⁰ Fátima Lima é antropóloga e professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em leitura da carta “Escrivência e a fabulação crítica do (im)possível”, direcionada a Conceição Evaristo em 2022.

⁴¹ Luiz Rebinski é jornalista e escritor. Autor do romance Um pouco mais ao sul. Artigo publicado no Jornal Rascunho, em 05/09/2021.

uma prática que respeitem formas outras de escrita e de inclusão de suas histórias de vida em suas pesquisas.

Dalcastagné observa uma dicotomia entre a preservação da autenticidade do texto original de Carolina e o conteúdo que é apresentado nas novas edições de *Casa de Alvenaria*:

“Olho as poucas páginas dos manuscritos reproduzidas na edição para perceber que a pontuação foi alterada, sinais gráficos foram incluídos, algumas palavras que foram reproduzidas tal como estão no original, com plurais aparecendo aqui e ali, palavras foram suprimidas. No final, parecem estar nos dizendo que o interesse de Carolina não está no que ela nos diz, mas em sua escolarização precária, que se transforma em uma marca identitária.” (REBINSKI, 05/09/2021)

A autora Cidinha da Silva,⁴² entende ser um debate racial, que transcende um debate técnico no campo da teoria literária ou da linguagem:

Quem tem mais legitimidade do que o Conselho Editorial Carolina Maria de Jesus para se aproximar da vontade hipotética de Carolina? Se houvesse na composição do conselho pessoas dos clubes brancos que dirigem as universidades brasileiras, pessoa branca que estuda Carolina e é respaldada pelos confrates, tenho dúvidas de que o procedimento técnico escolhido seria questionado. (Blog Cidinha da Silva, 06/09/2021)⁴³

A escrita de Carolina é uma forma de se recusar a ser despejo, a ser resto. Sua escrita é marcante, não pelos erros gramaticais preservados pela edição, mas pela sensibilidade nos detalhes desprezados pelo olhar de sua crítica branca, deixando marcada uma visão caroliniana do mundo e de uma sociedade desigual, que persiste discriminando e apagando minorias.

Regina Dalcastagné aponta a autoconsciência de Carolina acerca da vulnerabilidade do seu texto como construção literária. “Com defasagens em termos de literalidade Carolina Maria de Jesus emprega a seu favor a autenticidade de seu relato. Daí a afirmação de que ‘é preciso conhecer a fome para saber descrevê-la’ (p. 27)” (DALCASTAGNÉ, 2008, p. 97).

⁴² Autora do livro *Um Exu em Nova York*, publicado em 2018, pela Editora Pallas.

⁴³ <https://rascunho.com.br/liberado/novas-edicoes-reascendem-polemicas-sobre-carolina-maria-de-jesus/> Acessado em 28/10/2021.

A crítica especializada excluiu Carolina do grupo de escritores que falam com autoridade, pois o campo literário mantém as formas consagradas, apontando a falta de literalidade como meio de exclusão.

Dalcastagné tem adeptos no meio acadêmico no sentido de engrossar o discurso de que os escritos de Carolina não têm literalidade:

A expressão de Carolina, truncada de erros demanda da crítica um zoneamento entre o que é literatura e o que não é. Faz-se urgente a defesa do campo da produção literária, ameaçado pela presença de elementos de pouca instrução, como a catadora mãe de José Carlos, ainda que esta seja capaz de ficcionalizar a experiência por meio de imagens ricas de significação, como quando diz que “o pão atual faz dupla com o coração dos políticos. Duro diante do clamor público. (JESUS, 1997, p. 57)”. (CORONEL, 2011)⁴⁴

A primeira edição de *Casa de Alvenaria: diário de uma ex-favelada* (1961), é apresentado por Audálio Dantas, que destaca que a obra era um “registro de grande valor humano” como contribuição para estudo sociológico, numa fala preconceituosa. Esclarece, ainda, que a obra foi escrita por Carolina:

O tratamento dado a *Casa de Alvenaria* foi o mesmo que dei a *Quarto de Despejo*. Conservei a linguagem e a ortografia da autora, sem alterar nada. No trabalho de compilação, houve cortes de grandes trechos, todos sem maior significação. Ficou o essencial, o importante, funcionando como uma película cinematográfica. O que fiz foi algo semelhante a uma montagem de filme. Os originais estão guardados para um possível confronto (DANTAS apud Jesus, 1961, p. 9).

Dalcastagné tem entendimento diverso acerca da manutenção da escrita de Carolina, justificando sua intenção de correção dos erros gramaticais do texto original:

Neste trecho, como em outros de Carolina Maria de Jesus, fiz uma revisão ortográfica de concordância. A manutenção dos erros gramaticais da autora é uma demonstração de preconceito das editoras, que julgam que, de outra forma, a “autenticidade” do relato seria comprometida. Mas o texto dos escritores “normais” (isto é, de elite) é sempre cuidadosamente revisado. (DALCASTAGNÉ, 2008, p. 97).

A posição de Dalcastagné não é isolada fazendo coro com o escritor Alex de Castro, que comenta em seu blog:

Manter os erros de Carolina é um meio de garantir que ela seja vista somente como mais um literary Freak. Nesse jogo entre pessoas limpinhas e cheirosas, Carolina entra mesmo como atração principal. O jornalista que editou o livro é o mestre de cerimônias do circo, nós somos a plateia e Carolina, coitada, é a mulher-barbada. A graça de *Quarto de Despejo* parece ser justamente fazer seus leitores bem alimentados sorrirem condescendentes e

⁴⁴ Artigo publicado pela Prof.^a dr.^a Luciana Paiva Coronel, intitulado “A escrita marginal brasileira no cenário cultural do capitalismo tardio”, no XII Congresso Internacional da ABRALIC, Centro, Centros – Ética, Estética, de 18 a 22 de julho de 2011, UFPR – Curitiba, Brasil.

pensarem: olha só, que bonitinho, a preta ignorante quase consegue escrever direito. (CASTRO, 2005, s/p.)

Um discurso cheio de ódio que nos faz lembrar de tempos remotos. Discurso que reduz toda uma produção escrita em razão de uma revisão ortográfica e formatação. O conteúdo apresentado nas obras de Carolina, para pessoas como Castro, não é importante, pois só é bom, bonito e representativo textos que sejam escritos por seus iguais. E isso engloba não só a classe, mas a raça e o gênero.

O que há em mim é sobretudo cansaço —
 Não disto nem daquilo,
 Nem sequer de tudo ou de nada:
 Cansaço assim mesmo, ele mesmo,
 Cansaço.
 A subtileza das sensações inúteis,
 As paixões violentas por coisa nenhuma,
 Os amores intensos por o suposto em alguém,
 Essas coisas todas —
 Essas e o que falta nelas eternamente —;
 Tudo isso faz um cansaço,
 Este cansaço,
 Cansaço.
 (...)
Álvaro de Campos⁴⁵

Um cansaço de ter que discutir e defender o óbvio, um cansaço por termos que defender a nossa escrita e teimarmos em deixar uma marca em nossa escrita. Cansaço de vermos nossos corpos serem desrespeitados por uma academia que não aceita que esse espaço é plural e deve acolher e respeitar corpos oriundos do asfalto e da favela, corpos que dominam o português eurocentrado e o pretuguês, corpos que desenvolvem suas pesquisas e dividem o tempo tentando se manter vivos e corpos que não precisam fazer esforço para se manterem nesses espaços.

Há um profundo cansaço que se esvai a cada corpo negro que entra e consegue fôlego para resistir nesse espaço da academia e mostrar que toda a forma de escrita é autoral e merece ser respeitada.

Com a publicação do romance *Pedaços da Fome* (1961) houve uma revisão textual, sendo lançado sem os supostos erros de português. Apesar da revisão ortográfica, a crítica da época não aplaudiu o texto escrito por Carolina.

⁴⁵ Poesia de outros eu. Poesias de Álvaro de Campos. Fernando Pessoa. Lisboa: Ática, 1944 (imp. 1993).

Reforçam a crítica de que o texto não tem literalidade, tratando do tema fome e de sua pequena visão de mundo. No prefácio da apresentação de Eduardo Oliveira o crítico escreve que o texto tem sabor de depoimentos, sem interesse social:

Ainda que não traga a moldura portentosa e fulgurante da estilística machadiana, nem o apuro da linguagem exigível pelos estetas da literatura, *Pedaços da Fome*, quando mais não seja, é uma autêntica afirmação reveladora dos incomensuráveis prodígios da alma humana. Este seu novo livro não é uma obra de arte, não é uma peça propriamente literária, talvez tampouco tenha sido uma das preocupações quando escreve *Pedaços da Fome*. Mesmo porque, com seus dois anos incompletos de bancos escolares, não lhe seria permitido escrever senão com a alma e o coração transidos de emoção e de calor humanos. Carolina conserva a mesma forma de escrever de seus diários: sua palavra continua “tosca”, mas admiravelmente “clara”. O enredo é ingênuo, leve, correntio e o estilo é despido dos monumentos da retórica. (OLIVEIRA apud JESUS, 1961, p. 12)

Críticos literários reforçam que a baixa escolaridade era um entrave para que Carolina pudesse ser considerada uma boa escritora. Oliveira, apresentador da obra, entende ser um texto emotivo, mas “tosco”. Para ele, ainda que não tivesse erros ortográficos, a obra mostrava-se frágil em sua estrutura, revelando uma autora sem fôlego literário.

Combatendo restrições políticas, sociais e culturais Carolina teimava em não se calar, rompendo com a imposição do silêncio a que foi imposta pela cultura hegemônica uma mulher negra favelada e de pouca instrução formal, ela escreve. As editoras e críticos literários não a reconhecem como escritora, aceitando-a apenas como uma voz solitária da favela.

Ao publicar seu primeiro livro, Carolina afastou-se irremediavelmente dos demais moradores da favela do Canindé, mesmo antes de mudar-se da favela. Os vizinhos rejeitaram a vizinha que era autora. Preferiram ter a imagem de uma mulher que sobreviveu como catadora de papel. Seus vizinhos sentiram-se traídos tendo suas histórias publicadas.

Após sua saída da favela, Carolina deixou de ser novidade, sucumbindo a voracidade midiática. Voltou ao ostracismo, à pobreza, sem compreender as razões de seu apagamento.

Carolina serviu aos interesses das editoras, que vendiam o livro da favelada, aprisionada em um estereótipo, sendo engolida pelo sistema da cultura massificada do país, pois sua obra tornou-se uma mercadoria valiosa por um tempo determinado.

Dalcastagné entende que Carolina Maria de Jesus escrevia seus textos se sabendo em desvantagem, consciente de que precisa de uma legitimação como escritora, construindo uma representação de si mesma e daqueles que a cercam dignificando sua literalidade. Essa consciência não é de forma explícita, pois a autora deveria saber do seu lugar.

Essa consciência a que me refiro não aparece, é obvio, de forma explícita – vincula-se àquele sentimento cruel de “saber do seu devido lugar”, que subsiste mesmo entre os que se recusam a aceitar tais limites -, mas está presente em determinados constrangimentos impostos ao próprio discurso. Constrangimentos que não caberiam em obras de autores como Clarice Lispector ou Rubem Fonseca, por exemplo, que não tem por que justificar, ao menos não de forma imediata, sua escrita, e tampouco precisam recorrer a gêneros como “diários” ou “testemunho” para respaldar suas narrativas (DALCASTAGNÉ, 2007, p. 22).

Para a autora, Carolina tinha uma suposta defasagem em termos de literalidade, buscando em seu favor a autenticidade de seu relato. Para Dalcastagné, Carolina deveria pedir licença para ousar estar num espaço que não era seu:

O que não quer dizer que os seus textos não sejam repletos de fabulação, ou que sua representação seja mesmo tão “realista” quanto ela defende diante de um vizinho. Em meio à sua contabilidade da fome, com um tempo que se estende e se emenda em dias iguais feitos de trabalho e angústia, a autora insere personagens, cria situações inusitadas, dá conta da movimentação na favela, com as intrigas, a falta de solidariedade, à feiura que contamina os meninos que vão morar ali (DALCASTAGNÉ, 2007, p. 23).

É a partir de um olhar dúbio, ora irritado, ora pesaroso, que aparece uma Carolina dividida entre o desprezo que sente pela gente do lugar: “As mulheres da favela são horríveis numa briga. O que podem resolver com palavras elas transformam em conflito. Parecem corvos numa disputa” (p. 54), e a solidariedade de quem enxerga além: “O poeta enfrenta a morte quando vê seu povo oprimido” (p. 38). E há momentos em que a autora assume fazer parte desse mundo: “Às oito e meia eu já estava na favela, respirando o odor dos excrementos que se mescla com o barro podre” (p. 67).

Carolina se mostrou em seu texto ao olhar pela favela do barraco enquanto faz a comida das crianças, que observa uma mulher sofrendo agressão e pensa que é melhor não ter marido, que tem que optar por lavar roupa ao invés de escrever, não restringindo o olhar, pois cada mulher possui uma multiplicidade de identidades.

A perspectiva feminina de Carolina Maria de Jesus abre espaço para abrigar uma pluralidade de existências: da mãe solteira que precisa sustentar os filhos em meio à miséria ao cigano bonito, com asas nos pés, que atravessa sua história. Mas há ainda a menina pobre que usa seu charme para conquistar as pessoas, o garotinho acusado de tentar violentar um bebê, o advogado pulha, os políticos corruptos que só são gentis durante às eleições, o homem triste

abandonado pela esposa, os “nortistas” festeiros e tocadores de viola (DALCASTAGNÉ, 2007, p. 24).

Nessa ambiguidade, Carolina não possui os instrumentos para se afirmar no campo literário, mas consegue mostrar aos seus vizinhos a diferença que a separa de todos eles. Carolina ameaça incluir as pessoas em suas histórias e em seus discursos utiliza palavras e expressões que não são corriqueiras, tais como proletários, soezes, indolentes, entre outros.

O vocabulário amplificado, a hipercorreção, a demonstração de leitura, tudo isso ajuda a separá-la da existência “mediocre” dos seus vizinhos, mas também serviria como passaporte para seu ingresso no campo literário: passaporte que traz bem marcada a origem social de sua portadora. Uma vez que “as trocas linguísticas – relações de comunicação por excelência – são também relações de poder simbólico, onde se atualizam as relações de força entre os seus interlocutores e seus respectivos grupos”, é interessante observar como um mesmo texto pode conferir status tão diferentes à sua autora. Vista de dentro da favela, Carolina Maria de Jesus ascende como escritora, vista do lado de fora, ela permanece como uma voz subalterna, como a favelada que escreveu um diário. Portanto, junto da discussão sobre o lugar da fala seria preciso incluir o problema do lugar de onde se ouve. Afinal, é daí que a literatura recebe sua valoração (DALCASTAGNÉ, 2007, p. 25).

2.6 Conselho Editorial: um coletivo que reverencia Carolina

O meu texto é um lugar onde as mulheres se sentem em casa.
Conceição Evaristo

Amanda Crispim afirma que Carolina não é uma autora de uma obra só e que o Conselho Editorial chegou ao resultado dos dois volumes de Casa de Alvenaria pois é coeso que ninguém mais verá Carolina como uma escritora de menor potencial em sua escrita. O Conselho editorial inaugura um novo modo de ver Carolina.

Quando se fala em Carolina, está se falando da Literatura brasileira, pois o Conselho conseguiu marcar a escrita de Carolina. O sistema literário brasileiro é injusto em relação a vários/as escritores/os e o trabalho do Conselho chega preenchendo esse lugar. Traz Carolina sob um olhar muito específico, pois o Conselho não inventou Carolina.

Outro ponto alto neste trabalho são os pesquisadores e transcritores jovens, pois faz a leitura do texto de Carolina com um olhar contemporâneo ajudando a literatura brasileira a fluir, arejar a leitura viciada que os críticos e editores tinham de Carolina. O Conselho Editorial ajuda a trazer para a Literatura Brasileira essa contemporaneidade que

nasce nos espaços sociais diversos, que nunca foram considerados como lugares que produzem literatura.

A editora Companhia das Letras está cumprindo um papel necessário, pois uma editora para cumprir um papel de uma editora brasileira precisa incorporar essas diversidades, porque do contrário, haverá lacunas. Está cumprindo o papel como editora, que pretende democratizar a literatura brasileira. (CRISPIM, 2021, s/p.)

Respeitar essa diversidade é abrir espaço para que outros corpos negros que precisam expressar suas dores e gozos através da escrita possam ter a liberdade de escrita. Carolina abriu um espaço ímpar para que outros corpos, principalmente mulheres negras que dividem seu tempo entre cuidar dos filhos, todo o trabalho doméstico e trabalho externo encontrem tempo para a escrita.

Neste sentido, essa escrita surge como um processo de cura, atravessados por suas histórias de vida, história de seus iguais, lamentos, dores, revoltas por toda a invisibilidade e as conquistas e esperança de tempos mais leves.

Fernanda Felisberto afirma que a obra não é um “requeitamento” de uma obra dos anos 60. Entende que Carolina morreu da fama à precariedade econômica muito em razão do mercado editorial. Carolina foi uma mulher que estava ali, em primeira pessoa falando de suas dores, angústias, alegrias, rotina, cotidiano.

Para Felisberto “esse trabalho só foi possível pela latitude autoral e teórica de Conceição Evaristo”, por fazer parte desse Conselho editorial, pois sair do automático ao tocar esses materiais com cuidado, respeitando as subjetividades e o desejo de Carolina. Um trabalho de mediação para que tudo viesse a aparecer.

Olho para o texto de Carolina e penso nas mulheres negras e como é para elas escreverem, lerem? Não é que comeu palavras, ela está com pressa! É uma mulher negra!

A escrita de Carolina é uma escrita importante pois rasurou o cânone. Propõe um novo olhar, uma nova crítica para Carolina. Não é só trazer a obra de Carolina, é propor um novo olhar! Neste momento estamos questionando o cânone, pois além de trazer Carolina da forma como ela escreveu, traz também um texto de abertura que foi pensado por pesquisadoras negras. (CRISPIM, 2021, s/p.).

Para o Conselho Editorial a única história importante é a história de Carolina. Nenhuma história, edição, revisão textual interessa que não seja aquela que respeita a originalidade, engenhosidade, criação linguística e literária de Carolina. Neste sentido, a grande importância do Conselho editorial.

Fernanda Miranda afirma que “todas as escolhas foram pensadas, conscientes, propositivas.” Essa edição de *Casa de Alvenaria* reflete a escuta desse conjunto de mulheres, em sua maioria, negras, para a escrita de Carolina.

Para o Conselho Editorial, o princípio básico dessa escuta era trazer a letra de Carolina, com um mínimo de mediação, com um mínimo de intervenção, pois há a consciência da trajetória de intervenção violenta que acompanha Carolina desde os anos 60.

A tarefa do Conselho Editorial foi buscar compreender e evidenciar toda a encruzilhada de sentidos que se traduz na linguagem de Carolina. “O Conselho Editorial foi costurando o caminho editorial que refletisse um palco inteiro com Carolina e não para os transeuntes que, porventura, gostam de se encostar nela” (Miranda, 2021).

O Conselho Editorial entendeu que desde o início do trabalho com os manuscritos, ao mergulhar nessa escrita, não partilhariam a ideia de erro, mas sim de processo. Partiriam da experiência de um sujeito de construir caminhos para a sua escrita, inclusive com as perdas que foi encontrando.

O Conselho editorial não procurou um caminho sem curvas, sem fendas, sem atalhos, sem obstáculos dentro dessa linguagem, mas que não partiriam de uma ideia de falta e sim de pluriversalidade, de diversidade. Não partiriam dos códigos da crítica literária canônica com sua tradição de silenciamento.

O que o conselho editorial apresentou como resultado é um livro que traz a escrita sem recortes, sem pré-julgamentos de qualquer natureza porque o papel do conselho está longe de querer aprisionar, emparedar, normalizar ou excluir.

Chegar ao doutorado trabalhando com Carolina Maria de Jesus implica de que todos que pesquisam Carolina já tem uma trajetória de luta contra o epistemicídio porque temos que enfrentar lutas em nossos universos acadêmicos para desenvolver os nossos projetos intelectuais (MIRANDA, 2021, s/p.).

Para Sueli Carneiro (2005), é o epistemicídio que sustenta a academia brasileira, que organiza a ideia de uma literatura brasileira, que dita quais sujeitos terão as suas memórias guardadas em um arquivo e quais sujeitos terão as suas memórias ocultadas ou esquecidas. Esse epistemicídio que tem orientado historicamente o mercado editorial nacional não poderia estar próximo ao exercício do Conselho Editorial.

O Conselho Editorial é representativo de um conjunto muito maior de pesquisadoras negras, de mulheres negras, pois está protagonizando uma outra história para Carolina Maria de Jesus em seus trabalhos, em suas visitas à autora.

Uma história que guarda vários pontos de vista sem precisar anular ninguém, que olha para a escrita da autora com todo o vigor que ela merece, sem camuflar as contradições, sem cultivar nenhuma zona de conforto, sem anular a marca impressa pelo racismo que estrutura a nossa sociedade e sempre estruturou. Tudo isto está presente no texto de Carolina Maria de Jesus, na própria estilística, nas comunidades que Carolina é.

Raffaella Fernandez questiona como lidar com a ambiguidade de Carolina e entende que a escuta e o respeito ao texto devem se dá pois o protagonismo é todo dela.

“Escrever é meu ideal. Jornalistas acham que podem fazer revisão dos meus escritos e fazer os livros. Quem entende seus ideais deve resolvê-los sozinhos.”

(...)

“Eu não acho que sou sábia. É que eu gosto de livros e sou curiosa na literatura. Agradeço a colaboração dos ilustres jornalistas que corrigem a minha grafia.”
(JESUS, 1960, s/p)

Encontrar os manuscritos de Carolina é a prova de sua existência, pois não é uma ficção. Esse contato com *Casa de Alvenaria*, a partir dos manuscritos originais, nos traz uma Carolina que em *Quarto de Despejo* é incompleta. *Quarto de Despejo* não expressa o que é Carolina, sua força, habilidade e atividades.

Casa de Alvenaria amplia e dá possibilidade de descobrir quem foi Carolina e o entendimento de sua escrita. Quem lê *Casa de Alvenaria* percebe o projeto de escrita de Carolina, pois ela expõe o que gostaria de escrever.

Da mesma forma que nós não cortamos, permitimos que Carolina viesse com a sua letra, viesse com a sua escrita. Foi também fundamental que Carolina viesse com o seu conteúdo. Quem diz do livro não é o texto de apresentação, quem diz de Casa de Alvenaria é a própria Carolina. E Casa de Alvenaria é a própria Carolina Maria de Jesus. (EVARISTO, 2021)

Carolina afirma que não queria escrever mais diários, no entanto, estava escrevendo diário. Expressa a paixão de Carolina pela escrita pois escreve porque está feliz, infeliz, brigou com o filho, porque não entendia sua relação com o cigano. *Casa de Alvenaria* mostra uma Carolina humana, pois na obra anterior apresentou uma mulher que tinha fome e precisava matar a fome de seus filhos, sua carência e solidão.

Em *Casa de Alvenaria* vemos uma mulher que está interessada em homens, fala de prazer, paixão, fala de coragem. *Casa de Alvenaria* é muito importante para as

mulheres negras pois, para nós, é permitido sofrer, ter filhos, mas é pouco permitido falar sobre os nossos desejos, dos amores.

O comportamento de determinados escritores fica original, mas quando se trata de Carolina há críticas na sua forma de escrever, falar, vestir, criar. Essa leitura da nova edição de Casa de Alvenaria nos permite ver uma Carolina original, glamourosa, vaidosa, prepotente e essa compunha Carolina como compõe as pessoas.

Carolina é errante no sentido daquela mulher que procura, que não tem lugar, que não se adapta, que estava em constante busca, mas quando se sentiu presa, quando não pode fazer aquilo que queria ela adoece. Casa de Alvenaria tem essa importância de nos ajudar a compreender quem foi essa escritora, o que a movia para a escrita, o que a escrita significava para ela.

Carolina é uma das escritoras mais versáteis da Língua Portuguesa. Alguns críticos literários não irão aceitar essa afirmativa, pois a linguagem de Carolina era uma linguagem em movimento, de busca. No mesmo momento em que Carolina num período, numa frase faz uma construção clássica, ela muda para uma construção popular. Ela usa a gramática do Cotidiano, modelo de falar o Pretuguês, de Lélia Gonzalez (EVARISTO, 2021).

A linguagem e a escrita de Carolina criam um incômodo justamente porque as pessoas não têm esse alcance para pensar uma linguagem que não precisa ser necessariamente uma linguagem que o dicionário padroniza. E a versatilidade de Carolina está justamente na busca que ela tem para se encontrar e essa busca pela linguagem.

Foi o Conselho Editorial quem convenceu a editora que queria trabalhar com Carolina a partir de uma linguagem própria. Foi escrito um texto para mostrar aos professores como trabalhar com os textos de Carolina e a demonstração das várias possibilidades de fala que existem no Brasil. Falar de culturas negras, de imigrantes, indígenas, pois se mapearmos o Brasil encontraremos vários falares da Língua Portuguesa.

Não há como negar a importância do Conselho Editorial para dar publicidade e defender os escritos de Carolina Maria de Jesus. Estamos no século XXI e ainda temos que nos deparar com escritos preconceituosos e racistas sobre a escrita que não é referendada pela academia.

O Conselho Editorial, composto por mulheres que fazem parte dessa academia, mas que não se deixaram contaminar por preconceitos e pelo racismo linguístico, propondo como alternativa de escrita uma gramática do cotidiano, que respeita e

reverencia a escrita de uma mulher negra que passou por toda a sorte de dores e privações e descobriu na escrita uma forma de cura.

Após a publicação de *Casa de Alvenaria*, em 2021, houve uma ampla publicidade do racismo editorial ainda existente no país. De que adianta títulos de doutora honoris causa, pós morte, se o respeito ao seu legado não existe? De que adianta um prêmio articulado pelo Ministério da Cultura em homenagem à escritora se os critérios são excludentes e desrespeitosos às mulheres que se assemelham a história de Carolina?

Percebemos que a história se repete quando Bitita não se sentiu acolhida no chão da escola, quando Carolina não conseguiu manter sua posição de que gostaria de escrever muito além de diários e foi cerceada em seu direito por um suposto jornalista que se intitulava como aquele que descobriu a favelada escritora.

Carolina Maria de Jesus sofreu muito ao ter que provar a todo o tempo que era muito maior do que um corpo negro em movimento. Se Carolina hoje pudesse falar se aceitaria ou não que seus escritos fossem revisados gritaria aos quatro cantos do mundo que não!

Diria que viveu solitária por toda uma vida e enfrentou o racismo, o deboche, a desconfiança para agora ter que se curvar aos caprichos de uma elite eurocentrada. Diria que sua resistência abriu espaço para que outras mulheres negras que, como ela, não tiveram acesso aos bancos escolares, curassem suas dores através da escrita. Sim, muitas vezes suas dores foram curadas através da escrita, através de uma leitura que lhe falava ao coração.

Carolina, se pudesse responder as indagações que lhe são feitas hoje, diria que está mais fácil na atualidade. Que em seu tempo precisou engolir o choro e a fome para lutar pelos seus sonhos.

Diria que encontrar mulheres que, apesar de terem frequentado os bancos acadêmicos, são solidárias com a sua história de vida e de luta. Abraçaria a cada mulher que fez parte do Conselho Editorial por lutarem para respeitarem seu acervo.

Não deixaria de contraditar nenhuma voz que se levantou para dizer que não poderia escrever ou se autointitular escritora. Diria que não sobreviveu a todas as dores para ter seus escritos violentados por supostos donos de uma verdade única, a verdade

daqueles que não sentem o que uma mulher negra passa para chegar no lugar que deseja estar.

Carolina, se pudesse responder a todas as críticas que lhes foram feitas diria que o título de doutora honoris causa é um reconhecimento por sua vida e obra, mas que não valeria de nada se outros corpos negros não puderem entrar e permanecer nesses espaços.

Diria que se vê como uma ancestral que abriu caminho para que outras mulheres negras pudessem ecoar suas vivências, dores e gozos abrindo suas pesquisas com suas histórias de vida e de seus iguais.

Enfim, diria que toda a luta valeu e que se eterniza cada vez que uma menina negra sonha em ser escritora e conhece sua história. Diria que Bitita vive em cada criança que teima em não deixar seus sonhos se perderem e lutam para serem felizes e realizarem tudo que quiserem. Carolina, PRESENTE!

TERCEIRO CAPÍTULO

3. OUTSIDER WITHIN: A RECUSA DA POSSIBILIDADE DE SER OUTRA

Viver é partir, voltar e repartir.
Emicida

Carolina não se moldou aos estereótipos convencionais que eram imputados a uma mulher negra, pobre e favelada. Não se moldou a uma máscara branca de subserviente e boazinha, que fazia a casa da patroa a extensão do seu quarto de despejo como muitos corpos negros que teimam em tentar se enquadrar aos desmandos de seus patrões tornando-se os capitães do mato do presente.

Para Carolina, ser o arquétipo de agressiva e favelada era um elogio, pois preferia ter a fama de insubordinada entre os patrões a ser aquela que aceita os desmandos sem questionamentos. Para ela as diferenças entre a sala de visita e o quarto de despejo eram enormes e esse abismo precisava ser vencido.

Não aceitava que seus filhos fossem tratados de forma marginal só por terem a cor da pele preta. Não aceitava pedir licença para ser reconhecida como uma escritora. Enxergava que seus escritos já tinham esse papel de apresentá-la a todos e todas. Não se sentia inferior a nenhum escritor ou escritora que conseguiram publicar seus escritos antes dela.

A diferença que existia e sempre existiu entre eles era a oportunidade, pois para um corpo negro, estar nesses espaços é o que nos difere desses outros corpos. Se tivermos oportunidade de estarmos em todos os espaços que quisermos estar, faremos a diferença.

Pensar em quantos corpos negros, invisibilizados no interior de morros e favelas possuem talentos múltiplos para as artes, a academia, a música, a dança, a literatura e tantos outros espaços de poder. Precisamos normalizar todos os espaços para que os corpos negros possam apresentar seus talentos.

Carolina não seguiu nenhuma receita, recusando os rótulos que a sociedade teimava em lhe atribuir. Recusou-se a ser estereotipada como esposa, dócil e presa a uma exaustiva rotina em nome dos velhos padrões sociais.

Preferiu ser só, pois, não casando-se, apesar do pedido formal de um homem que poderia ajudá-la a vencer a fome, ganhou sua liberdade para continuar escrevendo, lendo, sendo Carolina.

Não quis ser definida por um homem que lhe daria, em troca, o conforto de um lar e alimento. Entendeu que sua liberdade valia passar pelas dores da fome, da insegurança de não saber como seria o dia seguinte. Preferiu desatinar aos olhos dos que não a conhecia o suficiente para entender que escolher a liberdade, era escolher viver, apesar da fome, da incerteza, da suposta solidão, de se curar.

Triste, louca ou má
Será qualificada
Ela quem recusar
Seguir receita tal

A receita cultural
Do marido, da família
Cuida, cuida da rotina

Só mesmo, rejeita
Bem conhecida receita
Quem não sem dores
Aceita que tudo deve mudar

Que um homem não te define
Sua casa não te define
Sua carne não te define
Você é seu próprio lar

Ela desatinou, desatou nós
Vai viver só
Ela desatinou, desatou nós
Vai viver só

Eu não me vejo na palavra
Fêmea, alvo de caça
Conformada vítima

Prefiro queimar o mapa
Traçar de novo a estrada
Ver cores nas cinzas
E a vida reinventar

E um homem não me define
Minha casa não me define
Minha carne não me define
Eu sou meu próprio lar

Ela desatinou, desatou nós (e um homem não me define, minha casa não me define)
Vai viver só (minha carne não me define)
(Eu sou meu próprio lar)
Ela desatinou, desatou nós (e um homem não me define)
Vai viver só (minha carne não me define)

Fonte: [LyricFind](#)⁴⁶

Aos que a observavam, a rotulavam de louca, triste ou má por não proporcionar uma vida de qualidade para ela e seus filhos, aceitando casar-se com o português de posses. Como não aceitar ser a esposa de um próspero comerciante? Como não se adequar a um trabalho formal nas casas das famílias que se intitulavam do bem?

Carolina não era uma mulher que seria definida por um homem, que pediria permissão para escrever ou sonhar. Precisava de mais! Queria mais! Não se esqueceu que era uma mulher, que queria ser amada e atravessada pelos prazeres e gozos, mas ser fêmea não a definia também.

Por inúmeras vezes, precisou demonstrar que não era uma vítima conformada com os restos de seu quarto de despejo. Lutou com todas as forças para mudar e reinventar nova rota. Nos momentos de profunda solidão e tristeza, alimentava-se de poesia, de sua escrita, de seus sonhos.

"Enquanto escrevo vou pensando que resido num castelo cor de ouro que reluz na luz do Sol. Que as janelas são de prata e as luzes de brilhantes. Que a minha vista circula no jardim e eu contemplo as flores de todas as qualidades."
(JESUS, 1993, p.52)

Amava seus filhos, mas era o seu próprio lar, mergulhando em seus sonhos, dores e gozos para construir sua escrita, sua história, sua cura. Ser o seu próprio lar vai além do físico, além do despejo, além dos rótulos que teimavam em lhe atribuir, pois, para uma mulher preta, seu corpo é a extensão de seu lar.

Nesse corpo protegemos nossas crias das múltiplas violências, da fome, da dor. Quantas vezes vimos mães que usaram seus corpos como escudo para livrarem seus filhos de balas, numa tentativa de fazê-los sobreviver, apesar de ter seu próprio corpo exterminado?

Quantas vezes já nos deparamos com a imagem de mães com seus corpos esqueléticos pela fome que teimam em alimentar suas crias em seu ventre, sem ter mais uma gota de leite por estarem desnutridas? Mesmo assim, ao serem sugadas, doam sua própria vida para que eles sobrevivam.

⁴⁶ “Triste, louca ou má”, da banda Francisco, El Hombre, álbum Soltasbruxa, 2016.

Ser o seu próprio lar é maior do que o aspecto físico. É, apesar da rejeição, do olhar de desprezo dos supostos corpos que se intitulam os donos de uma verdade, ditando o que é certo ou errado, romper com os estereótipos e fazer o que entende ser melhor para si e para os seus.

Carolina foi o seu próprio lar desde Bitita, rompendo com os despejos que não se limitavam ao espaço físico da favela. Pois mesmo após a casa de alvenaria, teimavam em atribuir-lhe o despejo, o não-lugar, o desconforto por ocupar um lugar que acreditavam não ser seu.

Ao ser o seu próprio lar Carolina enxergava possibilidades nos espaços onde só existiam dores, pois resistir não é um verbo apenas, é o movimento em busca da cura.

Vivia uma culpa ao não ter o alimento diário para alimentar-se e aos seus filhos. O pouco que tinha, partilhava entre eles e tentava esquecer a fome, alimentando-se dos seus escritos.

Quem a via, dizia ser uma mulher louca. Como pensar em sair daquele lugar que era o que restava a eles? E ser diferente, num lugar onde todos, para sobreviverem, precisam ser iguais em seus discursos, práticas e sentidos, era ser esmagada em seu direito de opção pela diferença.

Carolina, através de uma suposta loucura, maldade ou tristeza, não desistiu de seu sonho de ser reconhecida, para além dos muros da favela. Se isso é pensar em se curar, então Carolina buscava essa cura.

Uma cura que era atravessada por sua escrita, leitura, sonhos, filhos, dores incertezas e gozos. O processo de cura tem suas sombras que precisam ser enfrentadas. E mergulhar nessas sombras não poderia ser em águas rasas. É preciso um oceano para se conhecer, se descobrir, curar as feridas e se limpar.

Bitita, uma criança ferida, pelas dores do racismo, pobreza e dor, precisava ser curada para que Carolina pudesse florescer. Bitita, assim como Carolina e tantas outras crianças negras, oriundas de morros e favelas, sentiam-se incapazes de encontrar o caminho de cura.

Carolina, desde Bitita, era qualificada como uma criança triste, louca ou má. Incompreendida pelos seus pares, era silenciada por querer questionar, entender sobre o que a cercava.

Na busca por essa cura quis, em algum momento de sua infância, ser um homem, pois, em sua ingenuidade de criança, homens são fortes e não sofrem. Percebeu muito cedo que a dor da fome faz doer o corpo, independentemente do gênero, descobriu que esse corpo adoece quando não é alimentado. Descobriu que esse alimento transcende o físico, pois a alma precisa e deve ser alimentada de sonhos, esperança e fé para ser curada.

Como Bitita entendeu que não poderia ser mais uma a repetir os padrões de quem nasceu com a pele preta. Não poderia e não queria ser a “negrinha de estimação” de brancos, numa rotina de subserviência, pois entendeu, desde criança, que bastava contrariá-los para ser a favelada, a agressiva, a mal agradecida.

Para muitos desatinou, enlouqueceu desde criança, mas ela sabia que estava desatando os nós, buscando a liberdade para ser quem quisesse ser. Não foi definida por um homem pois, apesar de ser feminina, fêmea e sentir prazer em ser cortejada, não se limitou a ser subjugada por um homem.

Mesmo grávida e prestes a gerar mais um ser, não foi definida por sua casa. Ao ser expulsa do emprego por estar grávida, construiu seu próprio barraco com tábuas garimpadas em obras abandonadas, pois não se renderia aos mandos de quem pensou que ela não fosse capaz.

Quase desistiu ao ver seus filhos chorarem de fome, cortando na própria carne, para que eles tivessem o que comer. Quantas vezes viu a cor amarela da fome para que eles pudessem comer o mínimo que restava no fundo das panelas. Viveu seus medos e sombras de forma solitária. A fome é como uma sombra inseparável e em seus relatos a fome ganha cor. A fome é amarela! Porque quando Carolina atingia o limite insuportável da fome, as coisas ficavam amarelas.

“Resolvi tomar uma média e comprar um pão. Que efeito surpreendente faz a comida no nosso organismo! Eu que antes de comer via o céu, as árvores, as aves, tudo amarelo, depois que comi, tudo normalizou-se aos meus olhos”.
(JESUS, 1963, p. 40)

E essa cura passa pela solidão. Mesmo rodeada pelos filhos, era só. Decidia os próximos passos só, reinventava novas rotas só, escrevia sua rotina do cotidiano só, alimentava seus sonhos e o seu desejo maior de sair da favela, só. Uma solidão que a devorava, mas, ao mesmo tempo, a fazia enxergar o que parecia impossível.

A solidão é fera, a solidão devora
É amiga das horas, prima-irmã do tempo

E faz nossos relógios caminharem lentos
Causando um descompasso no meu coração

A solidão é fera
É amiga das horas
É prima-irmã do tempo
E faz nossos relógios caminharem lentos
Causando um descompasso no meu coração

A solidão dos astros
A solidão da Lua
A solidão da noite
A solidão da rua

Fonte: [LyricFind](#)
Compositore: Alceu Valença

Sozinha garimpou nos lixos e restos os cadernos e livros que foram um portal para iniciar o seu processo de cura. Mergulhava, ao chegar em casa, nos escritos e leituras, para amenizar suas dores.

Carolina vivenciou um sentimento que transcende a solidão, vivenciou a solidude, pois a solidão é o sentimento de se sentir sozinho e, durante muito tempo e por muitas vezes Carolina o vivenciou, mas solidude é o sentimento de estar só e conseguir aproveitar da própria companhia, de se sentir bem conectado consigo, com os seus pensamentos, sonhos, um refúgio para libertar-se das dores, do despejo que teimavam em lhe dizer que ela deveria contentar-se com o que lhe restava.

Através da solidude, Carolina expandia a alegria de estar só, fortalecendo a autoconfiança e o amor-próprio. O que para muitos era audácia, arrogância de uma mulher negra e favelada, para Carolina era amor-próprio, era o portal para continuar a dizer o que sentia e enxergava através da escuta.

Carolina aprendeu o que é solidude desde Bitita que era desprezada pelos seus iguais e batia para defender-se das ofensas e apelidos perversos. Bitita, em sua solidude, chegava a inúmeras conclusões, enchendo sua mãe de perguntas e questionamentos, que a faziam ser uma criança questionadora

3.1 A escrita do cotidiano: uma escrita que retrata a cura

**A vida oferece a matéria para a minha escrita.
Quando me retiro para escrever, saiba que já colhi
tudo lá fora e guardei aqui dentro, no coração.**

Evaristo

A escrita do cotidiano, para Carolina, era uma forma de alimentar seu sonho de tornar-se uma escritora. Escrevia diários, com as notícias e acontecimentos ocorridos em

seu entorno, mas também escrevia romances, contos, novelas, poesia. Enfim, uma escrita plural que a curava e a fazia ser alvo de ataques, pois para aqueles que conviviam em seu cotidiano, escrever é embranquecer.

Carolina lutou para não deixar que seu sonho se perdesse, pois, ao distanciar-se da escrita, perderia o vínculo com a cura, pois, sua cura estava em expressar-se através das palavras.

Carolina não percebeu que a sua cura se iniciou na infância, ao entender a dimensão do seu nome. Ao ser chamada de Carolina Maria de Jesus ao invés de Bitita por sua única professora, abriu caminhos para a escrita, para o mundo novo que a leitura nos proporciona. Já não era mais a menina negra, amedrontada que usava a agressividade como escudo para se proteger daqueles que a tratavam como resto, como lixo, como despejo. A partir dali, começou a perceber o quanto era possível descobrir formas de ser feliz.

A cura passa pela introspecção e isso aprendeu ao deixar a escola. Sentiu profunda tristeza ao ter que deixar de frequentar o espaço que havia aprendido a amar, a respeitar, que a enxergava como uma menina, como Carolina.

Fechou-se em uma tristeza por não mais avançar no processo de alfabetização, mas não poderia esquecer o que havia aprendido e, mesmo sem saber ao certo como fazer, decidiu continuar lendo para não se perder.

Uma introspecção que a fez olhar para dentro. Um olhar que a fez enxergar a importância de não perder o que já havia conquistado quando entendeu que Bitita precisava avançar para Carolina. Voltou-se para dentro, pois sentiu profunda tristeza em ter que desistir de avançar nas descobertas iniciadas ao ter o primeiro encontro com o seu nome e com tudo que ele carregava. Uma introspecção que passava pela dor de ter que desistir do reencontro com Carolina, mas como desistir se já não havia mais como voltar?

Ao olhar para dentro de si Bitita descobriu um mundo de possibilidades que não lhe fora apresentada por sua mãe e nem pelos seus. Nesse momento entendeu sua conexão com Vô Benedito, pois ele já havia percebido que a cura começa por dentro, começa pelo amor-próprio.

Agora Carolina entendia o porquê de seu profundo amor por seu avô. Ele também já havia descoberto a dimensão do amor-próprio. Carolina percebeu que essa busca é

individual e que, por mais que seu avô emanasse esse amor-próprio, como um griot, esse olhar para dentro é sensível aos olhos de cada um e essa busca, quando concluída, inicia a cura.

E esse caminho de cura continuou através de seus livros, pois ao se mudar com sua mãe para o interior em busca de trabalho nas lavouras, levava o seu maior tesouro, que eram alguns poucos livros que havia ganhado no espaço escolar.

O luto também é uma forma de cura, pois ao perder o que aprendeu a amar, mergulhou num luto, mas ao descobrir que essa busca pelo aprender era maior do que sua dor, decidiu avançar, mesmo que de forma solitária, a escrita.

Não tinha a segurança de uma escrita correta, segundo os padrões acadêmicos, mas não se importava. Precisava escrever para sentir-se viva e se curar. Não importava se não era compreendida por quem a olhava com curiosidade, pois precisava escrever para purgar suas dores.

O luto é o processo de lidar com a perda de alguém ou algo importante na vida, período de enfrentamento de dor da perda, uma experiência necessária para que se possa readaptar-se à nova realidade. E isso Carolina vivenciou em pelo menos dois momentos: ao ter de afastar-se da escola e com a perda de seu avô.

No luto não dói apenas o passado, as lembranças do que foi vivido, mas o futuro que não ocorreu, o que não foi possível vivenciar, tudo que poderia ser compartilhado com o/a outro/a e não foi possível. Segundo Carpinejar:

A dor da perda exige tempo para doer. Saber não é ainda sofrer. Nos despedimos de alguém por fora, pelas palavras, mas demora para nos despedirmos por dentro, pelo silêncio e pela saudade. Demora para nos desapegarmos pelos hábitos e pela rotina. Demora muito tempo para uma ferida encontrar a saída. (CARPINEJAR, 2023)

Viveu o luto ao perder o seu avô, um griot, que foi um exemplo para Carolina. Perder quem se ama é ser abraçado por uma dor dilacerante, mas também é uma das formas de se fortalecer, pois quem atravessa um luto, após essa passagem, tende a sair mais fortalecido.

Carolina entendeu que perder quem se ama pode ser uma das formas de se curar, pois celebrar nossos ancestrais é uma forma de cura. Carolina honrou seu avô ao entender que não precisamos ter acesso a bens materiais para sermos importantes na vida de alguém.

Percebeu que a sabedoria que seu avô tinha era muito maior do que qualquer dinheiro que alguém pudesse pagar. E ser sábio é uma forma de se curar e de curar aqueles que estão a sua volta.

A cura, para Carolina, atravessava inúmeras realidades: atravessava a fome, a dor, os amigos, os amores, os vizinhos, a família e muitas outras encruzilhadas.

Mesmo sem ter consciência, Carolina começou o processo de cura em sua infância, quando precisou lutar para se fazer enxergar, escutar, ter voz e lutar por tudo aquilo que acreditava.

Essa cura teve início quando conseguiu enxergar a dimensão de seu avô e a importância de seus ancestrais para a construção de sua história. Após a morte de seu avô, Carolina percebeu o quanto todos haviam perdido, pois apesar de não ter estudos, seu avô era um griot e a história de seus ancestrais se perpetuava.

Carolina, em um trecho de sua escrita, comenta sobre seu avô: “E conhecia o pai do meu irmão e não conhecia o meu. Será que cada criança tem que ter um pai?” (JESUS, 1960, p. 13). O questionamento evidencia a tristeza de Bitita em não saber quem era seu pai. E continua:

O pai da minha mãe foi Benedito José da Silva. Sobrenome de sinhô. Era um preto alto e calmo. Resignado com a sua condição de soldo da escravidão. Não sabia ler, mas era agradável ao falar. Foi o preto mais bonito que já vi até hoje. Eu achava bonito ouvir a minha mãe dizer: - Papai! – E o vovô responder-lhe: - O que é, minha filha? Eu invejava a minha mãe por ter conhecido pai e mãe. (JESUS, 1960, p. 13)

O avô griot e elo principal entre Carolina e sua ancestralidade atravessa a história de vida de Bitita e Carolina. “Quando mamãe me batia, eu ia para a casa do meu avô” (JESUS, 1960, p. 14). Carolina se identifica com o avô pelos aspectos físicos: “Foi o preto mais bonito que já vi em minha vida. Que lindo nariz! A testa e a boca eram magníficas” (JESUS, 1960, p.24), e através do acesso a uma memória coletiva: “O vovô era descendente de africanos. Era filho da última remessa de negros que vieram num navio negreiro. Os negros cabindas, os mais bonitos e inteligentes (JESUS, 1960, p. 117).

A admiração de Carolina pelo avô não era limitada ao círculo familiar:

As pessoas que iam visitar o vovô saíam comentando: - Que homem inteligente. Se soubesse ler, seria o Sócrates africano. – O que será Sócrates africano? Outros comentavam: - Foi crime não educa-lo. Este homem seria o Homem! Poderiam criar uma lei de educação geral, porque as pessoas cultas adquirem conhecimento do seu grau intelectual tem capacidade para ver dentro de si. (JESUS, 1960, p. 122)

A palavra era o elemento de referência que conectava Bitita e o avô Benedito, pois mesmo analfabeto ele sabia rezar o terço, o que o tornava um homem importante entre os moradores do local: “Eu ficava vaidosa por ser a neta de um homem que sabia rezar o terço, convencida de que éramos importantes” (JESUS, 1960, p. 60).

Quando o avô adoece, Bitita se preocupa: “E se o vovô morrer? Quem é que vai rezar para chover? Todos precisam da chuva, mas o único que reza é o vovô. Chorei quando ele morreu. Será que ainda vai chover? (JESUS, 1960, p. 116). O avô Benedito era um griot, pois todos se reuniam para ouvi-lo contar os horrores da escravidão: “Falava de Palmares, o famoso Quilombo em que os negros procuravam refúgio. O chefe era um negro corajoso de nome Zumbi. Que pretendia libertar os pretos (JESUS, 1960, p. 60).

O avô também apresentou a Bitita um referencial de busca pelo conhecimento:

O vovô chegava do trabalho, jantava e ia ouvir o senhor Manoel Nogueira ler os fatos que ocorriam no mundo. A Europa estava esfacelada com a guerra de 1914. Eu pensava: Se a guerra não traz benefícios para os homens, então porque é que eles fazem as guerras? Será que os homens não gostam deles? Não devem gostar, porque eles exterminam-se mutuamente. (JESUS, 1960, p. 47)

Enfrentar os medos é mais um caminho para a cura e Carolina soube fazer isso muito bem. Num momento de sua vida, incomodou a muitos por se dedicar à leitura. Era vista como bruxa e louca. Teve a prisão, junto com a sua mãe, que a defendeu dos ataques daqueles que acreditam que um corpo negro não deve ousar pensar em realizar seus sonhos. Ao teimar em ler, foi taxada de subversiva e aprisionada.

Carolina deixou as grades da prisão mais forte. Entendeu que, para continuar a ler e escrever, precisava enfrentar o medo de não ser igual a todas as pessoas pretas que apenas serviam a uma parcela da população que estava acostumada a não ser contrariada.

Para Collins, mulheres negras, por viverem às margens por tanto tempo, desenvolveram “uma forma particular de ver a realidade”, “olhávamos tanto de fora para dentro quanto de dentro para fora”, sendo assim, “compreendíamos ambos os lugares” (2016, p. 100). Uma marginalidade que serviu como uma forma de criação para intelectuais e escritoras negras atravessadas pela opressão.

Conseguir ser criativa, apesar das opressões, se torna “elemento importante da cultura das mulheres negras” para se distanciarem dos estereótipos, das objetificações e das relações de opressão do cotidiano, “a criatividade é uma esfera de liberdade, uma

esfera que a ajuda a lidar com a vida cotidiana e a transcendê-la”. (COLLINS, 1986, p. 112).

Carolina escrevia atravessada pelo seu cotidiano. Seus diários demonstram a utilização da leitura e da escrita para suportar os dias de fome, de conflitos e de solidão. “Mesmo eles aborrecendo-me eu escrevo. Sei dominar meus impulsos. Tenho apenas dois anos de grupo escolar, mas procuro formar meu caráter” (JESUS, 1960, p.13).

Carolina se justifica pela escrita, pela ação ao escrever para esquecer os aborrecimentos. Para não brigar, registra, para não deixar o silêncio se perpetuar. As brigas com os vizinhos se davam por ter três filhos e ser mãe solo. “Elas alude que eu não sou casada. Mas eu sou mais feliz do que elas. Elas tem marido. Mas são obrigadas a pedir esmolas. Eu enfrento qualquer espécie de trabalho para mantê-los. E elas tem que mendigar e ainda apanhar” (1986, p.14).

Há inúmeros registros de que o casamento, para Carolina, estava ligado às condições de submissão, à prepotência masculina e à violência física. “A noite enquanto elas pede socorro eu tranquilamente no meu barraco ouço valsas vianenses. Enquanto esposos quebra as tabuas do barracão eu e meus filhos dormimos sossegados” (1986, p. 14).

Apesar da fome e de todas as outras mazelas, Carolina não enfrentava, no espaço da sua casa, uma autoridade masculina e de violência. Tinha autonomia em relação às suas decisões e horários. Educava e cuidava dos filhos sozinha, pois os pais de seus filhos eram pouco presentes nas narrativas. O pai da Vera Eunice é o que aparece em Quarto de Despejo, demonstrando sua ausência e a falta de auxílio financeiro.

20 de junho – Dei leite para a Vera. O que eu sei é que o leite está sendo despesas extras e está prejudicando a minha minguada bolsa. Deitei a Vera e saí. Eu estava tão nervosa! Acho que se eu estivesse num campo de batalha, não ia sobrar ninguém com vida. Eu não posso contar com o pai dela. Ele não conhece a Vera. E nem a Vera conhece ele. Tudo na minha vida é fantástico. Pai não conhece filho, filho não conhece pai. (JESUS, 1960, p. 59)

Nesse trecho o pai de Vera Eunice ainda não tinha conhecimento sobre a menina. Carolina, percebendo que os filhos estavam muito desprotegidos, estabelece contato com o pai, que passa a auxiliar financeiramente a filha.

2 de julho - - É o pai da Vera. – É o papai – ela sorria para ele. Mostrei-lhe os sapatos da Vera que estão furados e a agua penetra. – Quanto pagou isto? – 240. -É caro. Ele deu-lhe 120 cruzeiros e 20 para cada filho. Ele mandou os filhos comprar doces para nós ficarmos sozinhos. Tem hora que eu tenho

desgosto de ser mulher. Dei graças a deus quando ele despediu-se. (JESUS, 1960, p. 159)

Carolina não relatou o que ocorreu após a saída das crianças, mas escreve que o momento a fez sentir desgosto em ser mulher. E quantas mulheres precisam se moldar aos caprichos de homens para sobreviverem? Quantas mulheres precisam vender seus corpos como moeda de troca para alimentarem a si e aos seus filhos?

Apesar de toda a convicção de Carolina de não se moldar a esses desmandos, quando viu seus filhos passarem necessidade, preferiu engolir suas certezas para que eles tivessem o alimento para sobreviverem.

As relações descritas sobre suas relações com homens ou de suas observações sobre as relações conjugais das vizinhas eram relacionadas à violência ou à submissão da mulher, talvez explicando o desgosto escrito por Carolina.

Para Carolina, a favela está associada à miséria e às poucas alternativas de ascensão social, econômica e cultural. Em seus conflitos com os vizinhos ela conclui que os políticos deveriam extinguir as favelas: “Estou residindo na favela. Mas se Deus me ajudar hei de mudar daqui. Espero que os políticos estingue as favelas” (JESUS, 1960, p. 17).

Carolina relaciona a ausência de um homem em casa à sua persistência em não deixar de cuidar de seu corpo e do desgosto em morar na favela.

Eu não tenho homem em casa. É só eu e meus filhos. Mas eu não pretendo relaxar. O meu sonho era andar bem limpinha, usar roupas de alto preço, residir numa casa confortável, mas não é possível. Eu não estou descontente com a profissão que eu exerço. Já habituei-me andar suja. Já faz oito anos que cato papel. O desgosto que tenho é residir na favela. (JESUS, 1960, p. 19)

Carolina afirmava que o seu objetivo era cuidar de sua casa e de seus filhos, apesar de sua condição de marginalização social. Não desvalorizava sua profissão, pois a catação de papel era seu meio de sustento, mas seu desgosto era morar num ambiente sem o mínimo de qualidade de vida.

Sua condição de *Outsider* se dá pelo acesso à cultura escrita, no período em que morou na favela: “Aqui todos implicam comigo. Dizem que falo muito bem. Que sei atrair os homens. Quando fico nervosa não gosto de discutir. Prefiro escrever. Todos os dias eu escrevo. Sento no quintal e escrevo” (JESUS, 1960, p. 19). Os conflitos com as vizinhas se davam por Carolina se destacar, pois não tinha marido, falava bem e escrevia.

A cultura do patriarcado que impõe o lugar das mulheres no casamento, sua dedicação à família, com um comportamento dócil, também estimula uma competição entre as mulheres. Impõe uma dedicação extrema, secundarizando seus desejos e seus projetos.

A misoginia impõe barreiras para a união e empatia entre as mulheres em diferentes espaços e condições. Por isso, a implicância das vizinhas de Carolina, pois esse comportamento de Carolina causa estranhamento pela forma como falava e se comportava.

Carolina curava suas dores pela escrita, pois ser escritora estava relacionado às suas relações com os vizinhos e a sua condição de mulher e mãe solo. Um homem na rua a questionou: - O que escreve? E ela responde:

-Escrevo todas as lambanças que pratica os favelados, estes projetos de gente humana. Ele disse: - Escreve e depois dá a um crítico para fazer a revisão. Olhou as crianças ao meu redor e perguntou: - Esses filhos são seus? Olhei as crianças. Meu, era apenas dois. Mas como todos eram da mesma cor, afirmei que sim. - Seu marido trabalha? - Não tenho marido e nem quero! Uma senhora que estava me olhando escrever despediu-se. Pensei: talvez ela não tenha apreciado a minha resposta. - É muito filho para sustentar. Ele abriu a carteira. Pensei: agora ele vai dar dinheiro a qualquer uma destas crianças pensando que todas são meus filhos. Fui imprudente mentindo. Mas a minha filha Vera Eunice ergueu o braço e disse: - Dá, eu té. Compápapato. Eu disse: - Ela está dizendo que quer dinheiro para comprar sapatos. Ele disse: - Dá para sua mãe. (JESUS, 1960, p. 20-22)

Carolina estava escrevendo, sentada na calçada da rua e as crianças, por serem todas negras, poderiam ser seus filhos. Carolina escrevia em todo tempo que dispunha, talvez, numa tentativa de arquivar seu eu.

Um arquivo que passa por tudo que se tornou desde Bitita. Arquivo que a remete ao passado, pois ao buscar essa cura no presente, consegue curar seus ancestrais, imortalizando sua história, seu passado, suas dores e gozos.

Arquivar o seu eu passa por uma escrita do cotidiano, pois ao reler seus escritos, enxerga outras formas de se superar, de se reencontrar com novas possibilidades de avançar na busca por melhores qualidade de vida e de paz.

Arquivar seu eu a distancia desse lugar de despejo que transcende o espaço físico. Carolina, através da escrita, afasta-se desse lugar que não aceita pertencer, pois o quarto de despejo que luta para sair é muito maior do que o espaço que seu barraco ocupa na favela.

Carolina contou sua história, entrelaçando seu ideal literário, pois escolhe a literatura num contexto em que mulheres eram estimuladas a casarem, cuidarem dos filhos e famílias: “Um homem não há de gostar de uma mulher que não pode passar sem ler. E que levanta para escrever. E que deita com lápis e papel debaixo do travesseiro. Por isso é que eu prefiro viver só para o meu ideal” (JESUS, 1960, p. 44).

Mais uma vez é o ideal, não o sonho que aparece em sua relação com a escrita. É a ideia de persistir, de buscar alcançar seu objetivo. Porém, quando tenta colocar esse ideal em prática, encontra as dificuldades, pois frequentou um curto tempo no espaço escolar e a influência da perda do avô.

Arquivar sua vida não era apenas identificar-se enquanto mulher, negra e escritora, mas posicionar-se através da palavra, marcando um posicionamento de existência e de um ideal. Carolina registrou sua memória e identidade de escritora, concluindo seu ideal e as dificuldades para alcançar o que buscava.

O medo de falar é forte entre as mulheres, principalmente entre as mulheres negras. Entretanto, é melhor falar com medo do que calar. Carolina fez a escolha difícil de narrar, pela escrita, sua história e a de tantas outras mulheres.

3.2 As dores que sentimos calada

É preciso, não sei como, arrumar uma nova vida para todos...
Conceição Evaristo

Dona Conceição também foi educada para não falar, aprendeu a se curar das dores e seu corpo parecia que se curava através das águas. Como Oxum ela sabia que esvaziava suas dores através do choro e chorava para se aliviar de todas as suas dores e medos. Mulher negra, retinta, moradora de Cidade de Deus, agarrava-se à sua fé para manter sua família unida e passar pelas provações da vida.

Veio de Minas Gerais bem nova e se casou com Antônio. Teve três filhos: Antônio, Carlos e Arlene. Era a família mais pobre do quarteirão, mas dona Conceição tinha a casa mais limpa e arrumada de todas as casas da rua. Tinha o sorriso mais cativante de todas e amava servir bolo com café para os amigos que iam visitá-la.

Mesmo tendo muita fé foi testada, pois Carlos se envolveu com o tráfico. Revoltou-se com a falta de uma vida melhor. Queria ter a oportunidade de ter os tênis e

as roupas que os amigos da rua tinham. Para dona Conceição nada daquilo importava. Queria ter a paz que sentia, mesmo envolta em tanta simplicidade.

Apesar da dor, continuava com um sorriso nos lábios e a candura de uma mãe preta que acolhe a quem chegar. Depois soube que as dores de dona Conceição eram físicas também, pois o marido bebia e a espancava todas as noites.

Dona Conceição, pela manhã, apesar das dores, arrumava sua casa, cuidava de seus filhos e colocava um sorriso no rosto na esperança de tudo melhorar. Tinha a leveza de uma mulher que chorava, mas não perdia a fé de que tudo iria melhorar.

Seu coração não suportou repressar as dores e numa madrugada infartou e, pela manhã, não mais havia aquele sorriso aguardando a quem chegasse em sua casa.

Carlos chorou por todas as dores que fez sua mãe sentir e, desde esse dia, passou a cuidar de sua casa como nunca o fez, retribuindo os sorrisos de quem passava pela rua. Havia entendido que o maior presente que tinha era o sorriso e a leveza de sua mãe. Entendeu que não mais adiantava chorar, pois sua mãe não estava mais ali, virou ancestral.

Assim como dona Conceição, a violência doméstica assombra muitas mulheres das diversas classes sociais. Infelizmente, os índices de violência estão aumentando a cada dia com o avanço do feminicídio e violência doméstica.

Nas encruzilhadas de Cidade de Deus vimos muitas dessas cenas acontecerem: mulheres sendo agredidas pelos seus companheiros e aceitando essa violência por não terem para onde irem com os seus filhos. Muitas se tornaram vítimas fatais pois passaram por outras violências, tais como a violência psicológica, física, sexual, patrimonial, dentre outras formas de violência.

Para muitos, a morte da dona Conceição não foi um feminicídio, mas para os que acompanharam de perto a sua dor, foi. Um feminicídio indireto, atravessado por múltiplas violências que não permitiu que ela se curasse de todas as dores.

Talvez dona Conceição nem soubesse dos seus direitos e da rede de apoio que poderia acessar para não passar por todas essas violências. A vergonha e a tristeza pelas violências vividas a faziam se calar.

Na década de 80 não havia uma divulgação desses direitos e as mulheres não se sentiam confortáveis para denunciarem essas violências, pois a delegacia da mulher é um órgão público brasileiro criado para o combate à violência contra as mulheres.

Diante desse cenário de violência e morte dessas mulheres, principalmente nos espaços dos morros e favelas, foram sendo implementadas algumas ações, políticas públicas, bem como delegacias especializadas da mulher no país, sendo a primeira criada no Estado de São Paulo, em 1985, o que tornou essa iniciativa pioneira no país. A principal política pública de estado brasileiro no combate à violência doméstica se deu com a promulgação da Lei 11.340/2006, em 07/08/2006, a “Lei Maria da Penha” (BRASIL, 2006).

Houve alguns avanços a partir da promulgação da Lei, tais como: a tipificação dos diversos crimes de violência doméstica, que podem ser de ordem física, psicológica, sexual, patrimonial e moral (Art. 7.º). O aumento da pena era imputado ao agressor, que antes era de um ano e passou a ser de até três anos, não sendo, atualmente, aplicado a Lei 9.099/95 – Lei dos Juizados Especiais (BRASIL, 1995), a qual imputava ao agressor a prestação de penas pecuniárias ou de serviços comunitários e mais um avanço foi a possibilidade de encaminhamento da vítima e seus filhos aos programas de serviços de proteção e assistência social.

A Lei Maria da Penha tem passado por alterações desde a sua promulgação, objetivando melhorar a legislação e minimizar a violência de gênero. Em 2024 houve duas alterações na lei que determina que a mulher, vítima de violência, tenha atendimento prioritário para a cirurgia plástica reparadora (Lei 14.887/2024 – PL 2737/2019) e que o nome da vítima permaneça em sigilo durante todo o processo judicial.

A proteção, contudo, não se estende ao nome do autor do crime nem aos demais dados processuais, garantindo transparência em relação ao acusado e ao andamento processual.

Antes, a determinação do segredo de justiça em casos de violência doméstica dependia da avaliação do juiz, exceto nas situações já previstas em lei.

O processo de vitimização da mulher que sofre violência não ocorre somente no momento da consumação do crime. Ele se perpetua no olhar de alguns vizinhos,

familiares, colegas de trabalho que, impregnados de uma cultura predominantemente machista, podem vir a culpá-la.

Contudo, mesmo diante da Lei Maria da Penha e de todas as ações governamentais, projetos e políticas públicas não são suficientes para diminuir os índices de violência doméstica no Brasil.

Há muitos fatores que incentivam o aumento da violência contra a mulher, dentre os quais: o medo da vítima em denunciar o agressor, a subnotificação e até mesmo a falta de percepção da vítima em reconhecer que sofre um determinado tipo de violência, que não seja necessariamente a física.

Apesar da Constituição da república Federativa do Brasil (1988) afirmar que todos, homens e mulheres, são iguais perante a lei (Art. 5.º) e que a dignidade da pessoa humana é um princípio fundamental ao país (Art. 1.º) percebemos no Brasil, legislações ineficientes para diminuir a violência doméstica contra a mulher.

3.3 A escrita da diferença: um olhar sobre as opressões

Temos só um jeito de nascer e muitos de morrer.

Carolina Maria de Jesus

Num encontro com Conceição Evaristo, após perguntar se para ela a escrita é um processo de cura obtive a resposta. Neste momento, ao ouvi-la, pensei que a resposta para as minhas hipóteses levantadas na pesquisa estivessem definidas, mas, lendo nas entrelinhas dessa fala de Evaristo, insisto em investigar a hipótese da escrita como um processo de cura, mergulhando nos escritos de Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo.

Para Carolina Maria de Jesus escrever era um ato de cura. Quarto de Despejo demonstra esse fato. Ela curava a fome, suas dores e medos quando se debruçava diante de um papel para escrever. Percebo que seus escritos retratam personagens, em sua maioria, mulheres negras que buscam superar suas dores e medos no cotidiano, muitas vezes atravessadas por essa escrita e leitura.

E para você, Conceição Evaristo, a escrita é um ato de cura? Em algum de seus textos você fala expressamente sobre esse processo de cura?

A escrita para Carolina é o lugar da salvação, mas também é o lugar da dor porque é o momento de não só de uma autoanálise, mas também o de falar da

favela, falar do entorno, da política. Não é somente uma escrita de si para Carolina. Eu não sei se é um processo de cura... Talvez eu vá exagerar, mas em algumas situações, elas são incuráveis. Eu penso muito a literatura como um lugar de vingança. Tudo que você não pode dizer ou não pode resolver, pelo texto literário você resolve. Ou se você não resolve você questiona muito mais do que você questionaria de outra forma. A literatura, para mim, vale muito, pois é o meu lugar de briga também. Algumas situações são incuráveis. É um lugar de vingança. Literatura, para mim, é um lugar de briga, é um lugar que eu digo tudo. Lugar que você expõe as feridas. Escrever é uma maneira de sangrar. Que pode ser um lugar de cura..., mas quem estanca esse sangue?

Eu sou dada como uma pessoa mais passiva, compreensiva. As pessoas não me veem como uma pessoa muito enfática quando eu estou com raiva. Então, a literatura, para mim, funciona como um lugar que eu digo tudo. É o lugar que eu digo tudo, pois sou uma pessoa ruim. Como é ficção você pode ser ferina, mas é preciso que o outro tenha uma perspicácia para ler o seu texto e ler o que você quer dizer. Professor Eduardo de Assis fala dessa brutalidade poética. É o lugar que você fala da dor, que expõe as feridas, por isso, em *Olhos d'água* a personagem diz: "Escrever é uma maneira de sangrar." Se você pensa que sangrar é uma maneira de depuração pode até ser então um lugar de cura, mas a literatura, a arte, para mim, é um lugar de sangrar. Não sei quem estanca esse sangue ou se, às vezes, esse sangue tem que levar a uma exaustão tamanha para renovar-se. A Escrivência é um processo de escuta, pois quem conta precisa que essa escuta exista. (EVARISTO, 2022)⁴⁷

Para Evaristo pensar a escrita como um processo de cura é ser atravessada por um gosto mais voltado para a vingança. Pensar na escrita como um processo de cura é adoçar as palavras e, para ela, a escrita é um ato de sangrar.

Carolina Maria de Jesus não respondeu a esse questionamento, mas seus escritos comprovam sua posição. Em *Diário de Bitita Carolina* retrata memórias da criança curiosa que foi, com olhar e ouvidos atentos para descobrir o mundo.

No livro, Carolina relembra uma incessante dor de cabeça, cujo diagnóstico do médico a leva a se curar e ao mesmo tempo, resistir ao preconceito, desde criança.

Minha mãe queixou-se que eu chorava dia e noite. O médico disse-lhe que o meu crânio não tinha espaço suficiente para alojar miolos, que ficavam comprimidos, e eu sentia dor de cabeça. Explicou-lhe que até os vinte e um anos eu ia viver como se estivesse sonhando, que minha vida ia ser atabalhoada. Ela vai adorar tudo o que é belo! (JESUS, 2014, p. 74)

O espaço insuficiente em seu crânio que causava a dor de cabeça e a sentença de uma vida atabalhoada já eram indícios de uma vida cercada de preconceitos e limitações. Mesmo antes de aprender a escrever, Carolina vivenciara as histórias contadas pelo seu avô.

⁴⁷ Encontro online com Conceição Evaristo. Disciplina Práticas Psi: oralidades e subjetividades, Tema: As Escrivências de Conceição Evaristo, organizadas pelas professoras Jonê Baião e Luiza Oliveira, Universidade Federal Fluminense, 23/06/2022.

Recorreu à memória autobiográfica, num ato de lembranças e esquecimentos, fazendo uma autorreflexão, com ênfase na denúncia das condições sociais entre gênero, raça e classe, dialogando com as memórias de outros indivíduos em condições semelhantes.

Cheguei em casa, aliás meu barracão. Pensei na vida atribulada que eu levo. Cato papel, lavo roupa para dois jovens, permaneço na rua o dia todo. E estou sempre em falta. A Vera não tem sapatos. E ela não gosta de andar descalça. Saí indisposta, com vontade de deitar. Mas, o pobre não repousa. Não tem privilégio de gozar descanso. Aproveitei minha calma interior para eu ler. Peguei umas revistas e sentei no capim, recebendo os raios solar para aquecer-me. (JESUS, 2014, p. 19)

Pensar a leitura e a escrita de Carolina como um refúgio para não perceber a fome, o cansaço e as dores ou como um ato de cura? Para Carolina a “fome também é professor” pois, em Quarto de Despejo relatou que o Brasil precisava ser governado por alguém que já passou fome, refletindo sobre o abismo entre os governantes e favelados, denunciando as péssimas condições em que vivia, “vou escrever um livro referente a favela. Hei de citar tudo que aqui se passa.” (2005, p. 17).

Em Casa de Alvenaria as dores eram outras, pois não sentia mais fome, refletindo sobre a elite e a classe intelectual com quem contactava. Carolina escreveu que não estava tranquila em escrever sobre os ricos. “Eles são poderosos e podem destruir-me. (...) Estes dias eu não estou escrevendo. Estou pensando, pensando, pensando. Quando escrevi sobre os favelados fui apedrejada...” (1961, p. 83). Carolina já havia percebido as outras faces de ser marginalizada.

Percebia a escrita como forma de denúncia e de criação, pois sentia a dificuldade em ser aceita pelo cânone.

Estou escrevendo e pretendo continuar a escrever. Agora que eu estou encaixada dentro do meu ideal que é escrever. Tenho impressão que estou regressando ao passado, que estou voltando aos 20 anos, aos 18... Eu era revoltada. Não acreditava em ninguém. Odiava os políticos e patrões, porque o meu sonho era escrever e o pobre não pode ter ideal nobre. (JESUS, 1961, p. 26)

Carolina percebia que a cultura letrada era restrita aos espaços não acessíveis a pessoas que eram oriundas das favelas, mas quis romper com esses estereótipos “como se vê, todos têm um ideal que é o combustível da alma.” (JESUS, 2014, p. 24) e o dela era escrever.

Uma escrita que a curava de suas dores mais profundas, mais intensas. Para se salvar dessas dores Carolina registrou suas memórias, sua identidade: “Eu disse: o meu

sonho é escrever! Responde o branco: ela é louca/ O que as negras devem fazer/ É ir para o tanque lavar roupa.” (JESUS, 2018, p. 7).

A relação em que Carolina estabelece entre escrever e ler os dramas da vida que ela presenciava e registrava, referindo-se à tristeza, insatisfação, melancolia, fome, a levava, desde a sua infância, a relembrar as memórias dos relatos dos seus ancestrais. Contudo, os diferentes dramas permanecem, pois nos diferentes lugares em que viveu viu-se outsider, deslocada, estrangeira, insatisfeita em sua cidade.

Hoje 24 de julho, estou, reiniciando a escrever o meu Diário, crêio que, não poderei viver sem escrever porque os dramas, continuam acontecer enquanto vivemos.” (JESUS, 1996, p. 116)

Para Collins, as mulheres negras desenvolveram “uma forma peculiar de ver a realidade”, pois viveram às margens por muito tempo. “Olhávamos tanto de fora para dentro quanto de dentro para fora”, compreendendo ambos os espaços.

Escrever, a partir dessas limitações é um elemento importante para que essas mulheres negras enfrentem essas relações de opressão do cotidiano: “A criatividade é uma esfera que a ajuda a lidar com a vida cotidiana e transcendê-la (COLLINS, 1986, p.112). Carolina, ao escrever, criava a partir do seu cotidiano.

A presença da leitura e da escrita era essencial para a vida de Carolina; “passei o resto da tarde escrevendo. Tomei banho. Esquentei a comida. Li um pouco. Não sei dormir sem ler. Gosto de manusear um livro” (2005, p. 22).

Carolina escrevia sobre a favela e sobre a realidade econômica e política que a atravessava:

12 de junho Eu deixei o leito as 3 da manhã porque quando a gente perde o sono começa pensar nas misérias que nos rodeia. Deixei o leito para escrever. Enquanto escrevo vou pensando que resido num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol. Que as janelas são de prata e as luzes brilhantes. Que a minha vista circula no jardim e eu contemplo as flores de todas as qualidades. É preciso criar esse ambiente de fantasia para esquecer que eu estou na favela. (JESUS, 2005, p. 52)

Para curar-se das dores Carolina utiliza o imaginário e a fantasia, pois decidiu escrever para não pensar na miséria que a envolvia, sem perder, no entanto, o olhar observador sobre o que a cercava. “Eu classifico São Paulo assim: o palácio é a sala de visita. A prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos.” (JESUS, 2005, p. 28). Carolina sofre ao ver seus filhos com fome, sem ter condições financeiras de sanar essa dor:

Quando cheguei do palácio que é a cidade os meus filhos vieram dizer-me que havia encontrado macarrão no lixo. E a comida era pouca, eu fiz um pouco de macarrão com feijão. E o meu filho João José disse-me: - Pois e. A senhora disse-me que não ia mais comer as coisas do lixo. Foi a primeira vez que vi a minha palavra falhar. Eu disse; - É que eu tinha fé no Kubtchek. - A senhora tinha fé e agora não tem mais? - Não, meu filho. A democracia está perdendo os seus adeptos. No nosso país tudo está enfraquecendo. A democracia é fraca e os políticos fraquíssimos. E tudo que está fraco, morre um dia. (JESUS, 2005, p. 28)

Carolina disse que foi a primeira vez que viu sua palavra falhar, pois acreditou que, com a mudança do governo a vida iria melhorar para o povo pobre. Não só Carolina, mas milhares de famílias não conseguem manter suas palavras, pois ao sonharem com um futuro melhor, muitas vezes são puxados para uma realidade de fome, violência e destruição.

3.4 Favela é lugar de gente que se quer bem

Eu sei que não morrer, nem sempre é viver.
Conceição Evaristo

A família de José Felipe não foi diferente. Macambira como era chamado pelos amigos em Cidade de Deus. Macambira é uma planta existente no Nordeste, conhecida por sua capacidade de sobreviver em ambientes secos e de solo pobre a torna uma planta resistente e adaptável.

E assim era José Felipe, oriundo do Nordeste, veio para o Rio de Janeiro com sua mulher e filhos para tentar uma vida melhor. Logo fez amizade com Severino e o apelido surgiu: Macambira.

Severino e Macambira tornaram-se melhores amigos e às tardes sentavam-se à mesa do bar da rua onde moravam para conversarem, rirem dos acontecidos durante o dia e jogarem cartado com alguns outros amigos que iam chegando. Muitos deles não iam em casa, ficavam por ali mesmo na esperança de relaxarem do cotidiano de opressão a que se submeteram durante o dia. Walter, filho mais velho de Macambira, era um dos que amavam vivenciar a energia das brincadeiras e amizades.

Severino era o mais gaiato de todos. Gostava de apelidar os amigos e o apelido de Macambira foi criado por ele. Após um tempo, Severino não mais podia estar sentado naquela mesa de bar, pois sofreu um AVC e estava sob cuidados médicos. Já não havia mais as risadas e alegria.

Depois de algum tempo Macambira ficou sem o seu melhor amigo, pois Severino, após um ataque do coração, veio a falecer. A energia da rua não era mais a mesma, pois a alegria dos encontros perdeu o brilho. Agora Macambira não tinha mais motivos para sentar-se naquela mesa e ri das agruras do cotidiano. Seu amigo não estava mais ali...

Naquela mesa ele sentava sempre
 E me dizia sempre o que é viver melhor
 Naquela mesa ele contava histórias
 Que hoje na memória eu guardo e sei de cor
 Naquela mesa ele juntava gente
 E contava contente o que fez de manhã
 E nos seus olhos era tanto brilho
 Que mais que seu filho
 Eu fiquei seu fã

Eu não sabia que doía tanto
 Uma mesa num canto, uma casa e um jardim
 Se eu soubesse o quanto dói a vida
 Essa dor tão doída não doía assim
 Agora resta uma mesa na sala
 E hoje ninguém mais fala do seu bandolim

Naquela mesa 'tá faltando ele
 E a saudade dele 'tá doendo em mim
 Naquela mesa 'tá faltando ele
 E a saudade dele tá doendo em mim.

Fonte: [LyricFind](#)
 Compositores: Sergio Bittencourt

Após a morte de seu amigo Macambira ficou mais triste. Trabalhava, jogava o carteadado, bebia com os demais amigos, mas a alegria não era mais a mesma. Tornou-se um pintor exímio, dando dignidade a sua família. Maria Odete, sua esposa, lavava e passava roupas para ajudar nas despesas, pois tinham oito filhos, sendo que um morreu atropelado nas vielas de Cidade de Deus.

Macambira foi deixando as dores pesarem mais em sua vida e começou a beber mais do que poderia controlar. Antes bebia somente nos finais de semana, mas a fuga da realidade passou a ser cotidiana. Perdeu o contato de bom pintor e passou a fazer bicos que davam apenas para sustentar o vício que o destruía.

A família foi se separando um a um até que, numa noite, Macambira, num ato de loucura, jogou uma panela de água fervente no corpo de Maria Odete, sendo inviável continuarem vivendo sob o mesmo teto. Macambira perdeu o brilho, perdeu o sorriso largo e ficou sozinho na casa que, antes, era tão feliz.

Todos os filhos esqueceram de sua existência, tendo apenas Irani, a filha mais velha, lhe estendido a mão. Vinha todo final de semana para lembrar ao pai o prazer de viver. Macambira morreu, após alguns anos, de cirrose hepática.

Não conseguiu resistir as dores de uma vida de solidão. Não conseguiu manter sua palavra de que iria cuidar de sua família. Antes de morrer, teve um lapso de lucidez e pensou que não conseguiu manter sua palavra...

Assim como Carolina, revoltou-se por não conseguir manter sua palavra e mergulhou na bebida, mas ela não ficou entorpecida e anestesiada pela dor. Carolina incomodava, denunciava as péssimas condições de vida dos moradores que viviam na favela do Canindé. Ao denunciar, narrava histórias de vida.

Cheguei na casa do nortista. E aquela que reside perto do senhor Rodolfo. Toquei a campainha duas vezes. Ela surgiu e mandou-me entrar. Subi os degraus depressa. Os filhos acompanhou-me. Ela ajudou-me a carregar a geladeira. Disse-me que não podia fazer força porque tem o braço quebrado. Perguntei se tinha filhos – 2. Um morreu. E o outro casou-se. – De que morreu o outro? – Suicidou-se. – Oh! Então a senhora já está morta. Porque foi que o seu filho suicidou-se? – Mulher! (JESUS, 1996, p. 50)

Seu cotidiano era atravessado pelas vivências de outras mulheres. Carolina escuta a dor de outra mulher como a questiona, relatando um fragmento de sua vida para o seu diário. São histórias de dores que se repetem e se atravessam em suas trajetórias. E as dores dessas mulheres são tão fortes que precisam compartilhar umas com as outras para desabafarem e serem consoladas.

Quando fui catar papel fui conversando com a Juana do Binidito que disse-me que não mais suporta a Deolinda e o seu esposo. Quando bebem, o Calão entra em cena. Que ela já está cansada de residir na favela. Mas o que há de fazer! Se não tem para onde ir. Fui com a Juana até o ponto do bonde. Encontrei com a Rosalina que disse-me que a dona Maria Espanhola vai internar a sua filha Maria José porque está com mancha no pulmão. (JESUS, 1996, p. 73)

Em Canindé, como em Cidade de Deus, as histórias se repetem, pois é um ambiente de dor e violência, vivenciados pelos habitantes do lugar. Há momentos de alegria, fraternidade e troca, mas as dores são companheiras assíduas do lugar.

Carolina tinha o cuidado de ouvir essas mulheres e suas histórias eram tão doídas que, para curar-se dessas dores, precisava escrever, registrando-as em seus cadernos, costurando uma história na outra, entrelaçando-as no cotidiano.

A vida era doída, mas relatar essas passagens do cotidiano, em sua escrita, trazia uma certa leveza de que, através dessas histórias no papel, ganhassem uma roupagem mais leve e já não doessem tanto.

Quando eu fui pegar água contei para a dona Angelina que eu havia sonhado que tinha comprado um terreno muito bonito. Mas eu não queria ir residir lá porque era litoral. E eu tinha medo dos filhos cair no mar. Ela disse-me que só mesmo no sonho que podemos comprar terrenos. (JESUS, 1996, p. 64)

Carolina narra o sonho para a vizinha que a escuta, mas não acredita ser possível sua concretização. Carolina ainda escreve: “A coisa mais linda é o sonho do poeta. Achei graça nas palavras de dona Angelina que disse uma verdade. O povo brasileiro só é feliz quando está durmindo” (JESUS, 1996, p. 64).

Sonha e cria uma realidade que não conseguirá atingir, mas tanto para Angelina quanto para Carolina, a pobreza as impediu de conquistarem o sonho de terem um terreno, sendo possível somente através de seus sonhos.

Os escritos de seu diário são partes de seus cotidiano e observações sobre os seus vizinhos e suas realidades.

O Adalberto errou o quarto. Em vez de entrar no dele entrou no quartinho da Aparecida. E os favelados queriam retirá-lo de lá, porque se o Negão chegasse havia de espancá-lo. Eu fui retirá-lo porque ele me obedece. Resolveu sair. Quando eu fui deitá-lo ele disse: - Sabe Carolina, eu sou um homem infeliz. Depois que morreu Marina nunca mais ninguém me quiz. Eu dei uma risada porque percebi que ele havia falado e formado uma quadrinha. Parei de rir porque a tristeza de sua voz comoveu-me. Marina foi uma mulher negra que viveu com ele. Bebia muito. E morreu tuberculosa com 21 anos. (JESUS, 2005, p. 147)

Além de observar e resgatar a cena através da escrita, Carolina auxilia o vizinho, solidarizando-se com sua dor, numa exímia ajuda mútua. Não só a escrita das histórias a interessava, mas pensar formas de ajudar e solidarizar-se com seus pares. A solidariedade é uma forma de cura, pois ter empatia com as dores e gozos do outro é ser solidário.

Carolina aprendeu a ser solitária e, num misto de força e proteção, escolheu a solidão para caminhar, buscando realizar seus ideais. Não era qualquer um que entenderia o que tanto buscava e, para não ter maiores conflitos por acharem que era louca, preferiu a solidão. Uma opção que foi difícil de tomar, pois num ambiente de faltas como o espaço da favela, optar pela solidão é sofrer com maior intensidade.

Naquele espaço poderia contar com uns poucos amigos e muitos inimigos que, por não a conhecerem ou frequentarem sua vida, a taxavam de louca, metida, impostora.

Carolina optou por ser só, mas não se furtava em ajudar a quem precisava. Enfrentava homens e mulheres, servindo como uma rede de apoio aos que precisavam, pois acreditava na ajuda mútua, apesar de muitas vezes que precisava, não a receber.

Ao retornar para o barraco, muitas vezes sentiu o peso da solidão, mas acreditava que era a decisão mais acertada para construir o caminho que buscava. As histórias que ouvia e se solidarizava eram escritas em seus diários, numa tentativa de, ao escrever, compreender as mazelas e dores que vivenciara e purgar o que vivenciou.

Ser só, para um número significativo de mulheres, principalmente as mulheres negras, é uma forma de curar as fragilidades do cotidiano, pois, no início vem o medo, a angústia, o choro, mas, ao perceber que é possível viver em sua própria companhia, há a cura do medo, da solidão.

E quando esse movimento acontece, essas mulheres ficam mais seletivas, pois não é qualquer corpo que poderá ocupar esse lugar de companheiro. Carolina entendeu tudo isso e optou por ser seletiva em suas escolhas.

O amor-próprio talvez seja a maior expressão do amor, pois ter consciência de suas fragilidades e de suas potências nos faz perceber que não precisamos estar ao lado de ninguém para sermos felizes. Gostar de estar em sua própria companhia é uma forma de se curar e isso, Carolina aprendeu desde Bitita.

3.5 Para Conceição Evaristo, a escrita é um processo de cura ou não?

Perdoe, mas não esqueça.
Emicida

Os escritos de Conceição Evaristo respondem essa pergunta por ela. Aliás, ela, talvez, já tenha respondido a esse questionamento desde quando ouvia as conversas de sua família e vivenciava o cotidiano, envolta em muitos risos, fantasia e histórias de seus ancestrais.

“O olho do sol batia sobre as roupas estendidas no varal e mamãe sorria feliz. Gotículas de água aspergindo minha vida-menina balançavam ao vento. Pequenas lágrimas dos lençóis. Pedrinhas azuis, pedaços de anil, fiapos de nuvens solitárias caídas do céu eram encontradas ao redor das bacias e tinas das lavagens de roupas. Tudo olho do sol batia sobre as roupas estendidas no varal e mamãe sorria feliz. Gotículas de água aspergindo minha vida-menina balançavam ao vento. Pequenas lágrimas dos lençóis. Pedrinhas azuis, pedaços de anil, fiapos de nuvens solitárias caídas do céu eram encontradas ao redor das bacias e tinas das lavagens de roupas. Tudo me causava uma comoção maior. A poesia me visitava e eu nem sabia...” (EVARISTO, 2017b)

A poesia era o cotidiano de uma vida simples, mas rodeada de histórias, de um ir e vir de pessoas que faziam a vida ser mais leve, mais colorida e cheia de histórias. Esse cotidiano foi importante para Conceição Evaristo se familiarizar com ideias e personagens que, mais tarde, viriam a fazer parte de seu texto.

Mãe lavadeira, tia lavadeira e ainda eficientes em todos os ramos dos serviços aprendi a arte de cuidar do corpo do outro. Aos oito anos surgiu meu primeiro emprego doméstico e ao longo do tempo, outros foram acontecendo. Minha passagem pelas casas das patroas foi alternada por outras atividades, como levar crianças vizinhas para escola, já que eu levava os meus irmãos. O mesmo acontecia com os deveres de casa. Ao assistir os meninos de minha casa, eu estendia essa assistência às crianças da favela, o que me rendia também uns trocadinhos. Além disso, participava com minha mãe e tia, da lavagem, do apanhar e do entregar trouxas de roupas nas casas das patroas. Troquei também horas de tarefas domésticas nas casas de professores, por aulas particulares, por maior atenção na escola e principalmente pela possibilidade de ganhar livros, sempre didáticos, para mim, para minhas irmãs e irmãos. (EVARISTO, 2009)⁴⁸

Conceição Evaristo, em seu cotidiano de uma infância feliz, rodeada de histórias e livros, entendeu, desde muito cedo, que escrevivência passava pela vivência em sua própria casa, juntamente com seus familiares, rodeadas de histórias e de outras maneiras de vivenciar os gozos e as dores suas e de sua família.

Quando a luz da lamparina era apagada, a escuridão do pequeno cômodo, em que dormíamos com mamãe, me doía. Ao apagar as luzes, minhas irmãs logo logo adormeciam, confortadas com as lembranças de nossas falantes brincadeiras, em que, muitas vezes, a mãe era protagonista. Aí, sim, a noite e seus mistérios se abatiam sobre mim. E tudo parecia vazio a pedir algum gesto de preenchimento. Escutava ainda os passos de minha mãe se afastando. Instantes depois, podia colher pedaços da voz dela, colados a outros de minhas tias e de vizinhas mais próximas. Apurava os sentidos, mas o teor profundo das conversas me fugia, diluindo-se no escuro. Então eu inventava dizeres para completar e assim me intrometer nas falas distantes delas. Todas as noites, esse era o meu jogo de escrever no escuro. (EVARISTO, 2017, p. 77)

Nesse ato de adormecer, ouvindo as histórias de sua mãe e tias, Conceição Evaristo começou a entender a importância de escrever. Talvez, nesse momento, a cura para todas as dores que ainda viriam fossem amenizadas por essas lembranças que ouvira,

⁴⁸ EVARISTO, Conceição. Escritora Conceição Evaristo é convidada do Estação Plural: depoimento (jun. 2017). Entrevistadores: Ellen Oléria, Fernando Oliveira e Mel Gonçalves. TVBRASIL, 2017a. YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Xn2gj1hGsoo>. Acesso em 15 jul. 2018. EVARISTO, Conceição. Poemas da recordação e outros movimentos. Rio de Janeiro: Malê, 2017b. EVARISTO, Conceição. Depoimento cedido durante o I Colóquio de Escritoras Mineiras, realizado em maio de 2009, na Faculdade de Letras da UFMG. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>. Acesso em: 08 set. 2024. EVARISTO, Conceição. Becos da memória. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

quando criança. Talvez, lembrar o conteúdo dessas conversas fossem o início dos atravessamentos que a fizeram ter a sensibilidade para uma escrita em que os personagens tivesse as características de homens e mulheres que se parecessem com os corpos e sentidos reais.

Em meio ao medo instalado e à necessária coragem, ensaiamos movimentos ancorados na recordação das proezas antigas de quem nos trouxe até aqui. E, apesar das acontecimentos do banzo, seguimos. Nossos passos vêm de longe... Sonhamos para além das cercas. O nosso campo para semear é vasto e ninguém, além de nós próprios, sabe que também inventamos a nossa Terra Prometida. É lá que realizamos a nossa sementeira. Em nossos acidentados campos – sabemos pisar sobre as planícies e sobre as colinas – a cada instante os nossos antepassados nos vigiam e com eles aprendemos a atravessar os caminhos das pedras e das flores. É deles também o ensinamento de que as motivações das flores são muitas. Elas cabem no quarto da parturiente, assim como podem ser oferendas para quem cumpriu a derradeira viagem (EVARISTO, 2017, p. 107)

Conceição Evaristo entendeu a importância de seus ancestrais para que ela fosse quem é e que pudesse ter caminhado até aqui. Entendeu que reverenciar os nossos mais velhos é preparar o caminho para quem está chegando, caminhando, florescendo. Enxergou que os caminhos são preparados pelos nossos mais velhos e que eles precisam que continuemos esse caminho para que eles possam se curar, pois, a cura vem dessa continuidade, desse movimento de seguir. Se esse ato não for um processo de cura, não vejo sentido nesse movimento.

Tudo que escrevo, tanto do ponto de vista literário, quanto meus ensaios e pesquisas, são profundamente marcados pela minha condição de mulher negra na sociedade brasileira. Então eu procuro trazer no meu texto personagens, homens, mulheres, crianças, ambientes, posturas de vida, acontecimentos praticamente relacionados com a minha experiência enquanto mulher negra, nesse ambiente de corpos africanos escravizados no Brasil. Há toda uma herança histórica do povo negro presente no meu texto como memória, retomando alguns fatos, ou como acontecimentos do cotidiano. (EVARISTO, 2018)

Escrita que está atravessada pela condição do que se é, uma mulher negra que vivenciou o cotidiano de seus mais velhos e conseguiu dimensionar a importância dessas conversas como atravessamentos para uma escrita que reverenciasse sua infância, seus iguais, seu cotidiano.

Às vezes, não poucas, o choro da personagem se confundiu com o meu, no ato da escrita. Por isso, quando uma leitora ou um leitor vem me dizer do engasgo que sente, ao ler determinada passagem do livro, apenas respondo que o engasgo é nosso. (EVARISTO, 2017, p. 7)

Quando Conceição Evaristo relata que seu choro se confunde com o choro da personagem ela nos remete a ideia de que as dores de um corpo negro feminino são

comuns às mulheres negras, como se fosse uma dor sentida por todas nós e a importância dessa dororidade. Uma dor que, quando curada, consegue fortalecer todos os outros corpos negros que comungam dessa luta e dessa ancestralidade.

Uma dor que passa pelo despejo, que passa pela negação de tudo que sonhamos realizar junto aos nossos e nossas. Uma dor que, se curada, gera força e potencializa aos que virão depois. Uma força que reverbera cuidando e curando corpos negros que durante séculos foram escravizados e tidos como despejos. Despejos de gozos não permitidos, despejos de dores por partos não consentidos, despejos por trabalhos escravizados, despejos por vermos os nossos sendo violentados em suas vontades, enfim, despejos de tudo aquilo que nos afasta de nossa ancestralidade e de nossa essência.

Por tudo que nos remete aos despejos, precisamos encontrar caminhos para nos fortalecer e essa força está atravessada por uma atitude, por um basta, por um chega, por um outro caminho, por um escrever, por uma cura.

Carolina Maria de Jesus veio abrindo caminho para que uma de nossas possibilidades de cura fosse encontrada através da escrita. Ela nos mostrou com sua vida que escrever é um ato de cura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

**A gente é criada para ser assim, mas temos que mudar.
Precisamos ser criadas para a liberdade.
O mundo é grande demais para não sermos quem a gente é.**
Elza Soares

Falar sobre escrevivências é falar sobre mim e sobre todos os meus ancestrais que abriram caminho para que eu estivesse aqui. Por muitas vezes me revoltei por pensar que estava só e que não importava o que eu fizesse, a sensação do despejo estava em mim.

Escrever a tese *Escrevivências e Quarto de despejo: quem irá contar essa história?* me leva a lugares onde me senti despejo, me leva a sensações que vivi ao ser remetida a esse quarto de despejo, mas também me faz perceber que eu não estava só nesse lugar. Que para eu estar ali, antes, o caminho foi revisitado pelos meus ancestrais. Talvez esse caminho, ao ser atravessado por mim, ajudou a alguns desses ancestrais a encontrar o caminho da cura, pois eu me curando, passado e presente também se curam.

Nas hipóteses apresentadas, entendo que nos estudos de Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo há um processo de cura, pois Escrevivência passa pela cura, passa por entendermos nossos despejos, que o racismo nos adocece e a conexão com o nosso eu e com os nossos ancestrais, nos cura.

Utilizar as lentes teóricas decolonial e libertária para enfrentar essa temática me fez concluir que os textos de Carolina e Conceição estão impregnados dessas teorias. Carolina vivenciou os conceitos de liberdade, igualdade, horizontalidade, autogoverno, ajuda mútua quando enfrentava suas dores e ajudava a quem precisava, pois sabia dividir o pão para que ninguém ficasse com fome ao seu lado, brigava por quem não tinha mais forças e era uma referência para outras mulheres que não tinham mais forças para se defenderem dos seus companheiros, num ambiente de opressão e violência.

Carolina tinha consciência de gênero, raça e classe e utilizou seus escritos para mostrar ao mundo o que tinha por detrás do quarto de despejo. Lutou contra os despejos que esse lugar de mulher negra e favelada a colocou.

Entendeu, na prática, que ajuda mútua se faz no cotidiano, através de atos e palavras. Entendeu que a colonialidade do ser, do saber e do poder nos colocam em um lugar de subserviência e que precisamos romper com esses estereótipos por nós e pelos nossos.

Conceição Evaristo, através de seus personagens, nos faz refletir e se emocionar com suas histórias, atravessadas pelo gênero, raça e classe e pelos conceitos libertários e decoloniais, pois, através dos seus textos, nos faz enfrentar a imagem do espelho que nos faz perceber as semelhanças de nossas dores e gozos.

Descobri, através de Ponciá Vicêncio, o quanto estamos conectados com a nossa ancestralidade e o quanto, ao nos curarmos, curamos quem está em nosso entorno, quem veio antes e quem virá.

Encontrar respostas para os questionamentos apresentados nesta tese foi um grande desafio. Talvez, não tenha respostas definitivas para todas elas. A trajetória percorrida me levou a várias descobertas, em busca de alcançar o objetivo geral, numa conversa com Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo e como os escritos dessas autoras são um processo de cura.

Afirmo, após essa pesquisa, que a escrita, nos textos de Carolina e Conceição, são um processo de cura e que o conceito de Escrivivência é ampliado na medida em que ousamos fazer uma releitura dessas obras, atravessadas pelas teorias decolonial e libertária, enxergando os conceitos elencados nessa tese.

Considero e comprovo Quarto de Despejo como um conceito que não se limita ao espaço físico da favela, mas um conceito que se amplia no desconforto, no racismo, no não-lugar, pois a cada vez que sofremos as dores do racismo somos remetidos a esse despejo, a um lugar que querem nos fazer acreditar que temos que pedir licença para sair dele.

Considero e comprovo também a cura como um conceito, no sentido de volta ao passado, resgatando as vivências ancestrais, restabelecendo o vínculo de força, de poder, de luta, de recuperação, enxergando a força dos ancestrais, reverenciando o que eles/elas fizeram para que possamos estar aqui, nesse tempo, buscando continuar o caminho da cura.

No Primeiro Capítulo trago o questionamento se a pele negra nos faz ser os condenados do presente, mergulhando nas dores e nas perdas desses corpos que vivem no despejo, violentados e exterminados por corpos que detém o poder e por políticas públicas que atuam para uma Necrofilia Colonialista Outrocida e para o Historicídio. Uma luta que atravessa gerações e nos coloca nesse lugar de condenados do presente pela cor da nossa pele.

Não importa a condição social, pois a colonialidade do poder, do saber e do ser nos empurram para um lugar de despejo, pois, a condição social e os títulos acadêmicos não resguardam os corpos negros que teimam em fazer parte desses lugares.

Mulheres e homens negros têm que provar a todo o tempo que não estão nesses lugares por permissão dessa colonialidade, mas porque conquistaram esses espaços e que nos faltam oportunidade para um número maior de corpos negros estarem nesses espaços.

Kathlen Romeu é um símbolo desse extermínio, desse despejo. Foi simbólico uma mulher negra, de 24 anos, grávida de três meses de seu primeiro filho, ao lado de sua avó, ancestral que se curava ao ver sua neta encontrar o caminho que a tirava desse quarto de despejo, ser violentamente assassinada por policiais com um tiro de fuzil no peito, matando também seu filho que era gerado em seu ventre. Um assassinato de sua história, de seus sonhos, de seus ancestrais, pois para os que ficaram, o despejo foi mais forte e os remeteu a esse não-lugar, que é atravessado pela dor, pela injustiça, mas também por uma busca por justiça, pois essa dor só começará a ser curada na medida em que outros corpos negros sejam respeitados em seu direito de ir e vir e que o Princípio da Dignidade Humana, ancorado na Constituição Federal de 88, em seu artigo 5.º, seja para todos e todas.

No Segundo capítulo passeio pelos escritos de Carolina Maria de Jesus, como uma mulher que se negou a ser despejo, como uma andarilha de um tempo, apresentando características de uma mulher que utilizou o arquétipo da malandra, demonstrando que romper com os estereótipos de que o favelado é um ignorante, que a oralidade é tão importante quanto o diploma acadêmico.

Carolina conseguiu o alimento para seus filhos e para si mesma, pois aprendeu que a ambiência das ruas deveria ser respeitada e que aprender a entender a energia das encruzilhadas era sobreviver, pois ela aprendeu a se defender, desde Bitita.

Nas encruzilhadas aprendeu a transgredir, a recusar o que lhe era imposto por quem não estava no lugar de despejo, pois catava papel e palavras, desobedecendo aqueles que achavam que o caminho natural de um corpo negro feminino era servir.

Carolina compreendeu, através dos ensinamentos das ruas, que desobedecer era libertário, numa busca por encontrar uma nova rota e abandonar os despejos que lhe fora imposto desde Bitita.

Aprendeu, nas ruas, o que era ajuda mútua, liberdade, igualdade, horizontalidade pois dividia o afeto e o pão com a mesma intensidade e importância, pois sabia a energia

que impregnava corpos negros os remetendo aos despejos que não estavam limitados aos muros da favela.

Carolina aprendeu, desde Bitita, que a palavra era uma das proteções do corpo e que ser malandra ajudava a sobreviver. Malandra no sentido de entender as entrelinhas de um discurso perverso que não aceitava uma mulher negra, favelada, escritora, que escrevia a partir de um lugar que não a diminuía, não a limitava. Sobreviveu com o trabalho das ruas, mas realizava-se com o trabalho da escrita, pois escrever era o caminho da cura, o caminho que a fazia sair do labirinto do despejo.

Um despejo que ousa intervir, após mais de sessenta anos da publicação de *Quarto de Despejo*, no prêmio Carolina Maria de Jesus, pois ao realizar o concurso, o Ministério da Cultura usou como nota de corte o critério de metodologias de avaliação excludentes, que continuavam a promover o racismo institucional e linguístico, pois o critério de maior peso, em caso de empate, era o domínio técnico e inventividade no uso dos recursos linguísticos, desconsiderando a pluralidade linguística utilizados pela população brasileira, contrariando o legado de Carolina Maria de Jesus e, mais uma vez, a remetendo ao quarto de despejo.

No Terceiro Capítulo trago a discussão da escrita da diferença em *Outside Within*: a recusa da possibilidade de ser outra, atravessada pela cura, pois para Carolina a cura era atravessada por várias realidades: fome, dor, amigos, vizinhos, família e escrita.

A fome foi a responsável por fazer Carolina mergulhar com maior intensidade em seus escritos, buscando a cura, pois quando sentia fome, ao mergulhar em seus escritos, encontrava o alimento para a alma, esquecendo-se da fome física. Precisava escrever para se sentir viva, precisava escrever para se distanciar do despejo físico e emocional que teimavam em lhe dizer que não existia uma forma de sair daquele lugar, precisava escrever para se fortalecer e ecoar o grito de denúncia de tudo o que existia por trás do quarto de despejo.

Era curada pela dor que sentia ao enxergar uma realidade que a maioria não enxergava. Como não aceitar a proposta de casar-se com o português e ter uma vida sem encruzilhadas e sem fome? Como fazer as pessoas que viviam no despejo entenderem que Carolina precisava fazer a passagem da favela para a alvenaria por si mesma? Que esse movimento, para ela, significava mais do que sair da lama para o asfalto, significava se curar da dor do não-lugar.

Os amigos e os inimigos levavam Carolina para esse caminho de cura, pois exercitava a ajuda mútua, a solidariedade com quem, muitas vezes, a empurrava para esse

lugar de despejo. Lutava contra as opressões e demonstrava, através de sua postura, que o gênero não pode ser mais importante do que a raça e que mulheres, em sua maioria, negras, não poderiam ser violentadas em sua vida por homens, mesmo sendo seus iguais, nos espaços dos quartos de despejo.

Carolina enfrentava esses homens em busca de ajudar a essas mulheres, que, muitas vezes, não aceitavam ou entendiam o porquê de Carolina não se acomodar e se contentar com o quarto de despejo que tinha.

A família era um caminho para a cura, pois, desde Bitita, Carolina teimava em não desistir de lutar por seus sonhos. Em sua ingenuidade de criança achava que se passasse por debaixo do arco-íris viraria homem, pois homens são mais fortes e não sofrem... Descobriu, na própria pele, que a marca do despejo é preta e que, não importa o gênero para serem colocados neste não-lugar, mesmo corpos negros que conquistaram um poder econômico para frequentarem os espaços da alvenaria. Descobriu que lutar contra as opressões é se curar, é cultivar o amor-próprio.

E para Conceição Evaristo, a escrita é um processo de cura ou vingança?

“A escrita para Carolina é o lugar da salvação, mas também é o lugar da dor porque é o momento de não só de uma autoanálise, mas também o de falar da favela, falar do entorno, da política. Não é somente uma escrita de si para Carolina.” (EVARISTO, 2022)⁴⁹

Lugar de salvação, pois para Carolina a escrita é um lugar de cura, lugar onde encontrava o prazer que não tinha em seu cotidiano, lugar onde encontrava espaço para realizar o sonho que era escrever, lugar em que não havia preconceitos e sua escrita era a escrita de alguém que tinha o que dizer, lugar onde sua escrita não era atravessada pelo olhar de desprezo daqueles que só enxergavam escritores em corpos brancos e elitizados.

Lugar da dor, pois seu texto era de denúncia de expor um quarto de despejo que ultrapassava o espaço físico da favela, que a fazia enxergar as dores de quem não queria estar ali, no meio do lixo, da lama, dos insetos, mas não tinha outra alternativa para continuar sobrevivendo, por isso, a luta por uma escrita que a salvasse desse lugar de dor, de desprezo.

⁴⁹ Encontro online com Conceição Evaristo. Disciplina Práticas Psi: oralidades e subjetividades, Tema: As Escrivências de Conceição Evaristo, organizadas pelas professoras Jonê Baião e Luiza Oliveira, Universidade Federal Fluminense, 23/06/2022.

Eu não sei se é um processo de cura... Talvez eu vá exagerar, mas em algumas situações, elas são incuráveis. (EVARISTO, 2022)

Elas? As dores? Dores incuráveis passam também pela cura, pois para definir uma dor como incurável é porque houve um juízo de valor sobre o lugar que essa dor ocupa dentro de você. Identificar uma dor como incurável é fazer o movimento de tocar na ferida para verificar se ela ainda é uma dor insuportável ou se é possível tocá-la. Colocar essa dor incurável nesse lugar é fazer o movimento de tocá-la. Por isso, mesmo ainda doendo, ela está em movimento, buscando esse lugar de cura, de não doer tanto quanto doía, do suportável, apesar de...

“Eu penso muito a literatura como um lugar de vingança. Tudo que você não pode dizer ou não pode resolver, pelo texto literário você resolve. Ou se você não resolve você questiona muito mais do que você questionaria de outra forma. A literatura, para mim, vale muito, pois é o meu lugar de briga também. Algumas situações são incuráveis. É um lugar de vingança”. (EVARISTO, 2022)

Vingança é antagônico à cura? Se eu me vingou eu não me curo? Curar está num lugar que não é atravessado pelo sentimento de vingança? Há uma única forma de cura?

Talvez eu discorde de Conceição Evaristo quando ela diz que a literatura é um lugar de vingança e não de cura, pois Carolina Maria de Jesus conseguiu vingar-se de todos e todas que pensavam que lugar de mulher negra e favelada é no quarto de despejo. Vingou-se de todos e todas que pensavam que ela não poderia escrever, vingou-se quando seu livro *Quarto de Despejo* a levou para visitar vários países e divulgar sua obra e o que havia por trás dos muros da favela.

Vingou-se e curou-se! Curou-se na medida em que escrevia, curou-se quando enxergava um mundo cor de rosa, apesar da fome, curou-se quando conseguiu realizar o seu sonho de sair do quarto de despejo.

Conceição Evaristo, através das suas personagens, curou e vingou a todos e todas nós, corpos negros, que estávamos fadados a vivermos no quarto de despejo. Conseguiu, através de suas personagens, nos colocar de frente para um espelho, onde poderíamos repensar nossas dores, nossos gozos, nos curando e nos vingando na mesma proporção, atravessados pelo que a escrita nos proporciona que é seguirmos por essa descoberta do processo de transbordo. Como não se emocionar com Insubmissas lágrimas de mulheres? Como não se emocionar com Ponciá em suas dores e em seus gozos? Se isso não é

processo de cura, a vingança é muito necessária nesse lugar. Necessária no sentido de nos movimentar em busca de respostas, de reencontro, de reverência aos nossos ancestrais.

“Literatura, para mim, é um lugar de briga, é um lugar que eu digo tudo. Lugar que você expõe as feridas. Escrever é uma maneira de sangrar. Que pode ser um lugar de cura..., mas quem estanca esse sangue?” (EVARISTO, 2022)

Carolina expôs as feridas de quem vive no quarto de despejo e Conceição, em seus contos, expôs as feridas das personagens que são facilmente alguém que conhecemos ou talvez, nós mesmas.

E se eu me identifico com uma personagem ou história escrita é uma maneira de sangrar, pois, nesse encontro com essa personagem/história, eu me enxergo e consigo acessar formas de atravessar as dores e gozos que vivenciam. Esse sangue é estancado quando ele se esgota em si, quando coagula, pois, coagular é encontrar a ferramenta que nos faz vencer esse fluxo de dor, de sangrar. Talvez, o processo de sangrar seja o processo que nos levará ao caminho do alívio. Encontrar esse ponto de alívio é um dos caminhos para a cura, para o amor-próprio.

“Se você pensa que sangrar é uma maneira de depuração pode até ser então um lugar de cura, mas a literatura, a arte, para mim, é um lugar de sangrar. Não sei quem estanca esse sangue ou se, às vezes, esse sangue tem que levar a uma exaustão tamanha para renovar-se”. (EVARISTO, 2022)

Sangrar no sentido de remexer na ferida, retirar a casca e ficar cutucando para ver se ainda dói. Quem nunca fez esse movimento para ter certeza se realmente está curado de algum machucado? O processo de escrita passa por esse remexer, cutucar, sangrar...

Quantas vezes não mergulhamos em algum tema que nos fez sangrar, mas ao avançarmos nessa escrita, os caminhos nos levam a estancar esse sangue, curar essa ferida, pois ao escrevermos, encontramos as encruzilhadas que nos fazem optar por qual caminho seguir e, muitas vezes, ao optarmos pelo caminho da vingança, encontramos a cura e, em outras, ao optarmos pelo caminho da cura, nos vingamos do que nos paralisava, nos oprimia, nos matava.

“A Escrevivência é um processo de escuta, pois quem conta precisa que essa escuta exista.

(EVARISTO, 2022)

Escrevivência ultrapassa escrever, viver. Escrevivência é ampliado pelo ato de curar. O conceito criado por conceição Evaristo não se esgota nele mesmo, pois nos dá a

possibilidade de atravessá-lo com outras formas de passar por essas encruzilhadas. E para cada corpo é de uma maneira diferente.

Para uns Escrivência é um lugar de cura, para outros, de vingança, para outros, de encontro, para outros, descobertas, para outros, dor, para outros espelho. Enfim, atravessar esse caminho pode nos levar a lugares inimagináveis. Esse é o papel da literatura.

Peço licença aos mais velhos/as e dou a benção aos mais novos/as que continuarão essa discussão, pois, como epistemológicas negras que nós somos, ancoradas nos saberes de Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo, agradeço esse debate e abro caminho para que sigam nessa busca por conhecimentos e ampliação dos conceitos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. Os perigos de uma história única. Tradução Júlia Romeu. [Recurso digital] São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

AKOTIRENE, Carla. O que é interseccionalidade. In: RIBEIRO, Djamila (coord.). Feminismos Plurais. Belo Horizonte: Letramento, 2018.

ANZALDÚA, Gloria E. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do

terceiro mundo. *Revistas Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 229-236, 1. sem. 2000.

BAKUNIN, M. O princípio do Estado e outros ensaios. São Paulo: Hedra, 2008.

CARNEIRO, Sueli (2001) "Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero." In ASHOKA, Empreendedores Sociais e TAKANO Cidadania (org). *Racismos Contemporâneos*. Rio de Janeiro: Takano Disponível em: <http://www.unifem.org.br/sites/700/710/00000690.pdf>. Acessado em: 15/08/2021.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. *Estudos Avançados*. 17(49), p. 117-132, 2003.

CARNEIRO, Sueli. A construção do outro como não-ser como fundamento do ser. Tese (Doutorado em educação). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005. Disponível em: <https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/a-construc3a7c3a3o-do-outrocomo-nc3a3o-ser-como-fundamento-do-ser-sueli-carneiro-tese1.pdf>. Acesso em: 13 dez. 2023.

CARNEIRO, Sueli. FISCHMANN, Roseli. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

CARPINEJAR, Fabrício. Cuide de seus pais antes que seja tarde. Rio de Janeiro, Editora Bertrand Brasil, 2018, p. 26-27.

CASTRO, Alex. Quarto de Despejo, por Carolina Maria de Jesus.

COLLINS, Patrícia. Aprendendo com o outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. *Revista Sociedade e Estado*, v. 31, n.º 1, Florianópolis, jan/abril, 2016.

CRUZ, Eliana Alves. Solitária. 1.ª edição – São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 26, p. 13-71, jul./dez. 2005.

DALCASTAGNÈ, Regina. A auto-representação de grupos marginalizados: tensões e estratégias na narrativa contemporânea. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 42, n. 4, p. 18-31, dez. 2007.

DALCASTAGNÈ, Regina. Vozes e sombras: representações e legitimidade na narrativa contemporânea. In: _____. (Org.). *Ver e imaginar o outro: alteridade, desigualdade, violência na literatura brasileira contemporânea*. Vinhedo: Ed. Horizonte, 2008.

DAVIS, Angela. Mulher, classe e raça. Tradução Livre. Plataforma Gueto, 2013.

DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. *Escrevivência: a escrita de nós - Reflexões sobre as obras de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

DUSSEL, Enrique. Transmodernidade e interculturalidade: Interpretação a partir da filosofia da libertação. *Revista Sociedade e Estado*, v.31, n.1, jan/abr. 2016.

EMICIDA. "Mãe" [Part. Dona Jacira e Anna Tréa], Em *Sobre Crianças, Quadris, Pesadelos e Lições de Casa...* São Paulo: Laboratório Fantasma, 2015. CD.

EVARISTO, Conceição. *Becos da Memória*. 3.^a edição. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. 3.^a edição. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

EVARISTO, Conceição. *Histórias de leves enganos e parecenças*. Rio de Janeiro: Mallê, 2017a.

EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2015.

EVARISTO, Conceição. *Insubmissas lágrimas de mulheres (contos)*, Belo Horizonte, Nandyala Editora, 2011.

EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra, feminismo negro e tradução: uma entrevista com Conceição Evaristo. *Rev. Estud. Fem.* 26 (3) • 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2018v26n357055>.

FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EdUfba, 2008.

FOUCAULT, Michel. *A escrita de si. Ética, sexualidade, política*. 3. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2017. (Coleção Ditos e Escritos V).

GONZALEZ, Lélia. "A categoria político-cultural de amefricanidade". *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69-82, jan./jun. 1988a.

GONZALEZ, Lélia. "Por um feminismo afrolatinoamericano". *Revista Isis Internacional*, Santiago, v. 9, p. 133-141, 1988b.

GONZALEZ, Lélia. *Racismo e sexismo na cultura brasileira*. In: *Revista Ciências*

Sociais Hoje, Anpocs, 1984, p. 223-244. *Revista Fim do Mundo*, nº 4, jan/abr 2021.

GONZALEZ, Lélia. *Primavera para as rosas negras*. São Paulo: Diáspora Negra. 2018.

GROSGOUEL, Ramón. *La descolonización de la economía política y los estudios postcoloniales: Transmodernidad, pensamiento fronteirizo y colonilidade global*. Tabula Rasa. Bogotá – Colômbia. Nº. 4, 17-48, 2006.

GROSGOUEL, Ramón. Dilemas dos estudos étnicos norte-americanos: multiculturalismo identitário, colonização disciplinar e epistemologias descoloniais. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 59, n. 2, abr./jun. 2007. Disponível em:

<http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=0009672520070002&lng=pt&nrm=is>. Acesso em: out. 2012.

GROFOGUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. *Revista Sociedade e Estado*, v. 31, n. 1, p. 25 – 49, jan/abril. 2016.

GUIMARÃES, Geni. Leite do peito: contos; ilustrações de Regina Miranda. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2001.

hooks, bell. *Ensinando a Transgredir: Educação como prática da liberdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

hooks, bell. Mulheres negras: moldando a teoria feminista. *Revista Brasileira de Ciência Política*, Brasília, n.º 16, p. 193-210, 2015.

hooks, bell. “Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra”. Tradução de Cátia Bocaiúva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

JESUS. Carolina Maria de. *Quarto de Despejo*. Rio de Janeiro, Ed. Francisco Alves, 1960.

JESUS. Carolina Maria de. *Diário de Bitita*. São Paulo: Sesi Editora, 2016.

JESUS. Carolina Maria de. *Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada*. São Paulo: Livraria Francisco Alves: Editora Paulo de Azevedo Ltda, 1961. (Memórias).

JESUS. Carolina Maria de. *Casa de Alvenaria*, prefácio de Conceição Evaristo e Vera Eunice de Jesus. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, vol. 1, Osasco.

JESUS. Carolina Maria de. *Casa de Alvenaria*, prefácio de Conceição Evaristo e Vera Eunice de Jesus. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, vol. 2, Santana.

KILOMBA, Grada. O racismo é uma problemática branca. In: *Carta capital*, mar. 2016. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica>. Acesso em: 20 de agosto de 2021.

KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação: Episódios de Racismo cotidiano*. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KROPOTKIN, P. (2011), *A conquista do Pão*. Trad: César Falcão. RJ. Achiamé.

KROPOTKIN, P. *Ajuda mútua: um fator de evolução*. Tradução Waldyr Azevedo Jr. – São Sebastião: A Senhora Editora, 2009.

LEVINE, Robert M.; MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Cinderela negra: a saga de Carolina Maria de Jesus*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

LUDEMIR, Júlio (Org.). *Cartas para Esperança*. Rio de Janeiro, Rj, Malê Edições, 2022.

LUGONES, María. Colonialidad y género. *Tabula Rasa*, Bogotá, n. 9, p. 73-101, jul./dez. 2008.

LUGONES, María. Hacia un feminismo descolonial. *La manzana de la discordia*, v. 6, n. 2, p. 105-119, 2011.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 935-952, 2014.

MALDONADO-TORRES, Nelson (2007). Sobre La colonialidad Del ser: contribuciones al desarrollo de um concepto. In: CASTRO-GOMEZ, S.; GROSFOGUEL, R. (Org.). *El giro decolonial Reflexiones para una diversidad epistémica más Allá Del capitalismo global*. Bogotá: Universidad Javeriana-Instituto Pensar, Universidad Central-IESCO, Siglo Del Hombre editores.

MORAES, Wallace dos Santos de. 2013 Revolta dos Governados ou, para quem esteve presente, Revolta do Vinagre. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2018a.

MORAES, Wallace dos Santos de. A Revolta dos governados do inverno-primavera de 2013 no Brasil e suas interpretações. In: FERREIRA, Andrey C. (Org.). *Pensamento e práticas insurgentes: anarquismo e autonomias nos levantes e resistências do capitalismo no século XXI*. Niterói: Alternativa, 2016.

MORAES, Wallace dos Santos de. Crítica à Estadolatria: contribuições da filosofia anarquista à perspectiva antirracista e decolonial. *Revista Teoliterária*, v. 10, n.º 21, p. 54-78, 2020.

MORAES, Wallace dos Santos de. Estadolatria, Plutocracias, Governanças sociais e institucionais: Preâmbulo de um paradigma anarquista de análise. *Otal*, abr. de 2018b. Disponível em: Acesso em 20 de Abr. de 2022.

MORAES, Wallace dos Santos de. A necrofilia colonialista outrocida no Brasil. *Revista Estudos Libertários*, Rio de Janeiro, v. 2. n. 3; ed. especial 1, p. 1-19, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/estudoslibertarios/article/view/34104/19176>. Acesso em: 21 abr. 2022.

MEIHY, J. Carlos Sebe Bom; LEVINE, Robert M. *Cinderela negra: a saga de Carolina Maria de Jesus*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

MIGNOLO, Walter. *Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Trad. Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MIGNOLO, Walter D. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade*, n. 34, p. 287-324, 2008.

MIGNOLO, Walter. Colonialidade: O lado mais escuro da modernidade. Trad. Marco Oliveira. *Revista Brasileira de Ciências Sociais RBCS*, v. 32 n.º 94 junho, 2016. p. 1-18.

MIGNOLO, Walter. (2004). Os esplendores e as misérias da “ciência”: colonialidade, geopolítica do conhecimento e pluri-versalidade epistêmica. In B. d. Santos, *Conhecimento prudente para uma vida decente: “um discurso sobre as ciências sociais” revisitado* (pp. 667-707). São Paulo: Cortez Editora.

MIGNOLO; Walter. *Cuáles son los temas de género y (des)colonialidad? Género y descolonialidad*. 2. ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2014.

MIRANDA, F. R. A escrita de si. In F. R. Miranda, *Os caminhos literários de Carolina Maria de Jesus: experiência marginal e construção estética*, 2013.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. *Conceptualizing Gender: The Eurocentric Foundations of Feminist Concepts and the Challenge of African Epistemologies*. *African Gender Scholarship: Concepts, Methodologies and Paradigms*, v.1, Dakar, CODESRIA, p.1-8, 2004.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. *The Invention of Women: Making an African Sense of Western Gender Discourses*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. *Gender Epistemologies in Africa: Gendering Traditions, Spaces, Social Institutions, and Identities*. New York: Palgrave, 2011.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. *What Gender is Motherhood? Changing Yorùbá Ideals of Power, Procreation, and Identity in the Age of Modernity*. New York: Palgrave, 2016.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. *Jornada pela academia*. Tradução para uso didático de Oyeronke Oyewumi: *Journe Through Academe*, disponível em <https://pt.scribd.com/document/221361499/OyewumiThe-Journey-Through-Academe>, por Aline Matos da Rocha. Revisão de Wanderson Flor do Nascimento. Disponível em: <<https://filosofia-africana.weebly.com/>>. Acesso em: 21 de agosto de 2021.

SANTOS, N. S. *Tornar-se negro ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*, Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

SEGATO, Rita. *Género, política e hibridismo em la transnacionalización de la culyura Yoruba*. *Estudios Afro-Asiáticos*, ano 25, n. 2, p. 333-363, 2003. SEGATO, Rita Laura. *La guerra contra las mujeres*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Prometeo Libros, 2018.

PIEIDADE, Vilma. *Dororidade*. Nos Editora, Rio de Janeiro, 2017.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder y clasificación social. In: Quijano, Aníbal. Cuestiones y horizontes: de la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder. Buenos Aires: 2014.

QUIJANO, Aníbal. A colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Buenos Aires> CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciências Sociales, 2005a.

QUIJANO, Aníbal, 2005b: “El ‘Movimiento Indígena’ y las cuestiones pendientes en América Latina”. Revista Tareas, nº 119, enero-abril. CELA: 31-62.

RIBEIRO, Esmeralda. A obra de Carolina Maria de Jesus”. In: DUARTE, Constância, DUARTE, Eduardo e BEZERRA, Kátia (orgs.) Gênero e representação na literatura Brasileira, Col. Mulher & Literatura, Vol. 2. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

RUFINO, Luiz. Pedagogia das encruzilhadas. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

TRUTH, Sojourner. “The Narrative of Sojourner Truth” em. Tradução livre. Cf. também sua autobiografia.

WALSH, Catherine. Interculturalidade crítica e pedagogia Decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver. In: CANDAU, Vera (Org.). Educação Intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas. Rio de Janeiro: 07 Letras, 2009.

WALTER, Nicolas. Do anarquismo. São Paulo: editora Imaginário, 2000.



1 Identificação do tipo de material

Tese Dissertação Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação ou Especialização)

2 Identificação do documento

Unidade: Universidade Federal do Rio de Janeiro

Programa de Pós- Graduação:

Autor: Ana Lúcia da Silva Raia

RG: 0081.84.552-1

CPF: 003.638.527-19

E-mail: raiaanalucia@gmail.com

Celular: (21)99941-3020

Título do Trabalho:

ESCREVIVÊNCIAS E QUARTO DE DESPEJO: Quem irá contar essa história?

Orientador(a): Wallace dos Santos de Moraes

Coorientador(a):

Data de defesa: 12/12/2024

3 Informações de acesso ao documento

Este trabalho contém dados sigilosos de seres humanos?*

Sim Não

* Nome completo, Identidade, CPF, endereço, e-mail, orientação sexual, informações de saúde, religião ou posicionamento político.

Este trabalho ocasionará registro de patente?***

Sim Não

**** Esta classificação poderá ser mantida por até um ano a partir da defesa ou conclusão do trabalho.** Após esse período a íntegra do trabalho será disponibilizada na base de dados institucional. **A extensão deste prazo poderá ser requerida por até duas vezes, necessitando de justificativa e não ultrapassando o máximo de 36 meses.**

AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFRJ

Autorizo a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), a disponibilizar gratuitamente, sem ressarcimento dos direitos autorais, o texto integral da publicação supracitada, de minha autoria, em seu site, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão pela Internet, a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade a partir da data:

Local

Data

Assinatura do(a) autor(a) ou seu representante legal